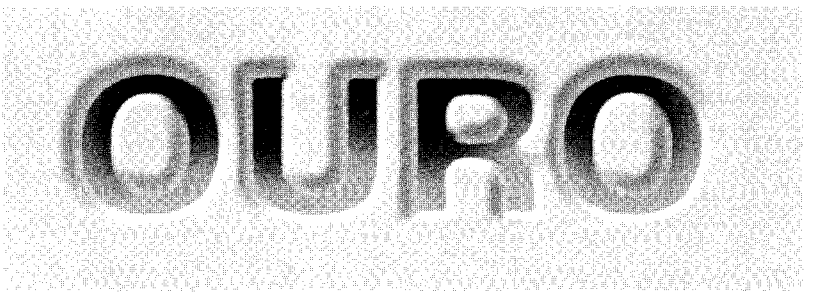
Discernindo a Verdade
em uma Época de Erro

OURO de TOLO?

editado por

JOHN MACARTHUR

JOHN MACARTHUR



DE TOLO?

DISCERNINDO A VERDADE
EM UMA ÉPOCA DE ERRO

EDITORA FIEL

Ouro de Tolo?

Discernindo a Verdade em uma Época de Erro

Traduzido do original em inglês:
Fool's Gold?
Discerning Truth in an Age of Error

Copyright © Crossway Books

ISBN Nº. 85-99145-20-7

Primeira edição em português © 2006 Editora Fiel

Todos os direitos reservados. É proibida a
reprodução deste livro, no todo ou em parte,
sem a permissão escrita dos Editores.

Tradução: Maurício Fonseca dos Santos Junior
Revisão: Marilene Paschoal
Francisco Wellington Ferreira
Ana Paula Eusébio Pereira
Daniel Deeds
Diagramação: Christiane de Medeiros dos Santos
Capa: Edvanio Silva
Direção de Arte: Rick Denham

Editora Fiel da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 81
12201-970 São José dos Campos - SP

Dedicado aos pastores e líderes de igreja fiéis que têm sido nossos colegas na Shepherd's Conference e Shepherd's Fellowship.

Que o Senhor abençoe o ministério de vocês, enquanto continuam a servi-Lo.

Índice

Contribuidores 7
Introdução do Editor *John MacArthur* 9

PARTE UM

Promovendo o Discernimento em uma Época de Aceitação Cega

1 Nem Tudo que Reluz... Um Chamado ao Discernimento Bíblico *John MacArthur* 15

2 Pregação Superficial: As Conseqüências Devastadoras de uma Mensagem Diluída *John MacArthur* 33

PARTE DOIS

Praticando o Discernimento em sua Livraria Local

3 Um Senso de Propósito: Avaliando as Alegações de "Uma Vida com Propósitos" *Nathan Busenitz* 45

4 A Velha Perspectiva Sobre Paulo: Uma Introdução Crítica de "O Que São Paulo Realmente Disse" *Phil Johnson* 63

5 Vagueando de Modo Selvagem: Investigando a Mensagem de "Coração Selvagem" *Daniel Gillespie* 83

6 Quando a Verdade se Torna um Tablóide: Um Exame Atencioso em "The Revolve New Testament" *Rick Holland* 103

PARTE TRÊS

Praticando o Discernimento em sua Igreja Local

7 Rocha Firme? O que a Bíblia Diz Sobre a Música de Adoração Comtemporânea *John MacArthur* 119

8 Tal Qual Estou: Consideração Sobre o Sistema de Apelo *Carey Hardy* 141

9 Assim Brilhe a Vossa Luz: Examinando a Abordagem Cristã sobre a Política *Phil Johnson* 157

10 Controlando as Escolhas: Combatendo o Consumismo com uma Mentalidade Bíblica *Kurt Gebhards* 177

PARTE QUATRO

Seguindo o Discernimento em sua Vida Diária

11 Campo de Batalha: Teologia para Desenvolvermos Discernimento *Dan Dumas* 193

12 Guardando a Fé: Um Plano Prático para o Discernimento Pessoal *John MacArthur* 211

Contribuidores

Carey Hardy é pastor executivo sênior na Grace Community Church e assistente pessoal de John MacArthur. Também pastoreia o grupo de comunhão Mainstream (um ministério para famílias e jovens casados). Além disso, é professor adjunto no Master's Seminary. Formou-se ali em 1996. Antes de vir à Grace Community Church, Carey era diretor de uma escola cristã e ministro de louvor no Texas. Ele e sua esposa, Pam, têm quatro filhos, Christen, Nathan, Luke e Catherine.

Dan Dumas serve como pastor executivo da Grace Community Church. É pastor do grupo de comunhão Cornerstone (um ministério para famílias e jovens casados). Também supervisiona o planejamento e a realização de conferências. Dan se formou no Master's Seminary em 2001. Antes de chegar à Grace Community Church, serviu como pastor de universitários e solteiros na Westside Baptist Church, em Jacksonville (Flórida), e na Cottage Hill Baptist Church, em Mobile (Alabama). Ele e sua esposa, Jane, têm um filho, Aidan.

Daniel Gillespie é diretor da Shepherd's Conference (conferência anual de pastores, da Grace Community Church) e do Expositor's Institute (um curso anual de formação de pregadores, da Grace Community Church). Antes de se mudar para a Califórnia, Daniel estava envolvido em um ministério no campus da North Carolina State University. Formou-se no Master's Seminary em 2004. Ele e sua esposa, Lisa, têm um filho, Jacob.

John MacArthur, pastor e professor na Grace Community Church desde 1969, é o presidente do Master's College and Seminary. Ouvido diariamente no programa de rádio *Grace to You,* transmitido

para todos os Estados Unidos. Além disso, é autor de quase 100 livros. Ele e sua esposa, Patrícia, têm quatro filhos, Matthew, Marcy, Mark e Melinda; e treze netos.

Kurth Gebhards pastoreia o ministério The Foundry (para pessoas solteiras entre vinte e trinta anos, da Grace Community Church). Também dirige o Logos Equipping Ministries (instituto bíblico para leigos). Kurt se formou em Teologia em 2001 e completou seu mestrado na mesma área em 2004, ambos no Master's Seminary. Kurt e sua esposa, Julie, têm três filhos, Reilly, Shea e McKinley.

Nathan Busenitz é diretor da Shepherd's Fellowship (uma associação não-denominacional de igrejas liderada pela Grace Community Church) e professor adjunto no Master's College and Seminary. Além disso, é editor da revista on-line *Pulpit,* da Shepherd's Fellowship. Formou-se no Master's Seminary em 2002. Ele e sua esposa, Bethany, têm dois filhos, Ashley e Isaac. Nathan é autor do livro *Living a Life of Hope* (Barbour Books, 2003).

Phil Johnson é diretor executivo do *Grace to You* (ministério de fitas cassetes e radiodifusão de John MacArthur). É pastor do grupo de comunhão Grace Life (um ministério para famílias na Grace Church) e editor executivo da revista *Pulpit.* Ele tem estado muito envolvido no ministério de John MacArthur, desde 1981, e editou a maioria de seus principais livros. Antes de se mudar para a Califórnia, Phil era pastor adjunto na Flórida e editor na Moody Press. Phil e sua esposa, Darlene, têm três filhos, Jeremiah, Jedidiah e Jonathan.

Rick Holland é diretor do ministério para estudantes e pastor de universitários na Grace Community Church. Ele tem servido no ministério de jovens por mais de vinte e dois anos; também é professor adjunto de Ministérios para Jovens no Master's College. É diretor do curso de Doutorado em Ministério, no Master's Seminary. Concluiu seu mestrado em Teologia no Master's Seminary, em 1994, e seu doutorado em Ministério no Southern Baptist Theological Seminary, em 2003. Rick e sua esposa, Kim, têm três filhos, Luke, John e Mark.

Introdução do Editor

John MacArthur

Certa vez, uma mulher me escreveu para dizer que pensava que o cristianismo era bom, mas ela, em particular, era ligada ao zen-budismo. Gostava de ouvir a rádio evangélica, enquanto dirigia, porque a música "aliviava o seu carma". Mas, ocasionalmente, ela sintonizava um dos ministérios de ensino bíblico. Em sua opinião, todos os pregadores que ouvira tinham a mente muito fechada no que diz respeito a outras religiões; por isso, ela decidira escrever para vários pastores que ministravam no rádio e encorajá-los a terem a mente mais aberta.

"Deus não se importa com *o que* você acredita, contanto que seja sincero", ela escreveu, ecoando uma opinião que tenho ouvido muitas vezes. "Todas as religiões nos levam, finalmente, à mesma realidade. Não importa que estrada você tome para chegar lá, contanto que siga com fidelidade o caminho escolhido por você mesmo. Não critique os caminhos alternativos que as outras pessoas escolhem."

Para aqueles que aceitam a Bíblia como a Palavra de Deus, a loucura desse raciocínio deve ser logo evidente. Se as conseqüências do que acreditamos significam a diferença entre certo e errado, o agradar a Deus e o receber sua punição, a vida e a morte, então, precisamos ter certeza de que aquilo em que cremos está baseado

num pensamento claro. Em outras palavras, precisamos exercitar o discernimento.

De fato, o discernimento está tão na moda, em nossa cultura, quanto a verdade absoluta e a humildade. Fazer distinções e julgamentos claros contradiz os valores relativistas da cultura moderna. O pluralismo e a diversidade têm sido exaltados como virtudes mais elevadas do que a verdade. Não devemos estabelecer limites definitivos ou afirmar qualquer absoluto. Isto é considerado retrógrado, antiquado, deselegante. E, embora esta atitude para com o discernimento bíblico seja esperada do mundo secular, ela tem sido lamentavelmente abraçada por um número cada vez maior de cristãos evangélicos.

Como resultado, o evangelicalismo tem começado a perder as características que o distinguia do mundo – preferindo freqüentemente a tolerância à verdade. A maioria dos evangélicos não está aceitando o islamismo, hinduísmo ou outras religiões anticristãs. Entretanto, muitos parecem imaginar que não importa realmente o que você crê, contanto que tenha o nome de cristão. Com exceção de algumas seitas que rejeitam ostensivamente a Trindade, quase tudo o mais que for ensinado em nome de Cristo é aceito pelos evangélicos – desde o catolicismo romano (o qual nega que os pecadores são justificados somente pela fé) ao movimento Palavra da Fé (que corrompe a doutrina de Cristo, ao fazer da saúde e da riqueza temporal o foco da salvação).

Em nome da unidade, esses assuntos de doutrina *jamais* devem ser contestados. Somos encorajados a insistir em nada mais do que uma simples afirmação de fé em Jesus. Além disso, o *conteúdo* específico da fé deve ser um assunto de preferências pessoais.

É claro que esta atitude geral de aceitação não é nova; a igreja tem travado uma luta contínua sobre o assunto de discernimento doutrinário, pelo menos desde o início do século XX. Este mesmo apelo para que tenhamos uma mente mais aberta no que concerne a padrões e crenças religiosas sempre esteve no topo da agenda do liberalismo teológico. Na verdade, isto é exatamente o que o termo *liberal* significava originalmente. A novidade nos apelos à tolerância, em nossos dias, é que eles vêm de dentro do evangelicalismo.

Nada é mais desesperadamente necessário à igreja contemporânea do que um novo movimento para enfatizar, outra vez, a necessidade de discernimento bíblico. Sem um movimento assim, a verdadeira igreja está em sérios apuros. Se a ânsia atual por um compromisso ecumênico, santificação pragmática e sucesso numérico continuar ganhando espaço no evangelicalismo, o resultado será um desastre espiritual absoluto.

Este livro, portanto, é um apelo ao discernimento. É um lembrete de que a verdade de Deus é um bem precioso que deve ser tratado com cuidado – e não diluído em crenças extravagantes ou amarrado às tradições humanas. Quando igrejas ou crentes individuais perdem sua resolução de discernir entre a sã doutrina e o erro, entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira, eles se abrem a todo tipo de engano. Mas aqueles que aplicam consistentemente o discernimento bíblico, em todas as áreas da vida, podem ter a certeza de caminhar na sabedoria do Senhor (Pv 2.1-6).

Em contraste, os crentes contemporâneos se conformam com a opinião de que poucas coisas precisam ser definidas com exatidão. Assuntos doutrinários, questões morais e princípios cristãos são todos classificados como ambíguos. Toda pessoa é encorajada a fazer aquilo que é certo aos seus próprios olhos – exatamente o que Deus proíbe (Dt 12.8; Jz 17.6; 21.25).

A igreja jamais manifestará seu poder na sociedade, se não recuperar um amor ardente pela verdade e aversão à mentira. O verdadeiro crente não pode fechar os olhos ou negligenciar as influências anticristãs em seu meio, esperando desfrutar das bênçãos de Deus. "E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz" (Rm 13.11-12). Portanto, "também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus" (Fp 1.9-11).

PARTE UM

Promovendo o Discernimento em uma Época de Aceitação Cega

1

Nem Tudo que Reluz...

Um Chamado ao Discernimento Bíblico[1]

John MacArthur

Este capítulo lança as bases para o discernimento bíblico — um alicerce de importância crucial, mas freqüentemente negligenciado em nossa cultura pós-moderna. Cada capítulo subseqüente deste livro constrói sobre este alicerce, aplicando os princípios aqui encontrados a diversas tendências que têm surgido no cristianismo. Numa época de tanta tolerância, muitos crentes têm perdido a clareza bíblica, trocando-a por uma vida de confusão e comprometimento. Eles aceitam coisas demais, com pouquíssimo discernimento. Mas a Palavra de Deus deixa claro que nem tudo que reluz é ouro; erros doutrinários multiplicam-se

---

[1] Este capítulo é uma adaptação de um capítulo de *Reckless Faith.* Wheaton, IL: Crossway Books, 1994.

em todo canto, a tentação de aceitá-los é grande, e os riscos envolvidos são eternos. Deus nos chama, como seu povo, a distinguir o bem do mal. É por isso que precisamos de discernimento bíblico.

Eureca!

Esta é uma simples palavra grega, com apenas seis letras. Mas para uma geração de caçadores de tesouros, no fim da década de 1840, ela se tornou um lema de vida. Significando "Achei!", o termo veio supostamente de Arquimedes, o matemático grego que gritou: "Eureca! Eureca!", quando conseguiu determinar a quantidade de ouro que havia na coroa do rei Hiero. Todavia, para James Marshall (que descobriu ouro em Sutter's Mill, em 1848) e para muitos de seus contemporâneos, o termo assumiu um significado novo. Para eles, "eureca" significava riquezas instantâneas, aposentadoria precoce e uma vida tranqüila, sem preocupações. Não admiramos que a Califórnia (chamada de Estado Dourado) inclua esta palavra em seu brasão oficial, junto da figura de um zeloso minerador.

As notícias sobre a descoberta de Marshall correram rápido por todo o país. Em 1850, mais de 75.000 esperançosos viajaram por terra para a Califórnia, e outros 40.000, por mar. Quer por carroça, quer por barco, a viagem era árdua, enquanto os aventureiros deixavam amigos e família para trás, em busca de vasta fortuna. E, quando finalmente chegavam a São Francisco, as minas de ouro mais próximas ficavam a 240km. Apesar disso, muitos desses aventureiros destemidos montavam bravamente seus acampamentos e começavam a cavar.

Ao chegarem aos seus mais variados destinos, os exploradores aprendiam rapidamente que nem tudo que parecia ser ouro realmente o era. Leitos de rios e minas nas rochas podiam estar cheios de pedrinhas douradas que não possuía qualquer valor. Esse "ouro de tolo" era pirita de ferro; e os mineradores tinham de ser hábeis em distingui-la do ouro verdadeiro. A sua vida dependia disso.

Os mineradores mais experientes percebiam a diferença apenas olhando para a rocha. Mas, em alguns casos, a distinção não ficava muito evidente. Por isso, eles desenvolveram testes para discernir o

genuíno do falso. Um dos testes envolvia o morder a pepita em questão. O ouro verdadeiro é mais macio do que o dente humano, enquanto o ouro de tolo é mais duro: um dente quebrado significava que o explorador tinha de continuar cavando. Um segundo teste envolvia o raspar a pepita em um pedaço de pedra branca, como cerâmica. O verdadeiro ouro deixa um risco amarelo, enquanto o resíduo deixado pelo ouro de tolo é preto-esverdeado. Em qualquer dos casos, o minerador confiava nos testes para autenticar o seu achado — tanto a sua fortuna quanto o seu futuro dependiam dos resultados.

No que se refere à doutrina, a igreja de hoje está numa posição semelhante à dos que buscavam o ouro da Califórnia, em 1850. Riquezas espirituais são prometidas em todo canto. Novos programas, filosofias e ministérios para-eclesiásticos – cada um deles brilha um pouco mais do que o anterior, prometendo resultados melhores e retornos maiores. Todavia, assim como ocorria na metade do século XIX, o fato de que estão brilhando não significa que são bons. Os crentes precisam ser igualmente cautelosos quanto ao "ouro de tolo". Não devemos aceitar as novas tendências (ou as velhas tradições) sem antes testá-las para verificar se têm a aprovação de Deus. Se falharem no teste, devemos rejeitá-las e alertar os outros. Mas, se passarem no teste de fidelidade à Palavra de Deus, então, podemos aceitá-las e defendê-las com sinceridade.

Os mineradores da Califórnia só gritavam "Eureca!" quando encontravam ouro verdadeiro. Como cristãos, devemos ter o cuidado de fazer o mesmo.

Nossa Necessidade de Discernimento

Ao considerarmos os mineradores do século XIX, somos lembrados da necessidade de discriminar entre a verdade e a falsidade. No uso moderno, a palavra *discriminação* carrega fortes conotações negativas. Mas a palavra, em si mesma, não é negativa. *Discriminar* significa simplesmente "fazer uma distinção clara". Costumávamos chamar alguém de "discriminador" quando ele exercia julgamento perspicaz. "Discriminação" significava uma habilidade positiva de traçar uma linha entre o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o certo

e o errado. No auge do movimento americano pelos direitos civis, a palavra foi usada amplamente para se referir à intolerância racial. E, na verdade, pessoas que fazem distinções injustas entre as raças são culpadas de uma forma errada de discriminação.

Infelizmente, a própria palavra acabou assumindo essa conotação negativa, e a sua implicação sinistra é geralmente transferida a qualquer pessoa que tente exercer algum tipo de discriminação. Ver a homossexualidade como algo imoral (1 Co 6.9-10; 1 Tm 1.9-10) é agora condenado, pelos politicamente corretos, como uma forma inaceitável de discriminação. Sugerir que as esposas devem se submeter a seu próprio marido (Ef 5.22; Cl 3.18) é agora classificado como discriminação injusta. Sugerir que os filhos precisam obedecer aos pais (Ef 6.1) também é rotulado, por alguns, como discriminação injusta. Qualquer pessoa que "discriminar" destas maneiras corre o risco de se tornar alvo de ações judiciais.

A própria idéia de discriminação se tornou digna de desaprovação. Não devemos "traçar linhas" de separação. Espera-se que não estabeleçamos diferenças. Este é o espírito desta época e, infelizmente, tem entrado sorrateiramente na igreja.

Se queremos ser pessoas de discernimento, temos de desenvolver a habilidade de discriminar entre a verdade e a mentira, o bem e o mal. As línguas originais das Escrituras transmitiam esta idéia. A principal palavra hebraica que expressa a idéia de "discernimento" é *bin*. Esta palavra e suas variantes são usadas centenas de vezes no Antigo Testamento. Ela é traduzida geralmente como "discernimento", "entendimento", "habilidade" ou "cuidado". Mas, na língua original, ela transmite a mesma idéia de nossa palavra *discriminação*. Inclui a idéia de fazer distinções. Jay Adams observa que a palavra *bin* "está relacionada ao substantivo *bayin*, que significa 'intervalo' ou 'espaço entre', e à preposição *ben*, 'entre'. Em essência, *bin* significa separar coisas através de seus pontos de diferença, a fim de distinguilas."[2] Logo, d*iscernimento* é sinônimo de *discriminação*. Na verdade,

---

[2] Adams, Jay E. *A call to discernment.* Eugene, OR: Harvest House, 1987, p. 46.

o verbo grego traduzido "discernir", no Novo Testamento, é *diakrinô*, que significa "fazer uma distinção" e foi traduzido literalmente em Atos 15.9.

Discernimento é o processo de fazer distinções cuidadosas em nosso pensamento sobre a verdade. Uma pessoa de discernimento é aquela que estabelece uma distinção clara entre a verdade e a mentira. Discernir é pensar separando o preto e o branco — é a recusa consciente de pintar cada assunto com tons variados de cinza. Ninguém pode discernir verdadeiramente, sem desenvolver a habilidade de separar a verdade divina e a mentira.

A Escritura nos ensina *como* discernir? É claro que sim. Paulo resume todo o processo em 1 Tessalonicenses 5.21-22: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal". Nesta passagem, em três exortações sinceras, Paulo delineia as exigências de uma mente que exerce discernimento.

Julgue Todas as Coisas

Estabeleçamos de modo breve o contexto da passagem. Começando com o versículo 16, Paulo lista alguns lembretes curtos dirigidos aos crentes de Tessalônica. Estes poderiam ser considerados as atitudes básicas da vida cristã: "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias". Regozijo, oração, contentamento, sensibilidade à pregação da Palavra de Deus — todas estas são obrigações fundamentais de todo crente.

Outra obrigação é o discernimento. "Julgai todas as coisas" (v. 21) é um chamado ao discernimento. É significativo que Paulo tenha colocado o discernimento num contexto de mandamentos tão básicos. O discernimento é tão crucial à vida cristã eficaz quanto a oração e o contentamento.

Isto pode surpreender alguns crentes que vêem o discernimento apenas como uma responsabilidade pastoral. É verdade que pastores e presbíteros têm o dever de possuir mais discernimento do que os outros crentes. Boa parte das exortações ao discernimento, no Novo

Testamento, são dirigidas aos líderes da igreja (1 Tm 4.6-7, 13, 16; Tt 1.9). Todo presbítero tem de ser hábil no ensino da verdade e capaz de refutar as doutrinas falsas. Como pastor, estou ciente desta responsabilidade. Por exemplo, tudo que eu leio passa por um filtro de discriminação em minha mente. Se você pudesse visitar minha biblioteca, identificaria imediatamente os livros que já li. As bordas estão marcadas. Em alguns livros, você veria notas de aprovação e textos sublinhados com força. Em outros, encontraria pontos de interrogação — ou traços vermelhos sobre o texto. Em todo o tempo, me esforço para separar o erro da verdade. Leio deste modo, penso deste modo e, obviamente, prego deste modo. Minha paixão é conhecer a verdade e proclamá-la com autoridade. Esta deve ser a paixão de todo pastor, porque tudo que ensinamos afeta o coração e a vida daqueles que nos ouvem. É uma responsabilidade tremenda. Qualquer líder de igreja que não sente a importância desta tarefa deve afastar-se da liderança.

Mas o discernimento não é obrigação *somente* dos pastores e presbíteros. O mesmo discernimento cauteloso que Paulo exigiu dos pastores e presbíteros também é um dever de todo crente. 1 Tessalonicenses 5.21 foi escrito à *igreja*: "Julgai todas as coisas".

O texto grego não é complexo, de maneira alguma. Se traduzirmos a frase literalmente, descobriremos que diz apenas: "Examinem todas as coisas". A palavra grega traduzida por "julgai" (*dokimazō*) é comum no Novo Testamento. Em outras passagens, ela é traduzida por "aprovar", "discernir" ou "provar"; e se refere ao processo de testar alguma coisa, a fim de revelar sua autenticidade, tal como no teste de metais preciosos. Paulo está exortando os crentes a examinarem todas as coisas que ouvem para verificar se são genuínas, distinguindo o verdadeiro do falso, separando o bem do mal. Em outras palavras, Paulo quer que os crentes examinem tudo de forma *crítica*. "Testem todas as coisas", ele está dizendo. "Julgai todas as coisas."

Espere um momento. O que significa Mateus 7.1 ("Não julgueis, para que não sejais julgados")? Geralmente, alguns citam este versículo e sugerem que ele descarta qualquer tipo de avaliação crítica ou analítica daquilo em que os outros crêem. Jesus estava proibindo os

crentes de julgarem o que era ensinado em seu nome?

É claro que não. O discernimento espiritual para o qual Paulo nos chama é diferente da atitude hipócrita e crítica que Jesus proibiu. Em Mateus 7, Jesus prossegue dizendo:

> *Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.* (vv. 2-5)

Obviamente, o que Jesus estava condenando era o julgamento hipócrita daqueles que exigiam dos outros um padrão mais elevado do que o padrão segundo o qual eles mesmos estavam dispostos a viver. Jesus não estava sugerindo que *todo* tipo de julgamento é proibido. Na verdade, Ele indicou que tirar o argueiro do olho do irmão é a coisa *certa* a fazermos — se antes tiramos a trave de nosso próprio olho.

Em outras passagens das Escrituras, somos proibidos de julgar os motivos e atitudes dos outros. Não somos capazes de "discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Isto é prerrogativa divina. Apenas Deus pode julgar o coração, porque somente Ele pode vê-lo (1 Sm 16.7). Somente Deus conhece os segredos do coração (Sl 44.21) e pode avaliar nossos motivos (Pv 16.2). E, "por meio de Cristo Jesus", Deus julgará os segredos dos homens (Rm 2.16). Este não é o nosso papel. "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus" (1 Co 4.5).

O que Deus proíbe é o julgamento hipócrita e o julgamento dos motivos e pensamentos dos outros. Outras formas de julgamento são explicitamente ordenadas. Em toda a Bíblia, o povo de Deus é exortado a julgar entre a verdade e a heresia, entre o certo e o errado, entre o

bem e o mal. Jesus disse: "Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça" (Jo 7.24). Paulo escreveu aos crentes de Corinto: "Falo como a criteriosos; julgai vós mesmos o que digo" (1 Co 10.15). Claramente, Deus *exige* que exerçamos discriminação no que diz respeito à sã doutrina.

Também devemos julgar uns aos outros em relação a pecados públicos. Paulo escreveu: "Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor" (1 Co 5.12-13). Ele estava falando sobre o mesmo processo de disciplina esboçado por Jesus em Mateus 18.15-20.

Pelo menos mais um tipo de julgamento é exigido de todo crente. Precisamos examinar e julgar a nós mesmos: "Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados" (1 Co 11.31). Este versículo nos exorta a um exame e julgamento cuidadoso de nosso próprio coração. Paulo nos chama a esse auto-exame toda vez que participamos da Ceia do Senhor (v. 28). Todas as outras formas corretas de julgamento dependem de um auto-exame honesto. Era isso que Jesus tinha em mente quando disse: "Tira primeiro a trave do teu olho" (Lc 6.42).

Portanto, o mandamento de 1 Tessalonicenses 5.21 — "Julgai todas as coisas" — não contradiz, de maneira alguma, a exortação bíblica de não julgarmos. O discernimento exigido nesta passagem é um discernimento *doutrinário*. Algumas traduções apresentam uma conjunção no início do versículo — "*mas* ponham à prova todas as coisas" (NVI) — que o relaciona com a palavra "profecias", mencionada no versículo 20.

Uma profecia não era necessariamente uma nova revelação. O dom da profecia no Novo Testamento está mais relacionado a *proclamar* a Palavra de Deus do que a *recebê-la*. No contexto desta passagem, a palavra se refere claramente a qualquer mensagem espiritual que os tessalonicenses recebiam — qualquer mensagem que alegasse ter a aprovação ou a autoridade divina.

Os ingênuos tessalonicenses pareciam ter um problema nesta área. Como muitos em nossos dias, eles estavam ávidos por acreditar em qualquer coisa que fosse pregada em nome de Cristo. Eles não

faziam discriminação. Por isso, em ambas as epístolas aos tessalonicenses, Paulo se refere a esta falta de discernimento. Por exemplo, na primeira epístola há evidência de que alguém havia confundido os tessalonicenses quanto ao retorno de Cristo. Eles passavam por um tempo de perseguição severa, e, aparentemente, alguns deles pensaram que haviam perdido a segunda vinda de Cristo. No capítulo 3, lemos que Paulo enviara Timóteo especificamente para fortalecê-los e encorajá-los em sua fé (v. 2). Eles estavam bastante confusos sobre a razão por que estavam sendo perseguidos. Paulo tinha de lembrá-los: "Vós mesmos sabeis que estamos designados para isto; pois, quando ainda estávamos convosco, predissemos que íamos ser afligidos (vv. 3-4). Evidentemente, alguém lhes ensinara que, se algum crente morresse antes da segunda vinda de Cristo, perderia esse acontecimento. Eles estavam muito confusos. Os capítulos 4 e 5 descrevem os esforços de Paulo para corrigir essa confusão, mostrando-lhes que os mortos em Cristo ressuscitarão e serão arrebatados juntamente com os vivos (4.16-17). Paulo também lhes assegura que, embora aquele dia venha como um ladrão na noite (5.2), os crentes não precisam temer serem apanhados de surpresa (v. 3-6).

Pouco tempo depois, Paulo teve de escrever-lhes outra epístola, assegurando-lhes *de novo* que não haviam perdido nenhum grande evento no calendário profético. Aparentemente, alguém lhes havia mandado uma epístola falsa, alegando ser Paulo e sugerindo que o dia do Senhor já havia passado. Eles não deveriam ter sido enganados por esse ardil, visto que Paulo escrevera com clareza sobre o assunto na primeira epístola. Ele lhes escreveu novamente: "Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor. Ninguém, de nenhum modo, vos engane" (2 Ts 2.1-3). Não havia desculpas para a profunda ingenuidade deles.

Por que os crentes de Tessalônica eram tão vulneráveis a falsos ensinos? Isso ocorria porque lhes faltava discernimento bíblico. Não examinavam todas as coisas à luz da Palavra de Deus. Se examinassem, jamais teriam sido enganados tão facilmente. Esta é a razão por

que Paulo instou-lhes: "Julgai todas as coisas".

É correto ressaltar que os tessalonicenses estavam em desvantagem, se comparados com os crentes de hoje. Eles não possuíam todos os livros do Novo Testamento. Paulo escreveu aquelas duas cartas à igreja de Tessalônica no início da Era Neotestamentária — aproximadamente, 51 d.C. Essas duas cartas foram escritas no espaço de apenas alguns meses e estão entre os primeiros escritos do Novo Testamento. Para os crentes de Tessalônica, a principal fonte de verdade evangélica oficial era o ensino de Paulo. Como apóstolo, ele ensinava com autoridade absoluta. Quando lhes ensinava, sua mensagem *era* a Palavra de Deus, e os elogiou por aceitarem-na como tal: "Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13). Mais adiante, ele disse que lhes dera mandamentos pela autoridade do Senhor Jesus (4.2).

A *essência* daquilo que Paulo lhes ensinou representava o corpo de verdades disponível para nós em o Novo Testamento. Como o sabemos? O próprio Paulo o disse. Quando escreveu sua epístola inspirada, lembrou-lhes: "Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?" (2 Ts 2.5). A Palavra escrita apenas confirmou e gravou para sempre a verdade oficial que ele já lhes havia ensinado pessoalmente. As epístolas eram uma lembrança escrita daquilo que já tinham ouvido dos lábios de Paulo (1 Ts 4.2).

Isto é confirmado em 2 Tessalonicenses 2.15: "Permanecei firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa". Neste versículo, Paulo declara, em primeiro lugar, que as epístolas dirigidas àqueles crentes eram a verdade oficial, inspirada. Este versículo é uma afirmação clara de que o próprio Paulo considerava estas epístolas como Escritura inspirada.

Observe, porém, que este versículo também une as "tradições" apostólicas à Palavra de Deus escrita. As "tradições" necessárias para que os crentes tenham discernimento estão registradas, para todas as épocas, no texto das Escrituras. Os que alegam que a tradição

apostólica é *outra* verdade, além das Escrituras, geralmente tentam usar este versículo para apoiar sua alegação. Paulo não está dizendo que "as tradições... ensinadas" são *diferentes* da Palavra de Deus escrita. Pelo contrário, ele une as duas coisas, afirmando que a Palavra de Deus escrita é o único registro permanente, que contém autoridade, da tradição apostólica. Paulo está sugerindo especificamente que os tessalonicenses não deveriam confiar nas "palavras faladas" ou em cartas que se faziam passar por apostólicas. Apenas aquilo que tinham ouvido diretamente da boca de Paulo ou lido em suas cartas autênticas deveria ser considerado como a verdade divina repleta de autoridade. Essa era a razão por que Paulo assinava suas cartas com a expressão "de próprio punho" (1 Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18; 2 Ts 3.17; Fm 19).

Tendo isso em mente, 2 Tessalonicenses 2.15 não pode ser usado para sustentar a afirmação de que a "tradição apostólica" extrabíblica e espiritualmente escravizante seja transmitida verbalmente por bispos e papas. Todo o objetivo de Paulo era que os tessalonicenses aceitassem como autoridade somente o que tinham ouvido dos lábios dele mesmo ou recebido de sua própria pena. Este corpo de verdades — a Palavra de Deus — deveria ser o padrão que eles usariam para examinar todas as coisas. Outros dois versículos confirmam isso. Em 2 Tessalonicenses 3.6, Paulo escreveu: "Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes". No versículo 14, ele acrescentou: "Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado".

Por conseguinte, Paulo está afirmando que a Bíblia é o único critério confiável pelo qual os crentes desta época podem avaliar qualquer mensagem que alega ser a verdade de Deus.

Apegue-se ao Que é Bom

O julgar a verdade que Paulo ordena não é apenas um exercício acadêmico. Demanda uma resposta ativa e dupla. Primeiro, há uma resposta positiva para o que é bom: "Retende o que é bom" (1 Ts 5.21). Isto ecoa Romanos 12.9: "Detestai o mal, apegando-vos ao

bem". A expressão "apegando-vos" fala de proteger vigilantemente a verdade. Paulo está demandando a mesma vigilância cautelosa que exigiu de Timóteo em todas as cartas que lhe escreveu: "Tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado" (1 Tm 6.20); "Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste... Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (2 Tm 1.13-14). Em outras palavras, a verdade é deixada sob nossa custódia, e temos a incumbência de protegê-la de toda ameaça possível.

Isto descreve uma postura militante, defensiva e protetora contra qualquer coisa que mine a verdade ou que, de algum modo, lhe cause danos. Precisamos manter a verdade segura, defendê-la zelosamente, preservá-la de todas as ameaças. Aplacar os inimigos da verdade ou baixar a nossa guarda é uma violação deste mandamento.

"Retende" também possui a idéia de aceitar alguma coisa. Vai além da mera anuência ao que é "bom" e fala de amar a verdade com todo o coração. Aqueles que são verdadeiramente capazes de discernir são comprometidos com a sã doutrina, a verdade e tudo aquilo que é inspirado por Deus.

Todo cristão verdadeiro tem esta qualidade em algum nível. Paulo define a salvação como "amor da verdade" (2 Ts 2.10) e disse aos coríntios que eles provariam sua salvação, se retivessem a palavra que ele pregara (1 Co 15.2). Aqueles que falham por completo em reter a mensagem salvífica são os que têm "crido em vão"; isto significa, antes de tudo, que sua fé é vazia. O apóstolo João disse algo parecido: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1 Jo 2.19). Todos os verdadeiros crentes retêm o evangelho.

Paulo estava insistindo em que os crentes de Tessalônica cultivassem e fortalecessem seu amor pela verdade, permitindo que ela governasse seu pensamento. Paulo desejava que eles nutrissem uma dedicação consciente a *toda* a verdade, uma fidelidade à sã doutrina e um exemplo de reter tudo o que era bom.

A atitude que isso exige é incompatível com o pensamento de que devemos deixar a doutrina de lado por amor à unidade. Tal atitude

não pode ser conciliada com a opinião de que as verdades severas devem ser amenizadas, a fim de tornar a Palavra de Deus mais agradável aos incrédulos. É contrária à idéia de que a experiência pessoal tem primazia sobre a verdade objetiva. Deus nos deu sua verdade objetivamente em sua Palavra. Ela é um tesouro que devemos proteger a todo custo.

Isto é o oposto da fé sem discernimento. Nestas palavras de Paulo, não há lugar para a tradição, nem para a fé irracional e cega que se recusa a considerar a autenticidade de seu objeto e aceita sem questionamento tudo que alega ser verdade. Paulo descarta esse tipo de "fé", norteada pelas emoções, sentimentos e imaginação humana. Em vez disso, temos de identificar "o que é bom" por meio do exame cuidadoso, objetivo e racional de todas as coisas — usando as Escrituras como nosso padrão.

Nenhum mestre humano, nenhuma experiência pessoal, nenhum sentimento forte está isento deste teste objetivo. Jay Adams escreveu: "Se as profecias inspiradas da era apostólica tinham de ser submetidas a testes... então, os ensinos dos homens de nossos dias devem ser provados".[3] De fato, se as palavras dos profetas dos tempos apostólicos precisavam ser examinadas e avaliadas, certamente devemos sujeitar as palavras daqueles que hoje se declaram "profetas" e pregadores a um escrutínio ainda mais intenso, à luz de todo o Novo Testamento. Isso também dever ser feito com qualquer emoção ou experiência subjetiva. Experiência e sentimentos — não importa quão fortes sejam — não determinam o que é a verdade. Em vez disso, elas mesmas devem ser submetidas aos testes.

"O que é bom" é a verdade que se harmoniza com a Palavra de Deus. A palavra "bom" é *kalos*, que significa algo inerentemente bom. Não é apenas uma coisa de boa aparência, bonita ou amável. Esta palavra fala de algo bom em si mesmo — genuíno, verdadeiro, nobre, correto e bom. Em outras palavras, "o que é bom" não se refere a entretenimento. Não se refere àquilo que recebe elogios do

---

[3] Idem, p. 75.

mundo. Não se refere àquilo que satisfaz à carne. Refere-se ao que é bom, verdadeiro, correto, autêntico, fidedigno — aquilo que se harmoniza com a infalível Palavra de Deus.

Quando você encontrar tal verdade, receba-a e guarde-a como um verdadeiro tesouro.

Fuja do Mal

O outro lado do mandamento de Paulo é darmos uma resposta negativa ao mal: "Abstende-vos de toda forma de mal" (1 Ts 5.22). A palavra traduzida por "abstende-vos" é um verbo muito forte, *apechō*, que significa "mantenha-se longe", "afaste-se", "aparte-se". É a mesma palavra usada em 1 Tessalonicenses 4.3: "Que vos abstenhais da prostituição" e 1 Pedro 2.11: "A vos absterdes das paixões carnais". Essa ordem exige separação radical de "toda forma de mal", que incluiria, obviamente, um comportamento mau. Mas, neste contexto, a referência principal parece ser ao ensino nocivo — a falsa doutrina. Depois de examinar tudo à luz da Palavra de Deus, quando você identifica alguma coisa que não passa por essa avaliação — alguma coisa que seja má, falsa, errada ou contrária à sã doutrina — evite-a.

A Bíblia não dá aos crentes a permissão de se exporem ao mal. Algumas pessoas acreditam que a única forma de se defender da falsa doutrina é estudá-la, tornar-se proficiente nela e dominar todas as suas nuanças — e, depois, refutá-la. Conheço pessoas que estudam mais as seitas do que a sã doutrina. Alguns cristãos se afundam na filosofia, no entretenimento e na cultura da sociedade. Acham que essa estratégia fortalecerá seu testemunho aos incrédulos.

Mas a ênfase dessa estratégia está errada. Devemos nos focalizar em conhecer a *verdade* e fugir do erro.

Não podemos recuar a ponto de assumir uma vida monástica, para evitarmos a exposição às influências malignas. Tampouco devemos nos tornar especialistas em heresias. O apóstolo Paulo escreveu: "Quero que sejais sábios para o bem e símplices para o mal" (Rm 16.19).

Os agentes federais não aprendem a identificar dinheiro falso estudando as falsificações. Eles estudam as notas verdadeiras até se

tornarem peritos na aparência da coisa verdadeira. Então, quando vêem dinheiro falso, logo o reconhecem. Detectar uma falsificação espiritual requer a mesma disciplina. Torne-se perito na verdade para refutar o erro. Não perca seu tempo estudando as heresias; afaste-se delas. Estude a verdade. Apegue-se à Palavra fiel. Então, você será capaz de exortar com a sã doutrina e convencer aqueles que a contradizem (Tt 1.9). Como Paulo escreveu noutra epístola: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12.21).

Na versão Almeida Revista e Corrigida, 1 Tessalonicenses 5.22 é traduzido como: "Abstende-vos de toda a *aparência* do mal". A palavra traduzida por "aparência" é *eidos*, que significa, literalmente, "aquilo que é visto". A versão *Revista e Atualizada* e a *Nova Versão Internacional* traduziram-na por "*forma*", que dá um sentido melhor à frase. Devemos rejeitar o mal, em qualquer forma que apareça, para fugirmos de todas as suas manifestações.

Isto descarta explicitamente o *sincretismo*. Sincretismo é a prática de combinar idéias de diferentes religiões e filosofias. Lembro-me de um homem que, em certa ocasião, comparou o seu ponto de vista sobre espiritualidade com uma colcha – idéias diferentes de várias religiões criaram o seu ponto de vista da colcha de retalhos religiosa. Ele devorava informações sobre todo tipo de seita e denominação, procurando o bem em todas elas. Tudo o que ele considerava bom, absorvia para o seu sistema de crença. Estava construindo sua própria religião, alicerçada no sincretismo.

Esse homem poderia usar 1 Tessalonicenses 5.21 para justificar sua metodologia: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom". Afinal de contas, isso era o que ele pensava estar fazendo. Mas, na realidade, ele fez o contrário do que esta passagem exige. O versículo 21 é equilibrado com o versículo 22: "Abstende-vos de toda forma de mal".

A única reação apropriada ao falso ensino é afastar-se dele. A falsa doutrina não é o lugar onde devemos procurar a verdade. Pode haver algum resquício de verdade até na mais terrível heresia. No entanto, é uma verdade desequilibrada, corrompida, misturada com mentiras e, por isso mesmo, perigosa. Afaste-se dela.

Satanás é astuto. Ele sabota a verdade misturando-a com heresia. A verdade mesclada com mentiras é muito mais eficaz e destrutiva

do que uma franca contradição da verdade. Se você pensa que tudo que lê ou escuta na rádio e televisão evangélica é ensino confiável, então, é um alvo fácil para as doutrinas falsas. Se você pensa que toda pessoa que *aparenta* amar a verdade realmente a ama, não entende os ardis de Satanás. "O próprio Satanás se transforma em anjo de luz", Paulo escreveu. "Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça" (2 Co 11.14-15).

Satanás também disfarça suas mentiras com a verdade. Ele não está sempre em luta aberta contra o evangelho. É mais provável que ataque a igreja infiltrando-se nela com erros sutis. Satanás usa o estratagema "Cavalo de Tróia", colocando seus falsos mestres *dentro da igreja*, onde "introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras" (2 Pe 2.1). Ele coloca suas mentiras na boca de alguém que alega falar em nome de Jesus Cristo – alguém amável e atraente. Depois, espalha suas terríveis mentiras por toda a igreja, onde podem arrastar os discípulos de Cristo (At 20.30). Utiliza versículos bíblicos em suas mentiras (Mt 4.6). Usa fraude e hipocrisia. Disfarça a mentira com a verdade. Ama o sincretismo e faz com que o mal *pareça* bom.

Esta é a razão por que devemos examinar cuidadosamente *todas as coisas* e nos afastarmos de qualquer coisa errada, corrupta ou falsa. Ela é mortal. Milhões de pessoas, na igreja, estão sendo esmagadas pelo ardil "Cavalo de Tróia", exigindo a integração de idéias seculares com a verdade bíblica. Outras são facilmente enganadas por qualquer coisa rotulada de evangélica. Tais pessoas não julgam tudo. Não retêm a verdade. Não se afastam do mal. Tornam-se vulneráveis à falsa doutrina, sem defesa contra a confusão teológica.

O Motivo Deste Livro

O ensino claro do apóstolo Paulo, em 1 Tessalonicenses 5.21-22, não pode ser evitado ou ignorado. Assim como nos dias da igreja primitiva, a falsa doutrina nos rodeia. Freqüentemente, ela parece muito boa — este é o motivo pelo qual muitos se tornam vítimas de seu engano. Por isso, Deus nos deu a sua Palavra, para que tenhamos um padrão pelo qual podemos examinar toda mensagem espiritual ou

teológica com que nos deparamos.

Nos capítulos seguintes, este livro abordará, à luz da verdade revelada de Deus, vários assuntos relacionados à igreja contemporânea. O objetivo não é demonstrar falta de amor, e sim preservar aquilo que é "primeiramente, puro; depois, pacífico" (Tg 3.17). De fato, a Escritura deixa claro que esse tipo de exame é inerentemente amoroso, visto que o povo de Deus é chamado a pensar biblicamente e a exercer discernimento. Fazer qualquer coisa aquém disso resultará apenas em anemia espiritual (Os 4.6).

Minha oração é que, ao deparar-se com qualquer ensino doutrinário, você seja como os bereanos, que foram mais nobres porque examinaram "as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim" (Atos 17.11).

2

Pregação Superficial:

As Conseqüências Devastadoras de uma Mensagem Diluída

John MacArthur

Havendo estabelecido a importância do discernimento no Capítulo 1, este capítulo trata da sua ausência no cristianismo contemporâneo. Examina as principais razões pelas quais o discernimento é tão escasso na igreja de nossos dias. A culpa é da pregação diluída. Oséias 4.6 registra a avaliação de Deus sobre os líderes espirituais que falham em proclamar fielmente sua mensagem: "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim". Uma pesquisa rápida na pregação moderna revela que muitos púlpitos contemporâneos são dignos desta mesma avaliação. Por quê? Porque eles mudaram todo o conselho de Deus por "bate-papos" superficiais e amigáveis. Quando uma mensagem moral vaga e calorosa, temperada com histórias engraça-

das e encenações ocasionais, substitui o alimento sólido da Palavra de Deus, as conseqüências são devastadoras. Este capítulo, que apareceu originalmente como um artigo na revista Pulpit, *esboça os resultados desastrosos dos púlpitos sem poder e das mensagens que eles representam.*

Aqueles que estão familiarizados com meu ministério sabem que sou comprometido com a pregação expositiva. Tenho uma convicção inabalável de que a proclamação da Palavra de Deus deve sempre ser o âmago e a ênfase do ministério da igreja (2 Tm 4.2). E uma pregação bíblica adequada deve ser sistemática, expositiva, teológica e teocêntrica.

Esse tipo de pregação está em falta nestes dias. Há abundância de comunicadores talentosos no movimento evangélico moderno, porém os sermões de hoje tendem a ser curtos, superficiais e tópicos. Fortalecem o ego das pessoas e centralizam-se em assuntos completamente insípidos como relacionamentos, vida de sucesso, problemas emocionais e outros temas práticos, mas seculares — e não definitivamente *bíblicos*. Assim como os púlpitos de materiais leves e transparentes dos quais as mensagens são apresentadas, esse tipo de pregação não tem peso nem consistência; é barata e sintética, deixando pouco mais do que uma impressão efêmera na mente dos ouvintes.

Há algum tempo mediei uma discussão no *Expositors' Institute,* um pequeno seminário anual sobre pregação que acontece em nossa igreja. Ao me preparar para a palestra, peguei um caderno de anotações, uma caneta e comecei a listar os efeitos negativos desse tipo superficial de pregação, tão predominante no evangelicalismo moderno.

Inicialmente, pensei que seria capaz de identificar pelo menos dez efeitos negativos, mas, no final, eu havia alistado sessenta e uma conseqüências devastadoras. Condensei-as em apenas quinze, combinando e eliminando as menos essenciais. Apresento-as como um aviso contra a pregação superficial e semibíblica — tanto para os pastores, nos púlpitos, quanto para seus ouvintes, nos bancos das igrejas.

1. Usurpa a autoridade de Deus sobre a alma.

Se um pregador proclama ou não a Palavra de Deus com ousadia, isto é uma questão de autoridade. Quem possui o direito de falar à igreja? O pregador ou Deus? Sempre que a Palavra de Deus é substituída por *qualquer outra coisa*, a autoridade de Deus é usurpada. Que atitude arrogante! Na verdade, é difícil imaginar algo mais insolente da parte de um homem chamado por Deus para pregar.

2. Remove da igreja o senhorio de Cristo.

Quem é o cabeça da igreja? Cristo é realmente a autoridade dominante no ensino da igreja? Se isso é verdade, por que há tantas igrejas nas quais a Palavra dEle não está sendo proclamada com fidelidade? Quando observamos o ministério contemporâneo, vemos programas e métodos que são fruto da invenção humana, resultado de pesquisa de opinião pública e avaliação da vizinhança da igreja, além de outros artifícios pragmáticos. Os especialistas em crescimento de igreja têm lutado para assumir o controle das atividades da igreja, tomando-o de seu verdadeiro Cabeça, o Senhor Jesus Cristo. Nossos antepassados puritanos resistiram às liturgias impostas pelo governo exatamente por esta razão: eles viram a imposição como um ataque direto contra a liderança de Cristo em sua própria igreja. Pregadores modernos que negligenciam a Palavra de Deus têm cedido terreno pelo qual homens lutaram e, às vezes, morreram. Quando Jesus Cristo é exaltado no meio de seu povo, seu poder é manifestado na igreja. Quando a igreja é controlada por comprometedores que desejam satisfazer a cultura, o evangelho é minimizado, o verdadeiro poder é perdido, uma energia artificial precisa ser fabricada, e a superficialidade toma o lugar da verdade.

3. Obstrui a obra do Espírito Santo.

Que instrumento o Espírito usa para realizar sua obra? A Palavra

de Deus. Ele usa a Palavra como instrumento de regeneração (1 Pe 1.23; Tg 1.18). Também a usa como meio de santificação (Jo 17.17). Na verdade, a Palavra de Deus é a *única* ferramenta que o Espírito Santo usa (Ef 6.17). Então, quando os pregadores negligenciam a Palavra de Deus, debilitam a obra do Espírito Santo, produzindo conversões superficiais e crentes aleijados em sua vida espiritual — e, talvez, completamente falsos.

4. Demonstra arrogância e falta de submissão.

Nas abordagens modernas de "ministério", a importância da Palavra de Deus é deliberadamente subestimada; o opróbrio de Cristo (Hb 11.26), repudiado com sagacidade; a ofensa do evangelho, removida com cuidado; e a "adoração", moldada com o propósito de se ajustar às preferências dos incrédulos. Isto não é nada mais do que uma *recusa* em se submeter ao mandamento bíblico para a igreja. A insolência dos pastores que seguem um caminho como esse é assustadora para mim.

5. Separa o pregador da graça santificadora proveniente das Escrituras.

O maior benefício pessoal que recebo da pregação é a obra que o Espírito de Deus realiza em minha própria alma, quando estudo e me preparo para duas mensagens expositivas a cada Dia do Senhor. Semana após semana, o dever da exposição cuidadosa mantém o meu coração focalizado e fixo nas Escrituras; e a Palavra de Deus me alimenta, enquanto me preparo para alimentar o rebanho. Deste modo, eu mesmo sou abençoado e fortalecido espiritualmente por meio deste empreendimento. Ainda que não houvesse qualquer outra razão, eu jamais abandonaria a pregação bíblica. O inimigo de nossa alma persegue os pregadores, e a graça santificadora da Palavra de Deus é essencial à nossa proteção.

6. Obscurece a verdadeira profundidade e transcendência de nossa mensagem, ao mesmo tempo que enfraquece tanto a adoração congregacional como a adoração pessoal.

O que hoje é recebido como pregação, em algumas igrejas, é literalmente tão superficial quanto as mensagens que os pregadores de gerações anteriores ministravam em cinco minutos às crianças, antes de mandá-las para casa. Isto não é exagero. As mensagens de hoje são *geralmente* simplistas — se não, vazias por completo. Não há profundidade nelas. Esse tipo de abordagem torna impossível a verdadeira adoração, porque a adoração é uma experiência transcendente. A adoração deveria nos elevar acima do que é mundano e simplista. Portanto, o único meio de ocorrer a verdadeira adoração é começarmos a lidar com a profundeza da verdade espiritual. A adoração de nosso povo se eleva somente à proporção que os conduzimos às profundas verdades da Palavra. Eles não podem ter pensamentos sublimes a respeito de Deus, se não os fazemos mergulhar nas profundezas da auto-revelação de Deus. Mas a pregação de hoje não é profunda nem transcendente. Não se aprofunda nem se eleva às alturas. Almeja apenas entreter.

A verdadeira adoração não é algo que podemos estimular artificialmente. Uma banda maior, mais barulhenta e música sentimental podem até mexer com as emoções das pessoas. Mas isto não é adoração genuína. A verdadeira adoração é uma resposta do coração à *verdade* de Deus (Jo 4.23). Você pode adorar verdadeiramente *sem* música, se vê as glórias e a profundidade daquilo que a Bíblia ensina.

7. Impede o pregador de desenvolver a mente de Cristo.

Os pastores devem estar submissos a Cristo. Muitos pregadores modernos se mostram de tal modo determinados a compreender a

cultura, que desenvolvem a mente da cultura, e não a mente de Cristo. Começam a pensar como o mundo, e não como o Salvador. Sinceramente, as nuanças da cultura mundana são irrelevantes para mim. Quero conhecer a mente de Cristo e usá-la para influenciar a cultura em que eu esteja ministrando, não importando qual seja essa cultura. Se tenho de subir ao púlpito e ser representante de Jesus Cristo, quero conhecer o que *Ele* pensa — isso deve ser também a minha mensagem para o seu povo. A única maneira de conhecer e proclamar a mente de Cristo é ser fiel ao estudo e pregação da sua Palavra. Quando os pregadores ficam obcecados por "relevância" cultural, eles se tornam mundanos e não piedosos.

8. Deprecia, por meio do exemplo dos pregadores, a prioridade e o dever espiritual do estudo bíblico particular.

O estudo bíblico pessoal é importante? Claro que sim! Mas, que exemplo o pregador oferece quando negligencia a Bíblia em sua própria pregação? Por que as pessoas imaginariam que precisam estudar a Bíblia, se o pregador não a estuda com seriedade, ao preparar seus sermões? Existe agora um movimento entre alguns dos gurus do ministério "Sensível aos Interessados" que visa retirar do sermão todas as referências explícitas à Bíblia — e, acima de tudo, nunca peça à sua congregação para abrir numa passagem específica da Bíblia, porque esse tipo de coisa deixa os "interessados" desconfortáveis. Algumas igrejas "sensíveis aos interessados" desencorajam veementemente seus membros a trazerem Bíblias à igreja, com receio de que a visão de tantas Bíblias intimide os "interessados". Como se fosse perigoso dar ao seu povo a impressão de que a Bíblia é importante!

9. Impede o pregador de ser a voz de Deus em todas os assuntos de seu tempo.

Jeremias 8.9 diz: "Os sábios serão envergonhados, aterrorizados e presos; eis que rejeitaram a palavra do SENHOR; que sabedoria é

essa que eles têm?" Quando falo, quero ser o mensageiro *de Deus*. Não estou interessado em interpretar o que algum psicólogo, ou guru de negócios, ou professor universitário tem a dizer sobre qualquer assunto. O meu povo não precisa de minha opinião; precisa ouvir o que *Deus* tem a dizer. Se pregarmos como a Escritura nos ordena, não será difícil saber de quem é a mensagem que vem do púlpito.

10. Produz uma congregação tão fraca e indiferente à glória de Deus quanto o seu pastor.

A pregação "sensível aos interessados" nutre pessoas centralizadas em seu próprio bem-estar. Quando você diz às pessoas que o principal ministério da igreja é consertar para elas o que estiver errado nesta vida — suprir suas necessidades, ajudá-las a enfrentar seus desapontamentos neste mundo e coisas assim — a mensagem que você está enviando é que os problemas desta vida são mais importantes do que a glória de Deus e a majestade de Cristo. Novamente, isto corrompe a verdadeira adoração.

11. Rouba às pessoas a sua única fonte de ajuda verdadeira.

As pessoas que vivem sob um ministério de pregação superficial se tornam dependentes da habilidade e criatividade do orador. Quando os pregadores entremeiam seus sermões com raio laser e fumaça, vídeo clips e teatro, transmitem a mensagem de que as pessoas nos bancos jamais poderiam extrair, por si mesmas, algo tão profundo de um simples texto das Escrituras. Esses artifícios criam um tipo de mecanismo que as pessoas não podem usar para nutrir a si mesmas. Assim, elas se tornam espiritualmente inativas e vão à igreja apenas para serem entretidas, e não importa quão superficial seja o conteúdo espiritual que recebem da performance semanal do pregador, isso é *tudo* o que terão. Elas não têm interesse pessoal na Bíblia, porque os sermões que ouvem não cultivam tal interesse. São impressionadas

pela criatividade do pregador e manipuladas pela música; e isso se torna toda a sua perspectiva de espiritualidade.

12. Estimula as pessoas a se tornarem indiferentes à Palavra e à autoridade de Deus.

Podemos prever que, em uma igreja onde a pregação da Escritura é negligenciada, torna-se impossível levar as pessoas a se submeterem à autoridade das Escrituras. O pregador que sempre almeja alcançar as necessidades sentidas e alimenta o orgulho de pessoas mundanas não possui alicerce para confrontar o homem que deseja divorciar-se de sua esposa sem motivo. O homem dirá: "Você não entende o que eu *sinto*. Vim aqui porque você prometeu a satisfação de minhas necessidades. Estou lhe dizendo que não quero mais viver com esta mulher". Você não pode introduzir a autoridade bíblica aí. Certamente não será fácil promover disciplina na igreja. Esse é o monstro que a pregação superficial cria. Mas, se você deseja lidar com o pecado e exercer qualquer tipo de autoridade para manter a igreja pura, você *precisa* estar pregando a Palavra.

13. Engana as pessoas quanto ao que elas realmente precisam.

Em Jeremias 8.11, Deus condena os profetas que tratavam de modo superficial as feridas do povo. Este versículo se aplica poderosamente aos pregadores artificiais que ocupam muitos púlpitos evangélicos proeminentes, em nossos dias. Tais pregadores omitem as verdades mais severas sobre o pecado e o julgamento. Abrandam as partes ofensivas da mensagem de Cristo. Enganam as pessoas sobre o que elas realmente precisam, prometendo-lhes "satisfação" e bem-estar terreno, quando o que necessitam é de uma visão exaltada de Cristo e de um verdadeiro entendimento do esplendor da santidade de Deus.

14. Remove o poder do púlpito.

"Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4.12). Todas as outras coisas são impotentes; proporcionam apenas uma ilusão de poder. A estratégia humana não é mais importante que as Escrituras. A habilidade do apresentador em atrair as pessoas não deveria nos impressionar mais do que o poder da Bíblia em transformar vidas.

15. Atribui a responsabilidade de mudar as pessoas à habilidade do pregador.

Os pregadores que seguem a abordagem moderna de ministério têm de pensar que possuem o poder de mudar as pessoas. Isto também é uma terrível expressão de orgulho. Nós, pregadores, não podemos salvar as pessoas; e não podemos santificá-las. Não podemos mudá-las com nossa habilidade e esperteza, entretendo-as ou apelando aos seus caprichos, desejos e ambições. Somente Deus pode transformar pecadores. Ele faz isso por meio de seu Espírito, pela Palavra.

Portanto, os pastores têm de pregar a Palavra, embora fazê-lo esteja fora de moda em nossos dias (2 Tm 4.2). Essa é a única maneira pela qual seu ministério pode dar frutos. Além do mais, a pregação da Palavra assegura que os pastores serão frutíferos, porque a Palavra de Deus jamais volta vazia para Ele; ela sempre faz aquilo que Lhe apraz e prospera naquilo para o que foi designada (Is 55.11).

PARTE DOIS

Praticando o Discernimento em sua Livraria Local

3

Um Senso de Propósito:

Avaliando as Alegações de "Uma Vida com Propósitos" [1]

Nathan Busenitz

Além da igreja local, provavelmente não há outro lugar que exerça mais influência espiritual do que a livraria evangélica. Para muitos crentes, os livros fornecem o principal suplemento ao que eles ouvem todos os domingos. Mas, só porque um livro está na prateleira, isso não significa que ele seja correto em sua doutrina ou espiritualmente benéfico. Afinal de contas, o discernimento bíblico não deve ser exercido apenas em relação aos

---

[1] WARREN, Rick. *The purpose-driven life.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002. "Purpose-Driven" é uma marca registrada.

sermões. Também deve ser aplicado aos livros. Até os best-sellers não estão acima do escrutínio das Escrituras. Este capítulo compara o livro evangélico de vendagem mais rápida da história, Uma Vida com Propósitos, *com a Palavra da Vida — e avalia se o livro atinge o padrão bíblico.*

Com mais de 500.000 cópias negociadas na pré-venda, *Uma Vida com Propósitos*, escrito por Rick Warren, já era um megabest-seller antes de ser publicado. Seu lançamento em 2002 foi recebido com imensa onda de entusiasmo e alegria, visto que líderes evangélicos como Billy Graham, Bruce Wilkinson, Max Lucado e Lee Strobel endossavam-no com ardor. As vendas logo chegaram a milhões de cópias, e tanto o *New York Times* como a *Associação Cristã de Livreiros* reconheceram logo o seu sucesso. O que começou como um best-seller em sua categoria se tornou o maior dos best-sellers. Como sucesso de marketing, o livro é um fenômeno sem precedentes. Enquanto isso, inúmeras igrejas — evangélicas ou não – aderiram à campanha dos *40 dias com Propósitos,* de Rick Warren, e iniciaram-se novos ministérios para ajudar as igrejas quando acabarem os 40 dias. À luz dos resultados, não é difícil ver por que o autor acredita que iniciou uma nova reforma.[2]

Resumo

Uma Vida com Propósitos afirma ser um "guia para uma *jornada espiritual de 40 dias*, que lhe permitirá descobrir a resposta mais importante à pergunta da vida: 'Afinal de contas, por que estou neste mundo?'" (p. 9.) Argumentando que um período de 40 dias é o precedente bíblico para uma mudança de vida (p. 10), Warren responde à pergunta "Por que estou aqui?", oferecendo aos seus leitores cinco propósitos de vida:

---

[2] LOBDELL, William. Pastor with a purpose. *The Seattle Times,* September 29, 2003, A3.

1. Você foi planejado para o prazer de Deus [Adoração].
2. Você foi formado para a família de Deus [Comunhão].
3. Você foi criado para se tornar como Cristo [Crescimento Espiritual].
4. Você foi moldado para servir a Deus [Serviço Espiritual].
5. Você foi criado para uma missão [Evangelismo].

Tendo isso como alicerce, Warren passa sistematicamente por estas cinco áreas de propósito — mostrando aos seus leitores os benefícios de viver com estes alvos em mente. Desta perspectiva, *Uma Vida com Propósitos* parece ser muito bom. Afinal de contas, o que poderia ser melhor que ensinar a milhões de pessoas temas bíblicos vitais como adoração e crescimento espiritual?

Certamente, somos felizes por ver um livro dessa magnitude, lançado por uma editora evangélica, sendo lido por milhões de pessoas que jamais haviam sido expostas à mensagem de Cristo. E nos alegramos por que o livro tenha aberto tantas oportunidades para os crentes falarem sobre o Senhor com seus amigos e vizinhos incrédulos que nunca haviam pensado com seriedade a respeito das coisas espirituais.

Mas esta "proclamação revolucionária sobre o significado da vida" (contracapa) é realmente tudo o que afirma ser? *Uma Vida com Propósitos* é a melhor ferramenta que as igrejas podem usar para apresentar às pessoas os assuntos básicos do cristianismo? Ou há algumas deficiências na mensagem do livro que os crentes de discernimento precisam considerar? Com estas perguntas em mente, vejamos alguns pontos fortes e fraquezas de *Uma Vida com Propósitos*.

Pontos Fortes

Seria injusto criticar a obra mais vendida de Rick Warren, sem antes elogiar o livro em diversas áreas. Por exemplo, o livro começa com uma pergunta importante: qual é o propósito da vida? Esta foi a pergunta com a qual Salomão lutou em Eclesiastes. É uma pergunta

com a qual milhões de pessoas lutam em nossos dias (isso é evidenciado pelo número de cópias vendidas).

Warren não somente começa com uma pergunta criteriosa, mas também procura respondê-la de maneira bíblica. Ele declara que "tudo começa com Deus" (p. 17); "tudo é para Ele" (p. 53); "você foi planejado para o prazer de Deus" (p. 63); "agradar a Deus é o primeiro propósito de sua vida" (p. 69). Condenando todo cristianismo que visa a auto-ajuda, Warren afirma que somente a Palavra de Deus pode revelar o verdadeiro propósito da vida. "Você precisa construir a sua vida sobre as verdades eternas", o autor declara, "e não sobre uma psicologia popular, motivação por sucesso ou histórias inspiradoras" (p. 20). Por esta razão, ele se refere à Bíblia mais de 1.200 vezes — implicando que as Escrituras são citadas em média quatro vezes por página. Certamente, o desejo explícito de Warren, de recorrer freqüentemente à Palavra de Deus, é louvável.

Uma Vida com Propósitos também aborda muitos assuntos fundamentais do cristianismo — realçando a importância de glorificar a Deus (Dia 7), desenvolver uma vida devocional consistente (Dias 11 e 25), amar os outros crentes (Dia 16), servir na igreja local (Dia 17) e testemunhar aos incrédulos (Dia 37). Ao seguir seus cinco pontos principais (esboçados antes), Warren oferece muita sabedoria prática para a vida cristã cotidiana.

A habilidade de Warren em se comunicar de modo eficaz também é um dos mais evidentes recursos de *Uma Vida com Propósitos*. Do dia 1 ao dia 40, o livro é fácil de ler e compreender. Inteiramente recheado de ilustrações claras, desafios interessantes e assuntos úteis para discussão, o formato de *Uma Vida com Propósitos* é extremamente amigável. Como resultado, seus capítulos breves são menos intimidantes e mais acessíveis aos iniciantes em literatura evangélica.

Do ponto de vista de publicação evangélica, Warren conseguiu o que poucos autores conseguem — isto é, produzir um livro considerado relevante pelos leitores contemporâneos, embora cheio de citações das Escrituras e, ao mesmo tempo, fácil de ler e entender. Com base nestes pontos fortes, não admiramos que *Uma Vida com Propósitos* tenha sido tão bem aceito.

Fraquezas

É claro que, como qualquer livro humano, *Uma Vida com Propósitos* não é perfeito. Contudo, sua incrível popularidade lhe tem rendido uma posição de influência que obras humanas raramente desfrutam. Esta proeminência é especialmente significativa, porque o livro reivindica oferecer a seus leitores a própria razão da existência. Deste modo, à luz de sua popularidade e do assunto tratado, *Uma Vida com Propósitos* merece um exame criterioso, a partir de uma perspectiva bíblica.

Deve-se notar, desde o princípio, que o objetivo desta crítica (ao considerarmos muitas das fraquezas do livro) não é sugerir que *Uma Vida com Propósitos* é herético. Ao mesmo tempo, acreditamos que ele estabelece vários precedentes perigosos a seus adeptos. Nosso objetivo, portanto, é tão-somente advertir os leitores quanto a algumas armadilhas detectadas.

1. Abordagem negligente das Escrituras

Nossa maior preocupação concernente a *Uma Vida com Propósitos* é que, embora contenha referências freqüentes à Bíblia, essas referências são feitas de modo inexato. Na verdade, a afirmação inicial de Warren soa importante: "A melhor maneira de explicar os propósitos de Deus para a sua vida é deixar que a Escritura fale por si mesma; por isso, ela é citada extensivamente neste livro" (p. 11). Todavia, uma avaliação mais cuidadosa revela que *Uma Vida com Propósitos* cita a Bíblia, repetidas vezes, de maneira negligente.

Com nada menos do que quinze traduções diferentes da Bíblia, incluindo paráfrases, Warren oferece textos como prova de sua argumentação, sem qualquer suporte exegético ou contextual. Na página 325, o autor explica a razão para isso, afirmando que seu "modelo para isso é Jesus e a maneira como Ele e os apóstolos citavam o Antigo Testamento. Freqüentemente, eles citavam apenas uma frase para confirmar seu pensamento". Infelizmente, este raciocínio (no mínimo, questionável) permite que Warren tire passagens de seu con-

texto e aplique-as do modo que ache conveniente (usando qualquer paráfrase que pareça concordar com seu argumento). Mas, diferentemente de Jesus e dos apóstolos, Warren não é inspirado pelo Espírito Santo; isto significa que ele não possui autoridade para usar a Palavra de Deus conforme lhe agrada.

Alguns exemplos serão suficientes (embora pudéssemos apresentar muitos outros):

Na página 19, Warren cita Mateus 16.25 da paráfrase *The Message* ("A auto-ajuda não ajuda de maneira alguma. O auto-sacrifício é o caminho, o meu caminho, de você encontrar a si mesmo — o seu verdadeiro eu"), a fim de argumentar que, para obter sucesso na vida, você precisa mais do que conselhos de auto-ajuda. No entanto, uma tradução mais literal de Mateus 16.25 evidencia que Cristo não estava falando sobre auto-ajuda neste contexto, mas sobre a natureza essencial do evangelho salvífico. ("Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á.") Ao deixar de apresentar o contexto do versículo e usar uma paráfrase inexata, Warren muda completamente o sentido da mensagem de Jesus.

Na página 139, falando sobe a comunhão na igreja, Warren afirma: "Deus fez uma promessa maravilhosa a respeito dos pequenos grupos de crentes: 'Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles [Mt 18.20]'". No entanto, Mateus 18.20, em seu contexto, não se refere a pequenos grupos de comunhão na igreja, e sim à autoridade da igreja em disciplinar os seus membros.

Na página 165, o autor encoraja seus leitores a não espalharem ou ouvirem fofocas. Então, ele diz: "Se você dá ouvidos a fofocas, Deus afirma que você é um criador de problemas. 'O malfazejo atenta para o lábio iníquo' (Pv 17.4); 'Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros' (Jd 16)". No entanto, Provérbios 17.4 não menciona diretamente a fofoca, e Judas 16 não fala, de modo algum, sobre os fofoqueiros, mas sobre os falsos mestres (a murmuração, o orgulho e a bajulação deles). Embora o assunto em questão seja válido (a fofo-

ca é errada), não pode ser honestamente apoiado pela combinação arbitrária de Provérbios 17.4 com Judas 16. Ao misturar estes versículos da maneira como o faz (especialmente no caso de Judas 16), Warren falha em nos apresentar o verdadeiro significado do texto.

Em outros lugares, o autor aplica passagens do Antigo Testamento diretamente aos crentes do Novo Testamento, sem qualquer explicação do contexto ou do significado original. Por exemplo, Warren cita Jeremias 29.11, quando diz: "Se você tem se sentido desamparado, agüente firme! Mudanças maravilhosas acontecerão em sua vida, à medida que você começar a viver com propósito. Deus diz: 'Sei o que estou planejando para vocês... Tenho bons planos para vocês, planos que não os machucarão. Eu lhes darei esperança e bom futuro'" (p. 31). Warren omite o fato de que esta profecia sobre o cativeiro na Babilônia foi, na verdade, dirigida ao Israel do Antigo Testamento.

Logo percebemos que essa irresponsabilidade hermenêutica está destinada ao desastre. Embora sejam bíblicos os cinco propósitos de vida que Rick Warren explora em *Uma Vida com Propósitos*, ele não usa sempre os textos certos para apoiar suas conclusões. Em vez disso, escolhe rotineiramente o versículo (ou parte de um versículo) que queira, de qualquer tradução ou paráfrase que acredita reforçar melhor o seu argumento. Ao fazer isso, ele deixa um exemplo perigoso — sugerindo aos seus leitores que esse tipo de interpretação bíblica (em que a exatidão e o contexto parecem ser ignorados) é perfeitamente aceitável.

Até a premissa do livro se fundamenta em uma interpretação defeituosa das Escrituras. Warren insiste em que uma estratégia de 40 dias é a melhor maneira, a mais bíblica, de induzir alguém a uma mudança espiritual significativa. Ele diz: "A Bíblia deixa claro que Deus considera 40 dias um período de tempo espiritualmente significativo. *Sempre* que Deus queria preparar alguém para cumprir seus propósitos, ele usava 40 dias" (p. 9, ênfase acrescentada). Em seguida, Warren fornece exemplos, como Noé (e o Dilúvio), Moisés (no Monte Sinai), os doze espias (que investigaram a terra de Canaã), Davi (e Golias), Elias (no deserto), a cidade de Nínive (depois que Jonas pregou aos seus habitantes), Jesus (no deserto) e os discípulos

(após a ressurreição). A conclusão do autor é inequívoca: o método preferido de Deus, senão o único, para despertar mudança de vida em seu povo é um programa de 40 dias. E acrescenta a garantia desqualificada: "Os próximos 40 dias transformarão a sua vida" (p. 10).

Ao afirmar essas coisas, Warren confundiu *descrição* com *prescrição*. Os crentes jamais *receberam um mandamento* de seguir um programa de 40 dias. Para ser justo, precisamos dizer que o número 40 realmente parece ter alguma importância nas Escrituras, mas nunca é apresentado como um modelo que *devamos* seguir.

Considere alguns dos exemplos listados por Warren. O Dilúvio não foi um tempo em que Noé descobriu seu propósito na vida. Pelo contrário, foram quarenta dias de juízo sobre a terra. Noé tinha aprendido o seu propósito 120 anos antes, quando Deus lhe ordenou que construísse a arca. O período de 40 dias que Moisés passou no Monte Sinai não foi um tempo de descobrimento do propósito. Moisés já havia recebido seu propósito ao ser comissionado por Deus, na sarça ardente. Os doze espias também são um exemplo fraco, porque dez deles não sofreram mudança e permaneceram incrédulos. Davi nem mesmo tinha ouvido falar de Golias, antes que terminassem os 40 dias. Seu encontro com o gigante não ocorreu num período de 40 dias. Mais exemplos poderiam ser citados, mas o argumento já está claro: quando examinado dentro do contexto, o suporte bíblico para a fórmula de Warren não é convincente.

Poderíamos acrescentar alguns exemplos que Warren não usou. Abraão, por exemplo, aprendeu a ser paciente enquanto esperava pela descendência (Isaque) que Deus prometera — uma espera que durou muitos anos, e não quarenta dias (ver Gn 21.2-3). Jacó aprendeu a humildade, sendo forçado a confiar em Deus, em uma noite quando lutou com um anjo. Esta ocasião foi precedida de quatorze anos de trabalho para Labão (Gn 32.24-30). José foi aprisionado por dois anos completos, antes de ser exaltado a uma posição elevada, no Egito (Gn 41.1, 43). A vida do apóstolo Paulo foi transformada em apenas alguns minutos na estrada para Damasco (At 9.1-9). E a lista poderia continuar.

Em vez de ensinar: "Sempre que Deus queria preparar alguém

para seus propósitos, Ele usava 40 dias", é mais correto dizer que, às vezes, Deus usava 40 dias, mas Ele não os usava sempre, nem mesmo na maioria das vezes. Pelo contrário, quando Deus queria preparar alguém para cumprir seus propósitos, Ele usava todo o tempo que julgava necessário. Ainda que um programa de 40 dias possa agir como uma ferramenta organizacional proveitosa, afirmar que este é o método preferido de Deus está longe da verdade. Isso talvez pareça uma queixa insignificante para alguns, mas o exagero de Warren sobre a importância dos 40 dias é muito característico de um método popular e negligente de usar as Escrituras, destituído do cuidado e da exatidão adequados (ver 2 Tm 2.15; Tg 3.1).

2. *Abordagem Incompleta da Teologia*

Além de tratar as Escrituras com negligência, *Uma Vida com Propósitos* também oferece aos seus leitores uma estrutura teológica incompleta. Isto é surpreendente em uma explicação evangélica do amplo propósito da vida. Afinal de contas, para que nosso propósito seja verdadeiramente bíblico, ele deveria refletir toda a amplitude do ensino bíblico.

No entanto, apesar de sua premissa tão ampla, *Uma Vida com Propósitos* parece teologicamente assimétrico — menosprezando certos temas da Bíblia (como a ira de Deus) e enfatizando extensivamente outros temas (como o amor de Deus). O resultado: a importância da doutrina propriamente dita é minimizada (ver p. 34), enquanto certas áreas fundamentais do ensino bíblico parecem seriamente defraudadas. Por exemplo, considere a maneira como Warren apresenta o evangelho, nas páginas 58 e 59:

> Primeiro, creia. Creia que Deus ama você e o fez para os seus propósitos. Creia que você não é um acidente. Creia que foi criado a fim de existir para sempre. Creia que Deus o escolheu para um relacionamento com Jesus, que morreu na cruz por você. Creia que, não importando o que você já tenha feito, Deus quer perdoá-lo.
>
> Segundo, receba. Receba a Jesus em sua vida, como o seu

> Senhor e Salvador. Receba o perdão para os seus pecados. Receba o Espírito de Jesus, que lhe dará poder para cumprir o propósito de sua vida. A Bíblia diz: "Quem aceita e confia no Filho recebe tudo, vida completa e eterna!" [João 3:36a.] Onde quer que você esteja lendo este livro, eu o convido a curvar sua cabeça e sussurrar calmamente a oração que mudará sua eternidade: "Jesus, eu creio em você. Eu O recebo". Vá em frente.
>
> Se você fez esta oração com sinceridade, parabéns! Seja bem-vindo à família de Deus! Você está pronto para descobrir e começar a viver os propósitos de Deus para a sua vida.

De fato, o convite de Warren inclui vários aspectos fundamentais do evangelho. Ao mesmo tempo, parece que lhe faltam outros elementos essenciais. Por exemplo, o arrependimento e a auto-negação estão ausentes (ver Lc 9.23-24); falta-lhe também uma explicação clara sobre as conseqüências eternas do pecado ou sobre *por que* Jesus morreu na cruz.[3] O fato de que Warren espera até mais adiante para explicar o arrependimento (a explicação encontra-se nos ensinos sobre crescimento espiritual — pp. 105, 182) quase sugere uma perspectiva pietista (ou "vida mais profunda"), na qual o arrependimento e a "entrega a Deus" (ver pp. 80-84) são incorretamente vistos como experiências separadas, pós-conversão.[4]

Warren define "Boas-Novas" quase no fim do livro (Dia 37) e dificilmente se aprofunda — enfatizando os benefícios da graça, sem explicar realmente a condição desesperadora do homem. Ele afirma: "As boas-novas são: quando confiamos na graça de Deus para nos salvar, por meio da obra de Jesus, nossos pecados são perdoados,

---

[3] Warren realmente discute alguns destes assuntos mais adiante em seu livro. No entanto, é surpreendente que ele não os inclua aqui (no Dia 7), visto que esta é a principal apresentação do evangelho no livro.

[4] Esta ênfase na "vida mais profunda" parece ser esboçada no Capítulo 10, onde Warren diz: "A Bíblia é muito clara sobre o quanto você é beneficiado ao entregar *completamente* sua vida a Deus" (p. 82, ênfase acrescentada)

recebemos um propósito de vida e a promessa de um lar futuro no céu" (p. 294). No entanto, o resto do capítulo não explica as más notícias — e exclui, novamente, uma parte essencial da mensagem da salvação. Warren realmente menciona, de modo breve, o inferno nas páginas 37 e 112, mas ele o faz quase de passagem, sem enfatizar a gravidade da condenação eterna.

A doutrina de Deus também parece ser prejudicada em *Uma Vida com Propósitos*. Por um lado, Warren afirma corretamente: "Não podemos simplesmente criar nossa própria imagem confortável ou politicamente correta de Deus e adorá-la... 'Adorar em verdade' significa adorar a Deus como Ele é revelado na Bíblia" (p. 101). Por outro lado, o livro parece focalizar tanto o amor, a bondade e o cuidado de Deus, ao mesmo tempo que minimiza os seus atributos menos "amigáveis" (como santidade, ira e julgamento).

Nas palavras de um crítico:

> Warren nos diz continuamente o que Deus sente quando fazemos certas coisas. Ele diz: "Como um pai orgulhoso, Deus aprecia vê-lo usando os talentos e habilidades que lhe deu" (Warren, p. 74). Ele também diz: "Você só traz prazer a Deus sendo o que realmente é" (Warren, p. 75). De algum modo, Warren conhece uma relação de causa e efeito entre as várias coisas que fazemos e os sentimentos de Deus. Ele diz: "Deus sente prazer até em observar você dormindo!" (Warren, p. 75.) Ele descobriu os seis segredos de ser o "melhor amigo de Deus" (Warren, p. 87).
>
> A explicação que Warren nos apresenta sobe Deus exclui muitas verdades importantes, enfatizando aquelas virtudes que fazem Deus parecer próximo e seguro. Isto não produz uma compreensão completa e bíblica de Deus. No livro de Warren, você não encontra menção à ira de Deus contra o pecado. Não lerá as advertências da Bíblia sobre o julgamento vindouro de Deus. Não aprenderá sobre a santidade de Deus. Não achará passagens como esta: "Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que

nos desviamos daquele que dos céus nos adverte" (Hebreus 12:25).[5]

Em outras palavras, a natureza de Deus retratada por Warren não é completa. Sim, Deus é infinitamente amoroso, atencioso, afável e compassivo. Mas também é perfeitamente santo, justo e reto. Ao desequilibrar a apresentação do caráter de Deus, Warren não mostra completamente quem é Deus. E uma visão correta de Deus é fundamental para que alguém encontre o seu verdadeiro propósito na vida.

Em outros casos, o livro se aproxima de negligência teológica. Às vezes, a terminologia de Warren soa surpreendentemente psicológica. Por exemplo, seu plano para superar o pecado inclui "mudar o foco de seus pensamentos" (p. 210), juntar-se a um "grupo de apoio" (p. 212) e perceber a "sua vulnerabilidade" (p. 215). Na verdade, padrões de pecado (ou "erros", p. 156) são reduzidos a "um ciclo repetitivo de boa-intenção-fracasso-culpa", no qual as pessoas precisam "ser curadas", porque "você é tão *doente* quanto seus segredos" (pp. 212-213, ênfase acrescentada). Em outras ocasiões, o livro apresenta personalidades não-evangélicas como exemplos a serem seguidos. Deste modo, os monges beneditinos (p. 89) e Madre Tereza (pp. 125 e 131), ambos representantes do catolicismo romano, ao lado de Bernie Siegel, líder do movimento Nova Era (p. 31), são apresentados como modelos positivos. Afinal de contas, essas pessoas estão em harmonia com o tom geral de todo o livro, onde a ênfase está no amor, na comunidade e na satisfação pessoal. Por outro lado, discordâncias doutrinárias são deixadas de lado.

Em contraste com isso, o ensino de Cristo e dos apóstolos colocava ênfase em todo o conselho de Deus — não apenas nas partes mais agradáveis. Jesus, por exemplo, falou mais sobre o inferno do que sobre o céu, ordenou que os incrédulos se arrependessem (Mt 4.17; Lc 5.32), insistiu em que os crentes tomassem medidas radicais

---

[5] DeWaay, Bob. The gospel: a method or a message? *Critical Issues Commentary*, January/February, 2004.

para lidar com o pecado (Mt 5.29-30; 18.8-9) e afirmou que o verdadeiro discipulado poderia custar a alguém tudo o que ele possuísse (Mt 10.32-39; Mc 8.34-38). Em todo o Novo Testamento, os apóstolos repetiram esses mesmos temas (ver Mc 6.12; At 2.38; 20.21; Hb 5.11-14), incluindo a importância da pureza doutrinária (Gl 1.6-10; Tg 3.17; Jd; 2 Pe 2). Embora Warren não negue esses temas, parece que ele não lhes dá a importância e a explicação que as Escrituras indicam que eles merecem — especialmente numa discussão sobre o propósito geral da vida.

Diante dessas críticas, Warren responde:

> Eu sabia que, por simplificar a doutrina, em um formato devocional, para a pessoa comum, corria o risco de diminuir e de exagerar algumas verdades. Tenho certeza de que fiz isso. Também sabia que seria criticado por causa daquilo que deixei fora do livro e por usar quinze traduções e paráfrases diferentes, para apresentar a mensagem. Mas decidi, quando plantei a igreja de Saddleback, em 1980, que preferiria alcançar grande número de pessoas para Cristo a buscar a aprovação de tradicionalistas religiosos. Nos últimos oito anos, já batizamos mais de 11.000 novos crentes adultos em nossa igreja. Eu sou viciado em vidas transformadas.[6]

Mas, uma mudança com falta de profundidade doutrinária é realmente bíblica? A Escritura ensina que a doutrina e o dever andam de mãos dadas. Um viver correto está sempre ligado a pensamento e teologia corretos. Essa é a razão por que, em muitas de suas epístolas, Paulo usou a primeira metade ensinando sã doutrina e a segunda metade discutindo a sua aplicação apropriada.[7] Sem uma estrutura

---

[6] WARREN, Rick. An interview with Rick Warren. *Modern Reformation*, Jan./Feb. 2004.

[7] É reconhecido que esta distinção (entre a doutrina e o dever nas epístolas de Paulo) nem sempre é natural. Entretanto, este caso parece ser uma descrição adequada de uma estrutura paulina de prioridades — onde um viver correto é resultado de uma teologia correta.

teológica firme, os crentes não podem ter um padrão bíblico adequado para viverem de maneira biblicamente correta.

3. Proeminência exagerada

Em terceiro lugar, parece que alguns dos leitores de *Uma Vida com Propósitos* promoveram o livro a um lugar de proeminência que deve ser reservado apenas às Escrituras. Por exemplo, um usuário do site *Amazon.com* escreveu este comentário:

> O pastor nos pediu que trocássemos o devocional regular por um estudo de 40 dias no livro *Uma Vida com Propósitos*. Não sei por que achamos correto trocar a Palavra de Deus por um livro humano, mas, apesar disso, estou lendo-o.

Bob DeWaay, em sua extensa resenha sobre o livro, disse:

> O best-seller de Rick Warren (onze milhões de cópias vendidas) tem substituído a pregação bíblica em milhares de púlpitos e a Bíblia em outros milhares de grupos de estudos bíblicos... A coisa mais admirável é que milhares de milhares de grupos, ao redor do mundo, aceitaram o conselho de Warren ["Recomendo firmemente que você reúna um pequeno grupo de amigos e forme um grupo de leitura de *Uma Vida com Propósitos,* a fim de rever estes capítulos semanalmente" — p. 307] e começaram a estudar este livro, deixando suas Bíblias em casa. Muitos pastores estão pregando com base no material de Warren, em vez de usarem a Palavra de Deus. Warren também disse: "Depois que você e seu grupo terminarem de estudar este livro, devem pensar em fazer outros estudos sobre a vida com propósito, os quais estão disponíveis para classes e grupos de estudo" [p. 307]. A mensagem do evangelho tem sido substituída pelo método de Rick Warren. A Bíblia tem sido suplantada pela sabedoria humana.[8]

---

[8] DeWaay, *Bob.* The gospel: a method or a message?

Até um líder de uma igreja metodista concorda:

> Minha igreja tem seguido os passos do que parece ser a última moda passageira nas igrejas: *Uma Vida com Propósitos,* de Rick Warren. Mais de 70 membros estão matriculados nas aulas de VCP. Como parte da liderança, fui instado a fazer este curso. Estou apenas começando meus estudos no livro, mas o alarme está soando para mim... Em parte pelo fato de que as pessoas parecem estar abraçando este livro como se fosse a Bíblia.[9]

Evidentemente, não acreditamos, nem por um momento, que Rick Warren avalie seu próprio livro dessa maneira, porém é difícil evitar a força da linguagem de autopromoção contida no livro. Na página 11, por exemplo, Rick Warren afirma:

> Visto que conheço os benefícios, quero desafiá-lo a permanecer nesta jornada espiritual nos próximos 40 dias, sem perder um único dia de leitura. Sua vida vale o tempo que gastará nisso. Faça desta leitura um compromisso diário em sua agenda. Se você deseja se comprometer com este programa, assinemos um pacto. Há algo significativo em colocar o seu nome em um compromisso.

Os leitores são, de fato, encorajados a assinarem um voto formal de leitura diária (ver Tg 5.12; Mt 5.34-37; Dt 23.21-22); é quase como se o tempo devocional do leitor tivesse de girar em torno de *Uma Vida com Propósitos.* Na verdade, bons livros cristãos podem desempenhar um papel maravilhoso na vida devocional do crente — como acompanhamento das Escrituras. Mas, quando um livro se torna um substituto para "o genuíno leite espiritual" (1 Pe 2.1-2), quer seja em devocionais particulares ou sermões públicos, alguma coisa está errada.

Parte deste problema pode resultar das maravilhosas promessas

---

[9] Purpose-driven life. *Internet Discussion Forum.* June 10, 2004.

feitas pelo livro. Desde o começo, *Uma Vida com Propósitos* garante que, se for lido e entendido corretamente, o livro (e o programa de 40 dias) mudará significativamente, para melhor, a vida dos leitores.

Na página 9, Warren afirma:

> Isto é mais do que um livro; é um guia para uma jornada espiritual de 40 dias que o capacitará a descobrir a resposta para a pergunta mais importante da vida: Por que estou aqui? No fim desta jornada, você conhecerá o propósito de Deus para a sua vida e entenderá o quadro completo — como todas as peças da vida se encaixam. Ter esta perspectiva há de reduzir seu estresse, simplificar suas decisões, aumentar sua satisfação e, o mais importante, prepará-lo para a eternidade.

A página 11 repete esta idéia:

> Enquanto escrevia este livro, orava para que você experimentasse a sensação incrível de esperança, energia e alegria provenientes de descobrir a razão por que Deus o colocou neste planeta. Não há nada como isso. Estou entusiasmado porque conheço todas as coisas maravilhosas que acontecerão com você. Aconteceram comigo, e nunca mais fui o mesmo desde que descobri o propósito da minha vida.

De modo bastante claro, *Uma Vida com Propósitos* alega que não só informará a seus leitores a razão da sua existência, como também melhorará dramaticamente sua situação. Os leitores desfrutarão de significativo crescimento espiritual e uma mudança de vida. E jamais serão os mesmos, depois de serem impactados positivamente por "todas as grandes coisas" reservadas para eles.

Mas essas promessas são realistas? De certo modo, o livro parece prometer aquilo que somente Deus pode prometer; parece sugerir que um livro ou programa humano podem fazer algo que compete apenas ao Espírito de Deus. Como resultado, os leitores são preparados para o desapontamento, desde o início.

Outro comentário no *Amazon.com* dizia:

A contracapa do livro afirma que ele é uma "proclamação revolucionária sobre o significado da vida". A introdução diz: "Isto é mais que um livro; é um guia para uma jornada espiritual de 40 dias que o capacitará a descobrir a resposta para a pergunta mais importante da vida". Este livro não corresponde às expectativas de tal promessa.

4. Sua família — Sensível aos Interessados

Antes de concluir, precisamos abordar uma última preocupação. Por ser parte da família "Com Propósitos", *Uma Vida com Propósitos* endossa outros escritos de Rick Warren (especificamente, *Uma Igreja com Propósitos*), determinados programas para igrejas (como "Os 40 dias da Campanha de Propósitos") e um fenômeno evangélico mais amplo conhecido como Movimento Sensível aos Interessados.

Tratar de cada um desses assuntos correlatos não está no escopo desta obra; apesar disso, devemos tecer breves comentários:

O movimento Sensível aos Interessados (encapsulado em *Uma Igreja com Propósitos*) enfatiza técnicas de marketing e estratégias de administração como o método primário para o crescimento saudável da igreja.

Como resultado, as igrejas do movimento Sensível aos Interessados tendem a minimizar a mensagem do evangelho, a fim de abrandar assuntos como pecado, arrependimento, ira divina e punição eterna. O objetivo é fazer os incrédulos sentirem-se confortáveis até que estejam prontos para aceitar Jesus. Conseqüentemente, sermões bíblicos são substituídos por conversas breves, vídeos e esquetes — qualquer coisa que o público ache mais interessante e divertido.

O sucesso no ministério é medido em termos de números de pessoas no culto. Enquanto as Escrituras definem o sucesso como fidelidade a Deus, este movimento o define como um prédio lotado. A respeito daqueles que pregam fielmente e não têm como resultado uma grande congregação (como o profeta Jeremias), diz-se que estão fazendo algo errado.

Ao aceitar *Uma Vida com Propósitos*, alguns leitores e algumas igrejas podem se tornar inconscientemente envolvidos no movimento

Sensível aos Interessados – um sistema filosófico que é inerentemente antibíblico.[10]

Conclusão

Enfatizamos novamente: *Uma Vida com Propósitos* não é uma heresia completa. Na verdade, ele ressalta muitos conceitos bíblicos, como a importância da adoração, comunhão, crescimento espiritual, serviço espiritual e evangelismo. Esta é a razão por que tantas pessoas amam o livro.

Ao mesmo tempo, sua abordagem parece típica das tendências evangélicas contemporâneas — leve, agradável e diluído. Em nossa opinião, a maneira como o livro usa as Escrituras é negligente; sua estrutura doutrinária, superficial. Suas promessas a respeito de si mesmo são muito elevadas; a sua associação com outras obras norteadas por marketing é próxima demais, para que a ignoremos. Deste modo, à luz de suas fraquezas, acreditamos que *Uma Vida com Propósitos* deve ser lido com discernimento.

---

[10] Embora estejam fora do escopo deste comentário, avaliações mais completas sobre *The Purpose-Driven Church*, assim como sobre o movimento Sensível aos Interessados, estão disponíveis para quem deseja aprender mais sobre o assunto. Mencionamos brevemente estas questões apenas como um alerta. O autor escreveu dois artigos afins: *A review of the purpose-driven Church. Pulpit.* September/October, 2003, e *The gospel according to Hybels and Warren. Pulpit.* November/December, 2003.

4

A Velha Perspectiva Sobre Paulo:

Uma Introdução Crítica de "O que São Paulo Realmente Disse"[1]

Phil Johnson

Este capítulo foi adaptado de um seminário apresentado no Metropolitan Tabernacle, em Londres (Inglaterra), em janeiro de 2004. Fornece uma introdução à chamada "Nova Perspectiva sobre Paulo". A Nova Perspectiva é uma abordagem hoje popular a respeito da compreensão do Novo Testamento, e sua influência está se movendo rapidamente dos círculos acadêmicos para os púlpitos evangélicos. Geralmente envolve mudanças

---

[1] WRIGHT, N. T. *What saint Paul really said.* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997.

significativas à compreensão protestante da doutrina da justificação pela fé. O livro popular de N. T. Wright, O que São Paulo Realmente Disse *(What Saint Paul Really Said), provavelmente é a introdução mais simples e influente às principais idéias da Nova Perspectiva. Embora não se proponha a ser uma análise completa de cada aspecto da Nova Perspectiva, este capítulo serve como uma introdução e crítica para pastores e leigos.*

Atualmente, vários debates intensos e importantes estão estimulando controvérsia entre líderes evangélicos, todos eles mais ou menos centralizados em uma nova maneira de interpretar o Novo Testamento, conhecida como *Nova Perspectiva sobre Paulo.* O debate não é apenas uma disputa acadêmica sobre nuanças hermenêuticas fúteis; envolve algumas ameaças significativas à doutrina que Martinho Lutero dizia ser "o artigo pelo qual a igreja permanece de pé ou cai" — a doutrina da justificação pela fé. Se a Nova Perspectiva é a perspectiva correta do ensino e teologia de Paulo, os reformadores estavam errados na questão principal da Reforma. É compreensível, portanto, que a Nova Perspectiva esteja lançando ondas de controvérsia nos círculos onde os princípios da Reforma são considerados distintivos bíblicos e teológicos essenciais.

A expressão "Nova Perspectiva sobre Paulo" foi cunhada por James Dunn em 1982, numa palestra que descrevia esta nova abordagem do ensino de Paulo, abordagem esta que tinha raízes em Albert Schweitzer, no início do século XX, e no teólogo luterano Krister Stendahl, após o fim da II Guerra Mundial. No entanto, o alicerce mais importante para a Nova Perspectiva foi um trabalho de E. P. Sanders, de 1977, intitulado *Paul and the Palestinian Judaism* (Paulo e o Judaísmo Palestino). Sanders abalou o mundo acadêmico dos estudos paulinos contemporâneos com a sugestão revolucionária de que o judaísmo dos dias de Paulo não era aquele sistema farisaico aceito comumente como um sistema baseado em obras. James D. G. Dunn refinou a percepção de Sanders e acrescentou alguns de seus próprios pensamentos. Nenhum desses homens era evangélico, nem confessavam ser.

N. T. Wright, um arcebispo anglicano e erudito respeitado, que

está mais próximo do evangelicalismo, é o pioneiro entre os evangélicos que estão adotando, adaptando e popularizando os elementos dos primeiros autores da Nova Perspectiva (principalmente, Dunn e Sanders). Mas Sanders, Wright e Dunn também discordam entre si em alguns pontos principais. Por isso, atualmente falta à Nova Perspectiva a coesão de um movimento. E muitos observadores têm percebido que não existe uma única "Nova Perspectiva sobre Paulo", embora muitas novas perspectivas compartilhem algumas idéias em comum e intersectem umas com as outras em pontos principais.

A Premissa Básica da Teologia da Nova Perspectiva

No entanto, quase todos os defensores da Nova Perspectiva concordam nisto: a compreensão reformada histórica da soteriologia de Paulo (especialmente a compreensão protestante da justificação pela fé) está equivocada. Em resumo, eles sugerem que o apóstolo Paulo tem sido mal compreendido desde os tempos de Agostinho e da controvérsia pelagiana e, pior ainda, desde Lutero e a Reforma Protestante. Concordam com a afirmação de Sanders de que o judaísmo do século I também tem sido mal interpretado pelos estudiosos do Novo Testamento, através dos séculos. Portanto, acreditam que a compreensão da igreja sobre os ensinos de Paulo, em Romanos e Gálatas, tem sido extremamente incorreta pelo menos desde o tempo de Agostinho.

Eis os quatro pontos importantes nos quais os defensores da nova perspectiva dizem que Paulo foi malcompreendido:

1. Paulo Não Estava Lutando Contra o Legalismo

Em primeiro lugar, no que se refere ao judaísmo do século I, tenha em mente que a Nova Perspectiva Sobre Paulo começa com a alegação de que o judaísmo dos dias de Paulo não era realmente uma religião de justiça própria, em que a salvação dependia de obras e méritos humanos. Logo, de acordo com esse ponto de vista, a maioria dos estudiosos do Novo Testamento se enganou completamente a

respeito de Paulo, porque não entenderam contra o que ele se levantou. Isso resulta em que nem mesmo os fariseus eram legalistas. De acordo com a Nova Perspectiva, os líderes judaicos da época de Paulo foram mal interpretados, durante muitos séculos, por exegetas tendenciosos os quais erraram porque impuseram o conflito de Agostinho com Pelágio, e o conflito de Lutero com o Catolicismo Romano, sobre o seu entendimento do conflito de Paulo com os judaizantes.

Em vez disso, de acordo com a Nova Perspectiva, havia uma forte ênfase sobre a graça divina no judaísmo dos dias de Paulo, e os fariseus não eram *realmente* culpados de ensinarem a salvação pelo mérito humano. Este é o ponto básico no qual Sanders, Dunn e Wright concordam plenamente. Eles baseiam sua asserção, principalmente, em seu estudo de fontes rabínicas extrabíblicas e tratam este assunto como se já estivesse estabelecido no mundo acadêmico do Novo Testamento — embora haja muitíssimos estudiosos importantes do Novo Testamento que discordam deles. Mas este é o ponto inicial de sua visão: apesar de tudo, o judaísmo do primeiro século não era legalista. Por séculos, os cristãos simplesmente não compreenderam o ensino dos fariseus.

2. *Vêem a Reconciliação Racial como a Ênfase Primária de Paulo*

Em segundo lugar, no que se refere ao apóstolo Paulo, os proponentes da Nova Perspectiva são veementes em absolvê-lo da acusação de anti-semitismo. Assim, negam que ele tinha qualquer discordância *teológica* séria ou importante com os líderes judaicos de seus dias. Obviamente, se a religião dos fariseus era a religião da graça, e não do mérito humano, não haveria discordância fundamental entre Paulo e os líderes judaicos no que diz respeito à doutrina da salvação.

Mas a verdadeira controvérsia de Paulo com os líderes judaicos, dizem os proponentes da Nova Perspectiva, centrava-se na forma como eles tratavam os gentios. Não era nenhum tipo de conflito soteriológico. Os judaizantes e os fariseus eram intolerantes para com outras raças e culturas e queriam excluir todos os gentios de sua

comunhão. Paulo estava buscando uma harmonia racial e diversidade na comunidade da aliança. Portanto, a única reclamação significativa que Paulo tinha contra o judaísmo era a exclusividade racial e cultural de seus líderes.

3. Limitam o Evangelho a uma Declaração de Vitória

Em terceiro lugar, no que diz respeito à mensagem do cristianismo, a Nova Perspectiva sobre Paulo afirma que o evangelho é um anúncio a respeito do senhorio de Cristo, e nada além disso. É a declaração de que Cristo, através de sua morte e ressurreição, foi mostrado por Deus como o Senhor da criação e Rei do universo. Poderíamos concordar que esta verdade é uma *característica* essencial do evangelho do Novo Testamento. Mas não concordaríamos com os defensores da Nova Perspectiva, quando dizem que o evangelho não é realmente uma mensagem de redenção pessoal e individual da culpa e condenação do pecado.

Citando Tom Wright em seu livro *O que São Paulo Realmente Disse*: "[O evangelho] não é... um sistema a respeito de como as pessoas são salvas" (p. 45). Mais adiante, ele escreve: "O anúncio do evangelho resulta na salvação de pessoas... Mas 'o evangelho' em si mesmo, estritamente falando, é a proclamação narrativa do Rei Jesus". "[O evangelho é] o anúncio de uma vitória real" (p. 47).

Finalmente, a Nova Perspectiva deprecia e destitui o evangelho de qualquer aspecto significativo da soteriologia. A forma de expiação é vaga neste sistema; a questão do pecado e culpa pessoal é ignorada e colocada de lado. O evangelho se torna nada mais do que uma proclamação de vitória. Em outras palavras, o evangelho da Nova Perspectiva decididamente *não* é uma mensagem a respeito de como pecadores podem escapar da ira de Deus. Na verdade, esse evangelho fala pouco, ou nada, sobre pecado e perdão pessoal, redenção individual, expiação ou qualquer das outras grandes doutrinas soteriológicas. A soteriologia nem mesmo é uma preocupação da Nova Perspectiva, até quando se trata da mensagem do evangelho.

4. Redefinem a Justificação pela Fé

Uma *quarta* característica da Nova Perspectiva é a sua maneira incomum de interpretar a doutrina paulina da justificação pela fé e o princípio reformado *sola fide*. Outra vez, ela afirma que o cristianismo protestante histórico confundiu e distorceu seriamente o que o apóstolo Paulo ensinou sobre a justificação pela fé. Segundo a Nova Perspectiva, quando Paulo escreveu sobre a *justificação*, sua preocupação era (uma vez mais) corporativa, nacional, racial e social — não individual e soteriológica.

De acordo com os defensores deste novo ponto de vista, a doutrina da justificação ensinada pelo apóstolo Paulo tem pouquíssima relação com a salvação pessoal ou individual do pecado e da culpa. A justificação, eles dizem, não se refere à *soteriologia* ou à doutrina da salvação. Ela se enquadra mais propriamente na categoria de *eclesiologia* ou doutrina da igreja.

Citando Tom Wright novamente: "O que Paulo quis dizer com justificação... não era 'como você se torna um cristão', e sim 'como você pode saber quem é membro da família da aliança'" (p. 122).

Na página 119, ele disse:

> "Justificação", no século I, não se referia à maneira como alguém podia estabelecer um relacionamento com Deus. A justificação se referia à definição escatológica de Deus, tanto futura como presente, de quem era realmente membro do seu povo. Nos termos de Sanders, a justificação não tratava de como "entrar" nem de como "ficar", e sim de "como você pode saber quem está dentro". Na linguagem padrão da teologia cristã, a justificação não falava de soteriologia, e sim de eclesiologia; não se referia tanto à salvação, e sim à igreja.

De novo, e em toda oportunidade, a ênfase na salvação pessoal e individual é minimizada ou negada. O evangelho não é realmente uma mensagem sobre a redenção dos pecados e da culpa pessoal; é única e simplesmente a declaração de que Jesus é agora o Senhor de

todas as coisas. A justificação não trata, principalmente, do pecado e do perdão, e sim da membresia na comunidade da aliança. E, quando você termina de ler tudo que já foi escrito para promover a Nova Perspectiva, perceberá que os assuntos de culpa pessoal, redenção individual e expiação dos pecados raramente são considerados. Todos estes importantes assuntos soteriológicos são abandonados em um nevoeiro de incerteza e confusão.

Esta redefinição da doutrina da justificação pela fé é o maior e o mais imediato perigo introduzido pela Nova Perspectiva sobre Paulo.[2] Com isso em mente, o resto do capítulo se dedicará a *esta afirmação específica:* a doutrina da justificação, na teologia de Paulo, refere-se apenas à participação dos gentios na comunidade da aliança, e não à posição de uma pessoa diante de Deus, no que concerne ao pecado e ao perdão.

Sem dúvida, esta é uma total redefinição da justificação — uma redefinição que, em termos realistas, é absolutamente impossível de ser harmonizada com a compreensão histórica dos protestantes sobre a justificação pela fé.

Com freqüência, os defensores mais conservadores de N. T. Wright e da Nova Perspectiva insistem em que realmente ensinam o que as grandes confissões de fé protestantes declaram a respeito da justificação; e alguns têm se esforçado para encontrar palavras, tanto na Confissão de Westminster como em outras, que possam interpretar como confirmação de seu ponto de vista. Todavia, depois de ler várias

---

[2] Deixarei que outros respondam à Nova Perspectiva com bases históricas. D. A. Carson realizou um bom começo, ao responder a afirmação de que os intérpretes protestantes têm representado de maneira incorreta, através da história, o judaísmo do século I. Ele está editando uma obra acadêmica em dois volumes intitulada *Justification and Variegated Nomism.* O primeiro volume, cujo subtítulo é *The Complexities of Second Temple Judaism,* já está disponível e responde ao argumento histórico sobre a natureza do judaísmo nos dias de Paulo. Um segundo volume, intitulado *The Paradoxes of Paul,* tratará das questões exegéticas levantadas pela Nova Perspectiva.

dessas interpretações e conversar demoradamente com muitos adeptos da Nova Perspectiva que insistem em dizer que são "reformados", estamos convictos de que, ao concluírem a tentativa de conciliar suas idéias com o ponto de vista histórico, evangélico e protestante a respeito da justificação pela fé, todos os principais assuntos são deixados em confusão e desordem, em vez de serem esclarecidos. Isto acontece porque o ponto de vista da Nova Perspectiva sobre a justificação é radical e fundamentalmente *diverso* do ponto de vista clássico da justificação pela fé somente — que sempre tem sido compreendida como o distintivo fundamental de cada segmento do cristianismo protestante e histórico.

N. T. Wright e a Justificação pela Fé

Para abordar um assunto tão amplo no espaço que me foi concedido, o restante do capítulo focalizará apenas algumas das afirmações mais problemáticas de Tom Wright em seu livro *O que Paulo Realmente Disse.* Como uma obra que visa apresentar aos leigos as crenças de Wright, o livro não é tão completo e, talvez, menos preciso do que outras de suas obras mais acadêmicas. Por outro lado, visto que o livro é uma síntese popular da perspectiva de Wright sobre o apóstolo Paulo, para leigos e pastores, seu objetivo deve ser o de expressar seus pensamentos sem ambigüidade, com uma linguagem bastante clara e concisa. O livro pretende ser uma introdução não-acadêmica à Nova Perspectiva e um resumo simples das idéias mais importantes da Nova Perspectiva. Por isso, merece ser respondido nesta mesma base — de forma não-acadêmica. Procuraremos lidar com as grandes idéias, sem nos determos em assuntos paralelos e detalhes técnicos.

Este capítulo não pretende ser uma resposta acadêmica, completa e detalhada à obra de Wright. Em vez disso, foi planejado para ser um breve resumo da razão por que a Nova Perspectiva, de Wright, é problemática, ressaltando os principais aspectos de seu livro contra os quais temos de nos precaver. Como o subtítulo sugere, este capítulo é apenas uma *introdução* crítica à posição de Wright.

Nenhuma doutrina é tão importante, na teologia protestante, como

a doutrina da justificação pela fé. Ela era o princípio essencial da Reforma, a questão central sobre a qual Roma e os reformadores lutaram e, por fim, se separaram. Calvino chamou-a de o eixo principal de todo o cristianismo. Mas, se Tom Wright e sua Nova Perspectiva estiverem corretos, Lutero e Calvino — e na verdade *todos* os reformadores — não compreenderam o apóstolo Paulo e interpretaram seriamente errado a doutrina da justificação. Erraram no assunto *principal*. Essa é uma acusação muito grave, porém é exatamente o que a Nova Perspectiva sugere.

(Uma conseqüência disso é que os estudiosos e proponentes da Nova Perspectiva também afirmam que são as primeiras pessoas, desde os primeiros pais da igreja, a entenderem corretamente as epístolas paulinas. Essa é uma postura extremamente audaciosa — especialmente porque é um ponto de vista que depende, em larga escala, da obra de E. P. Sanders, que nem mesmo aceita a autoria paulina da maioria das epístolas de Paulo.)

Em *O que São Paulo Realmente Disse,* Wright inclui um capítulo intitulado "A Justificação e a Igreja", no qual ele afirma que a doutrina protestante tradicional a respeito da justificação "deve muito tanto à controvérsia entre Pelágio e Agostinho, no início do século V, quanto à controvérsia entre Erasmo e Lutero, no início do século XVI" (p. 113). Mas, de acordo com Wright, a visão histórica protestante da justificação "não faz justiça à riqueza e à exatidão da doutrina de Paulo, distorcendo-a em vários pontos" (p. 113).

Observe que Wright está argumentando claramente *contra* o entendimento reformado da justificação, insinuando que os protestantes precisam repensar toda a sua doutrina e reorganizar o seu ensino à luz de *sua* nova compreensão do que Paulo realmente quis dizer. Na página 117, ele afirma que a compreensão protestante clássica sobre a justificação resultou em uma leitura de Romanos que "tem prejudicado sistematicamente o texto, por centenas de anos, e... é hora de deixar o texto falar, outra vez, por si mesmo".

Mas a própria doutrina da justificação de Wright é seriamente defeituosa. Na verdade, ele está em desarmonia com as Escrituras em pelo menos quatro pontos principais relacionados ao assunto da justificação.

Sua Definição de Justificação

Já vimos uma descrição básica de como Wright retrata a doutrina da justificação. Mas, eis como ele mesmo a afirma em *O que São Paulo Realmente Disse,* na página 115: "As discussões sobre a justificação em boa parte da história da igreja, certamente desde Agostinho, começaram de maneira errada — pelo menos em termos da compreensão de Paulo — e permaneceram assim desde então". Na página 120, ele diz mais:

> Apesar de uma longa tradição no sentido contrário, o problema ao qual Paulo se reporta em Gálatas não é uma questão de como exatamente alguém se torna um cristão ou alcança um relacionamento com Deus. (Nem mesmo estou certo a respeito de como Paulo expressaria, em grego, a noção de um 'relacionamento com Deus', mas deixemos isso de lado.) O problema ao qual ele se reporta é: os ex-pagãos convertidos deveriam ser circuncidados ou não? Ora, esta questão não está, de maneira alguma, relacionada às questões enfrentadas por Agostinho e Pelágio, Lutero e Erasmo. À luz da leitura de qualquer pessoa, especialmente no contexto do século I, [o problema] está ligado, obviamente, à questão de como definimos o povo de Deus. Ele deve ser definido pelos símbolos do povo judeu ou de alguma outra maneira?

Então, conclui: "A justificação, em Gálatas, é a doutrina que insiste em que todos quantos compartilham a fé em Cristo pertencem à mesma família, não importando suas diferenças raciais, visto que esperam juntos pela nova criação final" (p. 122).

Em outras palavras, de acordo com Wright, a justificação é um assunto de conotação corporativa e não pessoal; está mais relacionada à identidade da igreja do que à posição de cada indivíduo diante de Deus.

Quando Wright liga a doutrina da justificação com a posição de cada homem diante de Deus, ele o faz quase sempre em contextos

nos quais fala sobre "justificação final", que acontecerá no futuro escatológico, no último julgamento, quando Deus julgará homens e mulheres de acordo com suas *obras*. Em um artigo que ele postou na Internet, com o título *The Shape of Justification* (A Forma da Justificação), Wright se refere à "justificação futura" e cita Romanos 2.13 como prova textual ("Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados"). Assim, Wright e outros escritores da Nova Perspectiva causam confusão quanto à pergunta: como crentes, a nossa posição diante de Deus depende, em parte, de nossas próprias obras, ou a obra de Cristo em nosso favor é o alicerce único e suficiente para a nossa justificação?

A maneira como Wright fala sobre esta "dimensão futura" da justificação é negligente e obscura. Enquanto ele nega vigorosamente que a justificação seja um processo, acredita que a posição individual do cristão diante de Deus não é verdadeiramente estabelecida até ao julgamento final, quando ela dependerá (pelo menos em parte) das próprias obras justas do crente. Este é praticamente o argumento sobre o qual Roma e os reformadores travaram suas batalhas mais importantes. Se Wright não está do lado católico romano neste assunto, também *não* está do lado dos reformadores.

(Em uma nota naquele mesmo artigo on-line, Wright insiste em que a doutrina da justificação pela fé é "uma doutrina de segunda ordem", não uma doutrina essencial ao cristianismo. Mas o texto de Gálatas — especialmente o anátema de Gálatas 1.8-9 — mostra com clareza que a doutrina da justificação possui importância fundamental. Todas as confissões clássicas dos reformadores protestantes trataram da justificação como uma doutrina de primeira ordem — se não a mais importante de todas as doutrinas relacionadas ao evangelho.)

Sua Descrição de "Obras da Lei"

O segundo problema no ensino de Wright sobre a justificação envolve a compreensão da frase "obras da lei". Gálatas 2.16 usa esta expressão três vezes no mesmo versículo. "Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em

Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado". Há outras três referências a "obras da lei" em Gálatas (3.2, 5, 10) e uma em Romanos 9.32. Em cada um desses versículos, o principal ensino do apóstolo é o mesmo: obediência legalista não tem eficiência salvífica. Gálatas 3.10 afirma: "Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição".

A posição histórica dos protestantes tem sido a de que estes mesmos versículos provam que Paulo estava dizendo que a lei condena os pecadores; e, portanto, nossos próprios esforços para obedecer à lei não nos podem salvar. Obras meritórias de qualquer tipo são contrárias à graça. É exatamente isto que Paulo afirma em Romanos 11.6: "E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça".

Mas Tom Wright afirma que precisamos de uma nova compreensão do que Paulo pretendia dizer quando falou sobre as obras da lei. Em seu artigo "A Forma da Justificação", Wright define "as obras da lei" como "os distintivos da observância de lei judaica". Ele afirma que Paulo estava falando sobre a circuncisão, as leis alimentares e o sacerdócio — apenas os aspectos *cerimoniais* da lei de Moisés.

Wright está ecoando Dunn, que escreveu:

> Tanto o próprio Paulo quanto seus interlocutores judeus jamais entenderam que "as obras da lei" eram obras merecedoras do favor de Deus, observâncias acumuladoras de méritos. Em vez disso, eles as viram como distintivos: eram apenas a marca da membresia no povo da aliança, aquilo que diferenciava os judeus como o povo de Deus. [O que Paulo nega em Gálatas 2.16, é que] a graça de Deus se estende somente aos que trazem consigo o distintivo da aliança.

Em outras palavras, de acordo com Wright e Dunn, Paulo *não estava* dizendo que obras meritórias não contribuem, de maneira alguma, para a nossa justificação. O verdadeiro argumento deles era que os elementos distintivamente judaicos da lei de Moisés não garantiam a membresia na aliança e não podiam ser usados para

excluir os gentios da membresia na aliança. Ou apresentando de forma mais concisa, eles estão sugerindo que Gálatas 2.16 e os outros textos bíblicos semelhantes *não* tencionavam negar que as boas obras humanas tivessem qualquer papel na justificação.

Lembre-se: de acordo com Wright, isto significa que "a justificação, em Gálatas, é a doutrina que insiste em que todos quantos compartilham a fé em Cristo pertencem à mesma família, não importando suas diferenças raciais" (p. 122). Novamente, Paulo não estava argumentando contra obras meritórias, e sim contra a exclusividade racial.

Observe com atenção: Wright, a esta altura, não está dizendo explicitamente que as obras de alguém são o fundamento para a sua posição como justo diante de Deus. Wright está apenas afirmando que os textos usados contra esta doutrina não provam isso. Assim, ele se coloca contra os reformadores e ao lado do catolicismo romano, no que concerne ao debate sobre a justificação. No mínimo, ele deixa a porta aberta para o mérito humano como parte da base para a nossa "justificação final".

Sua Distorção da "Justiça de Deus"

Em terceiro lugar, Wright compreende erroneamente o ponto de vista de Paulo sobre a "justiça de Deus". Este é um dos grandes assuntos em *O que São Paulo Realmente Disse*, merecendo um tratamento mais completo do que podemos oferecer aqui. Mas este assunto tem de ser mencionado.

Wright usa boa parte do livro na discussão sobre o significado da frase "a justiça de Deus", iniciando na página 95. Em resumo, ele afirma que os protestantes sempre entenderam de modo equívoco o conceito da justiça divina. A justiça de Deus é sua "fidelidade à aliança". *Não* é "algo que Deus leva em conta ou que tenha vantagem diante dEle" (p. 102). Não é algo que Deus possa conceder ou imputar a pecadores. Quando as Escrituras falam sobre a "justiça" de Deus, elas estão usando a expressão como sinônimo de fidelidade dEle à aliança.

Na verdade, Wright é tão hostil à noção da justiça como algo

que Deus leva em conta, que parafraseia totalmente o conceito tradicional de justiça em Filipenses 3.9. No texto original, Paulo declarou que sua grande esperança como cristão era "ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé". Mas, de acordo com Wright, Paulo está *realmente* "dizendo: Embora eu seja membro da aliança segundo a carne, não considero minha membresia na aliança como algo do que tire proveito; eu me esvazio, tomando parte na morte do Messias; pelo que Deus me concedeu a membresia que realmente importa, por meio da qual eu também compartilharei da glória de Cristo" (p. 124). Assim, a "justiça" que justifica o crente é reduzida à "participação na aliança".

Sua Negação da Imputação

Antes de concluir, um último aspecto da posição de Wright precisa ser notado. Muitas e muitas vezes, Tom Wright ataca a clássica doutrina reformada de que a justiça de Cristo é imputada ou levada em conta a favor do pecador e de que, somente com base nesta justiça, podemos obter a posição de justos diante de Deus.

Wright diz que isso é ilógico. Na página 98, ele escreve: "Se usamos a linguagem de um tribunal, não faz sentido dizer que o juiz imputa, concede, transmite, lega ou, de algum modo, outorga sua justiça tanto à vítima quanto ao réu. A justiça não é um objeto, uma substância ou um gás que pode ser transmitido pelo tribunal".

Escrevendo contra a histórica doutrina reformada da imputação, ele prossegue: "Se aceitamos a noção de 'justiça' como uma metáfora de tribunal, como tantos o fizeram no passado, isso dá a impressão de uma transação legal, uma operação comercial fria, quase um embuste realizado por um Deus racional e correto, mas que dificilmente desejaríamos adorar".

Isto significa que os cristãos estão errados em adorar um Deus que justifica os ímpios, que é justo e justificador daquele que crê em Jesus (ver Rm 3.26)? Que nunca acreditemos nisso! Embora o espaço não permita uma discussão mais completa deste tópico, fica evidente que Wright se afastou muito da doutrina reformada histórica.

Respondendo a Wright

Como os crentes devem responder à compreensão de Tom Wrigth a respeito da justificação pela fé? Apresento aqui quatro argumentos breves, simples e bíblicos que pesam fortemente contra os ensinamentos da Nova Perspectiva:

1. A Escritura Deve Instruir a Nossa Compreensão Sobre o Judaísmo do Século I

Nossa compreensão a respeito do judaísmo na cultura do apóstolo Paulo deve vir principalmente da própria Escritura e não das reflexões de eruditos do século XXI, que se recusam a aceitar a autoridade da Escritura. Tom Wright erra ao dar mais credibilidade à erudição de homens como Sanders e Dunn do que ao testemunho das Escrituras.

A parábola do fariseu e do publicano, por exemplo, nos fornece uma das melhores amostras do que as Escrituras querem realmente dizer, ao falarem sobre a justificação. A parábola descreve a justificação de alguém diante de Deus. Lucas 18.9 afirma que Jesus contou esta parábola "a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros". A Nova Perspectiva afirma que esse tipo de justiça própria não era realmente um problema no judaísmo dos dias de Paulo e Jesus. A Bíblia afirma o contrário. Na verdade, se permitirmos que o relato do Evangelho instrua o nosso entendimento sobre a religião farisaica, em vez de nos rendermos ao conhecimento de E. P. Sanders, chegaremos *inevitavelmente* à conclusão de que a antiga perspectiva sobre o farisaísmo do século I é a correta.

2. A Escritura Deve Moldar a Nossa Compreensão dos Ensinos de Paulo

Em segundo lugar, o nosso entendimento sobre a doutrina da justificação ensinada por *Paulo* deve vir do texto das Escrituras, e não de um conhecimento questionável das opiniões rabínicas do sé-

culo 1. Citando apenas um texto que é impossível conciliarmos com a Nova Perspectiva, leia Atos 13.38-39, onde temos o registro de Lucas a respeito de como Paulo pregou o evangelho em Antioquia. Depois de mencionar a ressurreição, Paulo disse: "Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste". É claro que o evangelho proclamado por Paulo incluía o perdão individual dos pecados. Observe como ele equiparou o perdão dos pecados à doutrina da justificação: "E, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés".

Romanos 4.4-8 é outra passagem que, compreendida corretamente, destrói a Nova Perspectiva de N. T. Wright sobre a justificação. Esta passagem também fala sobre a justificação individual da culpa do pecado e exclui qualquer tipo de obra meritória, não apenas a obediência aos símbolos cerimoniais do judaísmo: "Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado".

3. A Escritura Deve Moldar a Nossa Compreensão do Evangelho

Em terceiro lugar, observe que no livro de Romanos, Paulo inicia sua discussão sobre o evangelho falando a respeito da ira divina (Rm 1.18). Ele começa seu tratamento sistemático da verdade do evangelho escrevendo quase dois capítulos inteiros que se referem aos problemas do pecado e da culpa. Parece bastante claro que a noção de Paulo sobre o evangelho e a justificação difere muito da noção de N. T. Wright sobre esses assuntos.

Motivado publicamente por desejos ecumênicos, Wright está reinterpretando, com deliberação, a linguagem bíblica (em passagens chaves com esta de Romanos), para minimizar as diferenças entre os protestantes e os católicos romanos. Embora as táticas de Wright

sejam sutis, ocultas em linguagem evangélica e apresentadas de forma erudita, suas interpretações mais obscurecem do que clarificam o verdadeiro significado das verdades ditas por Paulo.

Em harmonia com este raciocínio, Sidney Dyer resumiu o assunto desta forma:

> O material mais perturbador no livro de Wright é aquele que estabelece a sua opinião sobre a justificação... Sua opinião sobre a justificação é um ataque ao âmago do evangelho. Paulo alertou sobre o perigo de alguém pregar outro evangelho, em Gálatas 1.8: "Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema". Paulo, ao usar as palavras "evangelho que vá *além*" (ênfase acrescentada), mostra que estava atacando todas as outras formas de evangelho, incluindo, portanto, um protopelagianismo no livro de Gálatas. É no cenário deste ataque que a verdadeira doutrina da justificação brilha tão forte e claramente. O incrédulo permanece culpado diante de Deus, como um criminoso sentenciado à pena de morte. Só pode escapar da condenação que merece se crer em Cristo, que viveu uma vida justa e sofreu uma morte expiatória em favor dos pecadores. Os homens não esperam comparecer diante de Deus como pessoas que, na disputa em um litígio ente duas partes, esperam que Deus entre a favor delas.[3]

4. *A Escritura Deve Ser o Árbitro Final de Todas as Nossas Opiniões*

Em quarto e último lugar, é irônico que N. T. Wright e outros proponentes da Nova Perspectiva acusem invariavelmente Lutero e os reformadores de verem um conflito de sua própria época na leitura

---

[3] Dyer, Sydney D. Tom wright's ecumenical teaching. *Katekomen.* 14/1, p. 195.

do Novo Testamento. É claro que N. T. Wright e seus colegas são os próprios culpados de verem noções populares de retidão política do século XXI nas epístolas paulinas. E a opinião que produziram tem uma evidente inclinação pós-moderna. É uma perfeita fusão pós-moderna de inclusivismo, anti-individualismo — um ataque sutil à certeza e à segurança — e, acima de tudo, ecumenismo.

Eles estão realmente sugerindo que o apóstolo Paulo foi impelido mais por preocupações sociais e ecumênicas do que por uma preocupação com a situação dos pecadores diante de Deus. A Nova Perspectiva sobre Paulo é, no final das contas, um movimento ecumênico, e não evangélico.

Wright é completamente honesto quanto às suas razões ecumênicas. Quase no fim do livro — página 158, ele escreve:

> A doutrina de Paulo sobre a justificação pela fé impele as igrejas, em seu atual estado de fragmentação, ao dever ecumênico. Não é certo que a mesma doutrina que declara: todos os crentes em Jesus pertencem à mesma família (Gálatas 2) seja usada como maneira de dizer que alguns, que definem de outro modo a doutrina da justificação, pertencem a uma família diferente. Em outras palavras, a doutrina da justificação não é meramente uma doutrina a respeito da qual católicos e protestantes possam concordar após árduo empenho ecumênico. A justificação é uma doutrina ecumênica, a doutrina que reprova todos os nossos agrupamentos de igrejas triviais e mundanos e que declara que todos os crentes em Jesus pertencem à mesma família... A doutrina da justificação é, de fato, a grande doutrina *ecumênica*.

Wright vai além afirmando que aqueles que considerarem a justificação como o tema central do debate entre protestantes e católicos "têm transformado a doutrina no seu oposto".

Sinceramente, estamos felizes em permanecer ao lado de Agostinho, Lutero e os outros reformadores protestantes – e com a Velha Perspectiva sobre o apóstolo Paulo – contra a doutrina que enfraquece o próprio âmago do evangelho. É surpreendente e entristecedor ver essa novidade seduzir tantos homens que professam

ser reformados em sua teologia. Na verdade, a Nova Perspectiva sobre Paulo não constrói sobre os avanços da Reforma Protestante. Pelo contrário, ela visa destruir a Reforma em seu próprio alicerce. Em outras palavras,

> A visão de Wright sobre a justificação é uma tentativa de reverter a Reforma. Precisamos resistir a tais tentativas. Trata-se de uma questão de vida ou morte — vida eterna ou morte eterna. Quando os pastores e mestres teológicos abandonam a doutrina bíblica e confessional da justificação, eles sacrificam o evangelho e as almas dos homens.[4]

---

[4] Ibid.

5

Vagueando de Modo Selvagem: Investigando a Mensagem de "Coração Selvagem"[1]

Daniel Gillespie

Se vendas significam alguma coisa, o último livro indispensável para os homens é Coração Selvagem, *de John Eldredge — uma obra na qual o autor expõe sua definição da verdadeira masculinidade. Como best-seller, o sucesso do livro ressalta a importância deste assunto na igreja contemporânea, onde os homens cristãos buscam desesperadamente um modelo bíblico a seguir.* Coração Selvagem *lhes provê esse modelo? Na verdade,*

---

[1] ELDREDGE, John. *Wild at heart.* Nashville: Thomas Nelson, 2001.

Eldredge cita versículos, faz referência a personagens bíblicos e realça muitos dos atributos de Deus. Mas, as suas idéias sobre masculinidade bíblica são realmente bíblicas? Ou estão mais firmemente fundamentadas em sua própria experiência extrabíblica? Consideraremos estas questões, enquanto examinarmos Coração Selvagem *à luz das Escrituras.*

Os fuzileiros navais estão à procura de poucos homens bons. Todavia, você jamais os encontrará na igreja, afirma John Eldredge, pelo menos não sem uma mudança séria.

Em seu best-seller, *Coração Selvagem*, Eldredge examina a falta de masculinidade bíblica no cristianismo contemporâneo, argumentando que os homens precisam voltar a ser líderes robustos — aquilo para o que foram criados. Até uma olhada superficial na sociedade moderna confirma a avaliação desanimadora de Eldredge e estimula a pergunta: aonde foram todos os homens bons? Da sala da diretoria ao quarto, do campo de futebol ao quintal, a falta de homens piedosos tem causado um impacto devastador em nossa cultura.

A solução, de acordo com Eldredge, é os homens cristãos descobrirem a verdadeira masculinidade — algo que só poderão fazer em um ambiente inóspito. Afinal, os homens não se sentem à vontade no escritório ou num táxi. Também não se sentem vigorosos em uma calçada no centro da cidade. Pelo contrário, os homens pertencem às regiões inóspitas, onde podem encontrar uma batalha para lutar, um amor para resgatar e uma aventura para viver. Os homens de verdade precisam de aventura, perigo e desafio físico para realizarem. Essa é a razão por que tantos homens estão entediados nas igrejas e insatisfeitos com suas buscas espirituais. É óbvio que não podem descobrir, na sociedade urbana moderna, o propósito para o qual Deus os criou. Precisam encontrar seu coração "lá na areia escaldante do deserto" (p. 6).

Munido de uma atraente maneira de escrever e de um apelo oportuno, a mensagem de Eldredge certamente tem encontrado a simpatia de muitos homens cristãos ao redor do mundo. Na verdade, desde a sua publicação, o livro já vendeu mais de um milhão de cópias — dando ao seu autor, até agora, uma das vozes mais influentes sobre

o assunto. Muitas igrejas, grupos de estudo e congregações têm aceitado o livro como uma perspectiva inovadora sobre a verdadeira masculinidade. E tem sido endossado por líderes evangélicos de posição elevada. O pastor Chuck Swindoll, por exemplo, no prefácio de *Coração Selvagem*, chamou o livro de "excelente", repleto de "idéias esplêndidas" e "o melhor e mais criterioso livro que já li nos últimos cinco anos".

Mas, esses elogios são comprovados? John Eldredge oferece realmente aos homens os meios para atingir a masculinidade? Com certeza, o autor identificou um problema evidente. Mas ele prescreveu, de modo correto, a cura? Ou está afastando os homens do lugar no qual Deus quer que eles estejam?

Acreditamos que uma avaliação completa de *Coração Selvagem* revela que a solução de Eldredge, embora inovadora, não corresponde à verdadeira masculinidade. De fato, muitos dos argumentos de Eldredge são diretamente opostos ao ensino bíblico sobre o assunto. Este capítulo destacará quatro categorias nas quais *Coração Selvagem* se desvia do caminho bíblico.

Um Ponto de Vista Insuficiente das Escrituras

O fundamento de *Coração Selvagem* é um ponto de vista insuficiente sobre as Escrituras. Quer seja pela ausência de textos bíblicos que o apóiem, quer seja por aplicá-los de modo severamente errado, Eldredge maneja a Espada da Verdade de modo grosseiro, numa tentativa vacilante de tornar seu livro cristão.

Do primeiro ao último capítulo, Eldredge jamais é claro sobre onde se encontra a sua autoridade final. Por um lado, ele cita as Escrituras e usa exemplos bíblicos para apoiar sua posição. Mas, por outro lado, também faz referências a filmes, poesias, livros e outros autores, como se fossem iguais à Palavra de Deus ou mais importantes do que ela. Na página 200, Eldredge afirma:

> Deus é intimamente pessoal conosco e fala de maneiras peculiares ao nosso coração — não apenas por meio da Bíblia,

> mas também de toda a criação. Com Stasi, Ele fala por meio de filmes. Com Craig, Deus fala por meio do rock and roll (ele me ligou outro dia, depois de ouvir a música "Running Through the Jungle", para dizer que estava eufórico para estudar a Bíblia). A palavra de Deus vem para mim de muitas maneiras — por meio do pôr-do-sol, amigos, filmes, músicas, reclusão e livros.

Uma ênfase exagerada em Hollywood.

Se fosse questionado, Eldredge talvez concordaria que a Escritura precisa ser a autoridade final na vida de um crente. Infelizmente, seu livro sugere o contrário. Com mais de sessenta referências a filmes e personagens de filmes, Eldredge inunda seus leitores com o retrato hollywoodiano da masculinidade. Nas palavras de um crítico:

> Lemos a respeito de *Lendas da Paixão, Coração Valente, Gladiador, Nada É Para Sempre, O Resgate do Soldado Ryan, A Ponte do Rio Kwai, Sete Homens e Um Destino, Os Brutos Também Amam, Top Gun, Ases Indomáveis, Duro de Matar, A Esquadrilha Mortal* e *Um Homem Fora de Série*. Qualquer um percebe rapidamente que é o conhecimento cinematográfico de Eldredge, e não sua habilidade bíblica, que constitui a principal fonte de suas conclusões.[2]

Falando com justiça, os exemplos de Eldredge retratam freqüentemente um homem com integridade, coragem e paixão — virtudes que são traços importantes da masculinidade bíblica. Mas as fontes e a autoridade de Eldredge para suas afirmações são inerentemente questionáveis. Os crentes devem ir a Hollywood para descobrir o que Deus espera dos homens? Os filmes devem ser a base ou fornecer os modelos da verdadeira masculinidade? Desde quando a igreja desenvolve seus ideais de espiritualidade a partir da imaginação de

---

[2] Rosscup, Jim. Review of wild at heart. *Pulpit*. September/October, 2003.

diretores incrédulos? No mínimo, Eldredge (que graduou-se em Artes Cênicas) transmite uma mensagem confusa a seu público — especialmente quando os personagens dos filmes que ele cita exemplificam menos do que o comportamento e os valores bíblicos.

Ouça o que Eldredge diz na página 13: "Compare sua ida ao estudo bíblico com a experiência de assistir à ultima aventura de James Bond ou Indiana Jones". Em outras palavras, quando comparada com as superproduções cheias de adrenalina, Eldredge parece sugerir que a Palavra de Deus perde feio. Mas, o desempenho espiritual deveria ser comparado com efeitos especiais? A Bíblia deveria ser avaliada em termos de valor de entretenimento? Claro que não! É bom o desejo de Eldredge em ver emoção, entusiasmo e vigor introduzidos na experiência cristã. Infelizmente, porém, ao procurar uma paixão espiritual renovada, Eldredge começa na indústria cinematográfica, em vez de olhar primeiramente para as Escrituras.

Uma ênfase exagerada em outras fontes extrabíblicas.

O suporte extrabíblico do autor não termina em Hollywood. Citações de compositores seculares, poetas e filósofos também preenchem as páginas de *Coração Selvagem*. Partindo de Dixie Chicks e passando por The Eagles até Bruce Springsteen, Eldredge parece apaixonado pelos pensamentos de homens mundanos. Ele cita Robert Bly, que se proclama discípulo de Sigmund Freud, mais de vinte vezes em seu livro. É como se Eldredge estivesse fazendo uma tentativa deliberada de usar fontes seculares para parecer relevante. Mais uma vez, esta preocupação com "relevância" resulta na exaltação da sabedoria humana contemporânea, enquanto o ensino ortodoxo da Bíblia é visivelmente deixado em segundo plano.

A confiança de Eldredge em fontes extrabíblicas é mais impressionante quando ele relata as supostas revelações que teria recebido de Deus. Na página 103, Eldredge escreve: "Ouvi Jesus sussurrando uma pergunta para mim: 'Você me permitirá instruí-lo?' Antes que minha mente tivesse a chance de processar, analisar e duvidar de tudo aquilo, meu coração exultou e disse: 'Sim'". Sem pensar ou examinar as Escrituras, ele respondeu àquilo que considerou ser a voz de

Deus. Mas, como ele sabe que aquilo veio de Deus? Adiante em seu livro, Eldredge reconhece que, às vezes, estas vozes podem não vir de Deus. Na página 134, ele afirma: "Você tem de perguntar a Deus o que ele pensa de você e precisa continuar com esta pergunta, até que obtenha uma resposta... Esta é a última coisa que o Inimigo deseja que você saiba. Ele fará o papel de ventríloquo e lhe sussurrará como se fosse a voz de Deus".

No entanto, o próprio Eldredge parece enaltecer a revelação que recebeu sem qualquer cuidado. Na página 135, por exemplo, ele relata, na forma de uma anotação em diário, a suposta conversa que teve com Deus.

> O que há comigo, querido Senhor? Você está satisfeito? O que você viu? Sinto muito que tenha de perguntar, desejoso de saber sem perguntar. O medo, eu creio, me faz duvidar. Apesar disso, anseio ouvir de você uma palavra, uma imagem, um nome ou mesmo apenas um vislumbre.
>
> Isto foi o que ouvi:
>
> *Você é Henrique V depois de Agincourt... o homem na arena, cuja face está coberta de sangue, suor e poeira, que lutou bravamente... um grande guerreiro... sim, você é Máximo.*
>
> E, depois, *Você é meu amigo.*

Mas, como ele pode ter certeza de que era o Senhor? Talvez fosse uma ilusão ardilosa de Satanás ou obra de uma imaginação muito fértil. Qualquer que seja o caso, é difícil imaginar o Senhor do universo lançando mão de filmes para revelar verdades espirituais.

Eldredge continua, na página 135, a descrever como se sentiu depois desta interação:

> Eu não seria capaz de explicar o quanto essas palavras significam para mim. Na verdade, fico embaraçado de contá-las a você; parecem arrogantes... São palavras de vida, palavras que curam minha ferida e destroem as acusações do Inimigo. Sou grato por elas, profundamente grato.

É incrível como essas palavras diferem das de homens como Davi (ver Sl 19) e Paulo (ver 2 Tm 3.16-17), que reservavam tamanho louvor apenas à Palavra de Deus escrita. Quer de propósito, quer não, Eldredge eleva seus próprios pensamentos (que atribui a Deus) acima da Palavra escrita (que uma vez por todas foi entregue aos santos — ver Jd 3). Tal petulância é perigosa, especialmente porque as Escrituras reservam graves advertências para esse tipo de presunção (ver Ap 22.18-19).

Uma falta de ênfase em textos bíblicos essenciais.

O uso abundante de apoio extrabíblico por parte de Eldredge fornece um imenso contraste à sua visível falta de textos bíblicos essenciais sobre a masculinidade. É certo que Eldredge chama a atenção para alguns versículos específicos que descrevem Deus como um guerreiro ou demonstram o zelo de Cristo. Mas num livro especificamente designado a homens cristãos, como ele pôde omitir textos como Efésios 5.25-33 e Tito 2.1-8? Estas são passagens por meio das quais os homens recebem mandamentos explícitos e se referem diretamente à essência da masculinidade bíblica. Num esforço para ser relevante e moderno, Eldredge deixou na prateleira a ferramenta mais eficaz dos crentes. Ao fazê-lo, acabou contradizendo muito do que as Escrituras realmente ensinam sobre a masculinidade.

É provável que esses textos tenham sido negligenciados porque, falando de modo geral, eles contradizem toda a tese do livro de Eldredge. Em Tito 2.2, por exemplo, os homens mais velhos são chamados a serem "temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé, no amor e na constância". Quatro versículos adiante, os moços são exortados a serem "criteriosos. Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível". O homem descrito em Tito é um contraste com o ator de cinema, grosseiro, livre e caçador de aventura, que é, inquestionavelmente, transformado em herói, em *Coração Selvagem.*

Um método equivocado de interpretação bíblica

Quando a Escritura é incorporada a *Coração Selvagem*, ge-

ralmente é citada fora de contexto ou equilibrada de modo sofrível com todo o cânon da Palavra de Deus. Ao examinar os santos do Antigo Testamento, Eldredge comete um erro comum, mas perigoso, no estudo bíblico. Ele supõe que não há distinção entre os textos descritivos e os prescritivos da Bíblia. Ao fazer isso, ele confunde eventos, descrições e características realçadas em passagens narrativas com mandamentos diretos dados ao crente do Novo Testamento. Considere seus comentários na página 5:

> Veja os heróis do texto bíblico: Moisés não encontrou o Deus vivo no shopping. Moisés O encontrou ou foi encontrado por Ele em algum lugar no deserto do Sinai, muito longe dos confortos do Egito. O mesmo pode ser dito sobre Jacó, que não teve sua luta com Deus no sofá da sala de estar, e sim num vau situado em algum lugar ao leste do Jaboque, na Mesopotâmia. Aonde o grande profeta Elias recuperou suas forças? No deserto. Isso também é verdade a respeito de João Batista e seu primo, Jesus, que foi *levado pelo Espírito* ao deserto.

Mas, esses poucos exemplos realmente nos mostram que Deus *sempre* usa experiências em lugares inóspitos, para mudar a vida dos homens? Claro que não. A Escritura fala muito de vários homens que "encontraram a Deus", sem se lançarem na natureza. Por exemplo, considere José (numa prisão egípcia), ou Daniel (num palácio babilônico), ou Neemias (numa corte real da Medo-Pérsia), ou o apóstolo Paulo (na estrada para Damasco). Estes são apenas alguns exemplos de homens a quem Deus tocou grandemente, enquanto moravam em áreas urbanas. Em contraste direto com a premissa de Eldredge, a mensagem geral da Bíblia deixa claro: Deus não está preocupado com a localização da sua vida, e sim com a situação de seu coração.

Com tantas passagens narrativas na Bíblia, qualquer princípio imaginável poderia ser apoiado, ao se confundir textos prescritivos com descritivos. Por exemplo, após ler a vida de Eliseu, alguém poderia argumentar que ser despedaçado por ursos selvagens é um bom castigo para crianças desrespeitosas (ver 2 Reis 2.23-25). É claro

que essa interpretação seria ultrajante. Mas o princípio por trás disto é essencialmente o que se encontra na página 5 de *Coração Selvagem.*

Outro exemplo de estudo bíblico descuidado é a explicação de Eldredge sobre o livro de Rute. Através da história, a grande maioria dos estudiosos bíblicos têm entendido que o tema do livro se centraliza na providência de Deus em ampliar a linhagem messiânica. Em contraste, Eldredge afirma: "O livro de Rute é dedicado a uma única questão: como uma boa mulher ajuda seu marido a agir como homem? A resposta: ela o seduz" (p. 191). Esta é certamente uma interpretação nova — aproximando-se tanto do bizarro quanto do blasfemo.

As Escrituras deixam claro que somente a Palavra de Deus escrita contém tudo que precisamos para sermos conduzidos "à vida e à piedade" (2 Pe 1.3; ver também Sl 119.105 e 2 Tm 3.15-17). Deixar a verdade bíblica de lado, em favor da sabedoria do mundo e referências de cinema, é tratá-la com negligência e desdém. Precisamos aproximar-nos da Palavra de Deus nos termos dEle, não mediante nossas próprias prioridades — simplesmente procurando textos que comprovem nossas idéias. No entanto, é assim que a Bíblia é usada em *Coração Selvagem.* Por isso, os argumentos de Eldredge são tão fracos, mesmo nos níveis mais elementares.

Uma Representação Inadequada de Deus

A segunda falha essencial em *Coração Selvagem,* derivada de uma visão insuficiente das Escrituras, é uma representação inadequada de Deus. Ao mesmo tempo que Eldredge tenta apoiar sua tese apelando ao caráter de Deus, prejudica seus leitores ao fornecer-lhes uma história incompleta. É claro que num pequeno livro com um tema específico é impossível incluir tudo que a Escritura tem a dizer sobre o Criador e Sustentador do mundo. No entanto, a falta de equilíbrio do autor é indefensável. Eldredge enfatiza apenas os atributos divinos que dão crédito à sua idéia de masculinidade. Outros atributos são convenientemente omitidos.

Por exemplo, Eldredge argumenta que homens piedosos não

devem ser necessariamente "bonzinhos". Na página 25, ele confirma esta premissa considerando as ações de Deus: "Eu me pergunto, se os egípcios que mantiveram Israel sob o chicote descreveriam Jeová como um 'Cara Bonzinho'. Praga, peste, morte dos primogênitos — isso não parece cavalheiresco, não é?"

Isto significa que homens piedosos devem também descarregar sua fúria sobre seus inimigos? Ao enfatizar a justiça, a ira e o poder de Deus, Eldredge promove a autoridade de Deus. No entanto, enquanto se refere continuamente a Deus como um guerreiro, ele falha em mencionar um dos atributos mais maravilhosos de Deus — sua misericórdia. E isto não é um descuido pequeno. A graça divina corre como um rio por todas as páginas da Escritura, do Antigo ao Novo Testamento. Deus é misericordioso, gracioso e bondoso. O plano completo da redenção é um ato de misericórdia inimaginável e sem igual. No entanto, em nenhum lugar de *Coração Selvagem* esse atributo é discutido.

Eldredge segue este curso na página 29, onde realça convenientemente os aspectos viris e bravios da criação de Deus: "Se você tem alguma dúvida quanto a Deus amar ou não a selvageria, passe uma noite na floresta... sozinho. Faça uma caminhada durante uma tempestade. Vá nadar no meio de um bando de baleias assassinas. Provoque a fúria de um touro". Mais uma vez, o poder de Deus na selva é inequívoco. Mas o caráter de Deus e a sua glória são igualmente evidentes na beleza de um pôr-do-sol, na complexidade do olho humano e na meiguice de um recém-nascido. Visto que a premissa de Eldredge exige que Deus também tenha um "coração selvagem", ele falha em apresentar todos os traços do caráter divino.

Coração Selvagem não somente defrauda vários dos atributos louváveis de Deus, mas também interpreta erroneamente outros. Um dos exemplos mais significativos disso envolve a soberania de Deus. Na página 30, Eldredge argumenta:

> Numa tentativa de assegurar a soberania de Deus, os teólogos têm exagerado em sua causa e nos deixado com um Deus jogador de xadrez, que joga em ambos os lados do tabuleiro, fazendo todos os seus movimentos e os nossos também. Mas

isso não é assim. Deus é uma pessoa que aceita riscos imensos.

Adiante, na mesma página, ele continua e pergunta: "Deus faz alguém pecar? 'Certo que não!', disse Paulo (Gl 2.17). Então, ele não pode estar movendo todas as peças do tabuleiro, porque as pessoas pecam em todo o tempo". E finalmente, na página 31, Eldredge sustenta: "Ele [Deus] não *fez* Adão e Eva obedecer-Lhe. Ele se arriscou".

Mais uma vez, numa tentativa de transformar Deus num caçador de aventuras e emoções, Eldredge distorce a figura bíblica da soberania de Deus. Considere os seguintes versículos:

> *Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.* (Jó 42.2)

> *Eis que eu sou o* SENHOR, *o Deus de todos os viventes; acaso, haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?* (Jr 32.27)

> *A sorte se lança no regaço, mas do* SENHOR *procede toda decisão.* (Pv 16.33)

> *Eu sou o* SENHOR, *este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir.* (Is 42.8-9)

O Deus da Bíblia não é um Deus que aceita "riscos". Não há nada desconhecido para Deus. Ele predestinou todas as coisas na história, desde antes da fundação do mundo (Ef 1). Na verdade, o livro de Apocalipse deixa claro: Deus já sabe como a história humana acabará. Certamente é verdade que Deus nunca é a causa ou o autor do mal que o homem pratica; a Escritura, porém, ensina que Ele exerce sua soberania até nos piores atos do mal (At 2.23-24; 4.27-28). Nada surpreende a Deus. Seu plano é abrangente e eterno (Is 45.21).

Diferentemente dos heróis de Hollywood, que enfrentam riscos

assustadores para obterem sucesso, o Deus das Escrituras está entronizado no céu, com tranqüilidade e confiança, no controle de toda a criação.

> *...eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.* (Is 46.9-11)

A Bíblia não poderia ser mais clara: não há riscos para Deus. Mas Eldredge parece ter negligenciado a evidência bíblica. Como resultado, ele substitui constantemente a descrição que a Escritura nos apresenta do Deus soberano por sua própria definição. Na página 12, por exemplo, ele descreve a Deus como "selvagem, perigoso, livre e desimpedido".

É verdade que Eldredge faz uma breve tentativa de separar-se do Teísmo Aberto. (O Teísmo Aberto é uma posição teológica relativamente nova que propõe que Deus é incerto sobre o futuro e faz o melhor de Si para que tudo dê certo no final.) Mas a argumentação de Eldredge não convence. Na página 32, ele admite que "devemos reconhecer humildemente que há uma grande dose de mistério envolvido, mas para os que conhecem o assunto, não estou defendendo o teísmo aberto. No entanto, há algo definitivamente selvagem no coração de Deus".

Este tipo de duplicidade teológica não tem fundamento. De acordo com *Coração Selvagem*, Deus é um Deus que assume riscos, e o risco só existe se o que está por vir é incerto. Mas, com certeza, esta não é a posição do cristianismo ortodoxo, nem está de acordo com o conteúdo total da Escritura. Negar a soberania de Deus não é apenas uma afronta ostensiva à sua Pessoa; é também uma negação completa de sua Palavra.

Uma Representação Incompleta de Cristo

A maneira irrefletida de *Coração Selvagem* lidar com a divindade não se restringe apenas ao Pai celestial. Também pode ser vista em sua descrição de Jesus Cristo. Ao afirmar corretamente que Jesus é um modelo para a masculinidade, Eldredge falha ao apresentar apenas metade da história.

Sem dúvida, não há um modelo melhor de masculinidade do que Jesus Cristo. Como o Filho do Homem, a Bíblia O descreve como homem perfeito — cem por cento humano e, apesar disso, sem pecado. Ao mesmo tempo, como Filho de Deus, Ele é o objeto supremo de nossa fé e o exemplo perfeito que devemos seguir. Como disse o apóstolo Paulo aos seus leitores: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Co 11.1).

Eldredge deveria ser elogiado por tentar apresentar a Cristo como um modelo de masculinidade. No entanto, ele deixa muito a desejar quando limita as características de Cristo àquelas que se encaixam em sua tese. A imagem de Cristo encontrada em *Coração Selvagem* é a do homem que purificou o templo, confrontou os fariseus e nunca se acovardou face à oposição. Na página 29, Eldredge descreve a Jesus, dizendo:

> Jesus não é nenhum "sacerdote celibatário", nenhum acólito de rosto pálido com o cabelo partido no meio, que fala suave, evita confrontação e, por fim, é morto por não ter escapatória. Ele trabalha com madeira, exige a lealdade dos pescadores. Jesus é o Senhor das multidões, o Capitão de hostes de anjos. E, quando Ele retornar, estará no comando de uma companhia amedrontadora, montado num cavalo branco, com uma espada de dois gumes e o manto tinto de sangue (Ap 19). Esta imagem parece muito mais com William Wallace do que com Madre Tereza. Não há dúvidas sobre isso — há ferocidade no coração de Deus.

Na figura de Cristo pintada por Eldredge, essas características

viris nunca são equilibradas com a verdadeira descrição bíblica da brandura, gentileza e misericórdia de Cristo. Embora seja verdade que os cristãos geralmente fazem uma representação incorreta de um Jesus passivo e efeminado, Eldredge reagiu indo ao outro extremo. O Cristo de Eldredge — um radical zeloso que parece sempre pronto para brigar — é uma representação igualmente errada do Jesus bíblico.

Outro exemplo da representação unilateral de Eldredge encontra-se na página 151, onde ele afirma: "Você precisa deixar sua força aparecer. Lembra-se de Cristo no Jardim, a força absoluta de sua presença? De fato, muitos de nós temos medo de deixar nossa força aparecer, porque o mundo não tem lugar para ela". No entanto, mesmo naquela passagem, Eldredge ignora o fato de que Cristo *não* se defendeu, nem tentou resistir. Na verdade, Ele até repreendeu Pedro por ter agido como o herói de *Gladiador* e tentado revidar. "Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão" (Mt 26.52). Ao ignorar convenientemente esta parte do texto, Eldredge distorce toda a passagem.

Nas páginas 78 e 79, ao aconselhar um de seus filhos que tivera problemas com um vizinho valentão, Eldredge disse:

> "Blaine, olhe para mim." Devagar e com relutância, ele levantou os olhos lacrimejantes. Seu rosto estava coberto de vergonha. "Quero que você escute muito bem o que direi agora. Na próxima vez que este valentão empurrar você, quero que faça o seguinte – está ouvindo, Blaine?" Ele concordou com a cabeça, com grandes olhos molhados fixos nos meus. "Eu quero que você se levante... *e bata nele... o mais forte que conseguir*" [ênfase acrescentada]. Uma expressão de prazer embaraçado surgiu no rosto de Blaine, e finalmente ele sorriu...
>
> Sim, eu sei que Jesus nos disse que déssemos a outra face. Mas temos realmente usado este versículo de maneira errada. Você não pode ensinar um menino a usar sua força privando-o dela. Jesus era capaz de revidar, acredite. Mas Ele resolveu não fazê-lo. Mas sugerimos que um menino humilhado e envergonhado na frente de seus colegas, privado de todo o seu poder e

> dignidade, deva continuar apanhando porque Jesus quer que ele continue apanhando? Você o enfraquecerá pelo resto da vida.

Foi isso que Jesus quis dizer quando mandou que déssemos a outra face (Mt 5.39)? E o que podemos dizer sobre o mandamento de Cristo para amar os inimigos e orar pelos que nos perseguem (Mt 5.44)? Mais uma vez, Eldredge distorce completamente a Palavra de Deus, substituindo a instrução clara de Cristo por sua própria sabedoria e conselho mundanos.

Observe que, ao tentar ensinar seu filho a ser forte e defender sua masculinidade, Eldredge ignora completamente o exemplo sublime de Jesus, conforme ele mesmo afirma: "Jesus era capaz de retaliar... Mas Ele resolveu não fazê-lo". Esta *é* a verdadeira força, apesar das conclusões de Eldredge. A habilidade de demonstrar graça quando estamos sob ataque vem somente da obra do Espírito na vida do crente. Se a masculinidade bíblica é medida em termos de revidar, então, o que devemos falar sobre o exemplo de Jesus, que fomos expressamente ordenados a seguir: "Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças" (1 Pe 2.23). O exemplo de Jesus nos deixa apenas uma conclusão — Eldredge está errado ao igualar o dar a outra face com "fraqueza" (p. 79).

É claro que Cristo era a antítese da fraqueza. Mas o seu poder é visto mais em sua moderação constante do que em suas raras demonstrações de ação. No entanto, Eldredge apresenta um Cristo "feroz, impetuoso e romântico ao extremo" (p. 203). Esse tipo de representação tem levado alguns críticos, como Ruth Ethridge III, a protestar dizendo:

> Cristo é impetuoso? Uma vez que Cristo está no controle absoluto de todas as coisas (Mc 4.39-41), o termo "impetuoso" simplesmente não se aplica a Ele. Além do mais, quando examinamos a personalidade característica de Cristo e o seu papel messiânico, não vemos impetuosidade, mas submissão completa e pura. Jesus falou e agiu exatamente como o Pai desejava (Jo 8.28-29; Fp 2.7-8) e viveu em total submissão à Lei (Mt 5.17-18). Nossa salvação dependia da falta de impetuosidade em Cristo!

> (Rm 5.18-19.) É certo que Jesus bradou contra a hipocrisia farisaica e expulsou os cambistas do templo, mas estas coisas são, de fato, indicativo de impetuosidade... ou de obediência autocontrolada e intensa para com o Pai? Como pode a própria personificação de submissão, humildade e poder absoluto ser considerada impetuosa?

Ver a Cristo mais parecido com William Wallace do que com Madre Tereza, como Eldredge o faz na página 29, não é a questão aqui. Afinal de contas, Cristo não pode ser comparado com ninguém. Na verdade, a questão é nossa semelhança com Cristo. *Ele* é o padrão, não William Wallace, John Wayne ou James Bond. Cristo, e somente Cristo, é o padrão perfeito para a masculinidade. Isto é observado em sua própria pessoa e vida, além de ser ordenado em sua Palavra. Sim, Cristo demonstrava paixão, liderança e poder. Mas também demonstrava grande misericórdia, humildade e autocontrole. Eldredge está certo ao se voltar para Cristo, mas erra em sua tentativa de apresentar uma visão exata de Cristo — como o Rei soberano ou como o Servo sofredor.

Uma Representação Inadequada do Homem

Uma última falha exibida em *Coração Selvagem* é uma visão incorreta e antibíblica do homem — uma falha que é especialmente alarmante num livro sobre a busca da verdadeira masculinidade. A antropologia mal orientada de Eldredge é vista de pelo menos duas formas.

A responsabilidade do homem pelo pecado é negligenciada.

Em vez de estabelecer a responsabilidade individual pelo pecado, o autor encoraja os homens a livrarem-se da culpa — vendo o pecado mais como uma doença do que como uma escolha moral. Um capítulo inteiro (4) lida com as "feridas" que todo homem tem — feridas que ajudam a explicar o que é um homem e porque ele age de determinada maneira. Em outras palavras, todo homem é uma vítima de maus

tratos: quer seu pai tenha sido muito passivo, quer muito dominante, você recebeu muita responsabilidade ou muita liberdade. De qualquer modo, todos têm uma "ferida". Na página 127, ele afirma: "Há leitores que ainda não têm idéia de qual seja a sua ferida ou do tipo de falsa personalidade que resultou dessa ferida. Ah! como é conveniente essa cegueira! Bendita ignorância. Mas uma ferida não-percebida é uma ferida não-curada".

Ao convencer seus leitores a jogarem a culpa por seu comportamento sobre essas feridas escondidas, Eldredge substitui a culpa do pecador pela piedade autojustificadora de uma vítima. Esse pensamento não poderia estar mais longe da representação bíblica da responsabilidade do homem. O apóstolo Paulo não clama por misericórdia baseado em sua criação ou em seus pais judeus legalistas. Ele afirma: "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Tm 1.15). Em Romanos 3.23, Paulo exorta todos a reconhecerem seu estado pecaminoso: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Apesar de todos os seus sofrimentos, Paulo nunca queixou-se de ser uma vítima. Ele não rejeitava ou negava o seu pecado, nem desculpava a pecaminosidade dos outros como uma ferida que lhes foi infligida. Pelo contrário, Paulo reconhecia a realidade e a subseqüente responsabilidade da depravação humana (ver Sl 51.4-5).

Por outro lado, *Coração Selvagem* diminui a importância do pecado a cada página. Ao tirar o foco do pecado, Eldredge reduz a culpa do homem diante de Deus e tira a ênfase de sua necessidade de arrependimento. "As coisas começaram a mudar para Carl quando ele passou a ver toda a sua batalha sexual não tanto como pecado, e *sim como uma batalha por sua força*" (p. 147). Sem aceitar o pecado como o verdadeiro problema do homem, o autor faz um diagnóstico bastante errado da maior necessidade do homem. A Escritura deixa extremamente claro que Deus responsabilizará cada pessoa por seus pecados (Rm 3.23; 6.23). Este é o nosso verdadeiro problema, e toda a Escritura afirma isso. E, portanto, nossa maior necessidade é um Salvador, e não um curandeiro e uma afirmação de nossa própria força. As "feridas" por trás das quais Eldredge encoraja os homens a se esconderem podem ser populares, mas são antibíblicas.

O propósito de vida do homem é mal interpretado.

Além de negligenciar um ponto de vista adequado sobre o pecado, Eldredge também não compreende o propósito de Deus para os homens. Isto não é surpreendente, visto que, em vez de olhar para a Palavra de Deus, em busca da resposta, ele olha para suas próprias vontades e desejos. Por isso, Eldredge afirma na página 48:

> Por que Deus criou Adão? Para que o homem existe? Se você sabe para o que alguma coisa foi criada, então, sabe o propósito de sua vida. Um cão de caça adora água; o leão adora caçar; o falcão adora voar. É para isso que foram criados. Desejo revela projeto, e projeto revela destino. No caso dos seres humanos, nosso projeto também é revelado por nossos desejos.

O que Eldredge está dizendo? De forma bem simples, o propósito do homem deve ser determinado por suas paixões e prazeres. Visto que o homem deseja aventuras, batalhas e belezas, esses têm de ser os alvos que ele deve perseguir. Ao admitir isso, o autor omite o fato de que, como criaturas caídas, nossos desejos são inerentemente pecaminosos e egoístas. Além disso, ele torna o propósito da vida centralizado no homem, e não em Deus. Cristo disse que veio para fazer a vontade do Pai e não a sua própria (ver Lc 22.42). Em contraste com isso, Eldredge afirma que a chave para a masculinidade bíblica está em abraçarmos nossa própria vontade, acima de qualquer outra coisa.

Numa livraria, anos atrás, Eldredge "encontrou uma frase que mudou [sua] vida". A frase, do escritor Gil Bailie, era a seguinte: "Não pergunte a si mesmo o que o mundo precisa. Pergunte a si mesmo o que deixa você animado e busque isso, porque o mundo precisa de pessoas que vivem plenamente" (p. 200). Se esse é o lema de Eldredge, não admiramos que ele veja a ambição egoísta como a chave para uma vida piedosa. Com certeza, isso não está de acordo com o ensinamento das Escrituras (ver Fp 2.1-4). Ao contrário das afirmações de Eldredge, o mundo precisa realmente de homens altruístas que obedecem a Cristo e proclamam o seu evangelho –

procurando servi-Lo, ao invés de servirem a si mesmos. Cristo nos chama a negarmos a nós mesmos e segui-Lo (Mc 8.34). Parece que Eldredge está nos chamando a fazer exatamente o oposto.

Conclusão

Sem dúvida, *Coração Selvagem* aborda uma questão vital do cristianismo. Há uma grande necessidade de homens com determinação, força e caráter. No entanto, ao falhar em estabelecer uma concepção elevada das Escrituras e de Deus e uma visão adequada do homem, Eldredge lança um alicerce defeituoso para o estabelecimento da verdadeira masculinidade. A sua chamada para um homem ser impetuoso é desnecessária — e antibíblica. Os homens devem ser dignos e irrepreensíveis, não perigosos e incontroláveis. O homem atrás da mesa tanto pode ser um homem de Deus como um guerreiro do Antigo Testamento — se ele se apegar ao que a Palavra ordena que ele seja (ver Ef 5; Tt 2).

Portanto, o homem que busca a verdadeira masculinidade deve olhar somente para as páginas da Escritura, pois ali encontrará a verdade sobre si mesmo, vinda dos lábios de seu Criador. Os seus ouvidos não devem se divertir com caprichos humanos, e sua mente deve ser instruída pela Palavra de Deus. E, antes de qualquer homem procurar uma batalha para lutar, uma mocinha para resgatar e uma aventura para viver, ele deve olhar primeiramente para o seu Deus, a fim de glorificá-Lo.

6

Quando a Verdade se Torna um Tablóide:

Um Exame Atencioso em "The Revolve New Testament"[1]

Rick Holland

Este capítulo nos lembra que o discernimento é necessário não somente na estante de livros, mas também na de revistas. Diante da popularidade de revistas seculares para adolescentes, como a YM *e a* Seventeen, *pouco nos admiramos com o fato de que editoras cristãs estão finalmente seguindo a moda. Neste caso, a Transit Books lançou a* Revolve, *uma edição do Novo Testamento no formato de revista (em material de alta qualidade)*

---

[1] *Revolve: the complete New Testament.* Nashville: Transit Books, Thomas Nelson, 2003.

que tem como alvo as adolescentes. (Transit Books também lançou recentemente a Refuel, *para rapazes, com várias outras Bíblias-revistas.) Repleta de desafios atraentes e fotos modernas,* Revolve *certamente imita o estilo e o layout de outras revistas para adolescentes. Mas, é possível que tenham conseguido manter a integridade do Novo Testamento? Este capítulo, originalmente publicado como um artigo para a revista* Pulpit, *deixa de lado a aparência e aborda o conteúdo, para revelar a verdadeira face de* Revolve.

A Bíblia tem sido remodelada em inúmeras formas, na pós-modernidade. Estas formas incluem CDs com efeitos sonoros, produções cinematográficas e televisuais, com conteúdo dramático e efeitos especiais, desenhos animados dublado por celebridades, gibis com caricaturas multicoloridas, vegetais computadorizados que falam e cantam com perspicácia bíblica impressionante, romances e filmes escatológicos e até musicais da Broadway.

Portanto, poucos se surpreendem com o fato de que a Bíblia está sendo submetida a mais uma cirurgia plástica, sob o bisturi criativo dos editores da Transit Books, uma divisão da Thomas Nelson, Inc. Mas, assim como uma foto recente de Michael Jackson, essa última versão da Bíblia Sagrada se parece muito pouco com a original.

Conheça a *Revolve*. Trata-se de uma edição do Novo Testamento que usa tanta camuflagem quanto um bombardeiro *Stealth B-2,* em seu esforço para se disfarçar. Em nada parecida com qualquer outra Bíblia, *Revolve* foi planejada para poupar as adolescentes do embaraço de serem encontradas com uma cópia tradicional das Escrituras.

À primeira vista, *Revolve* se parece com qualquer outra revista de alta qualidade para adolescentes, recheada de fotos de estudantes atraentes e modernos, bem coloridas, e propagandas. Esta revista para adolescentes poderia estar na prateleira ao lado de *Glamour* e *YM,* parecendo apenas mais uma contribuição da cultura popular. No entanto, um exame mais atencioso da capa revela quatro palavras inesperadas atravessando a parte de cima: "O Novo Testamento Completo".

Os criadores da *Revolve* queriam idealizar uma Bíblia que ficaria à vontade na mochila de garotas entre doze e dezessete anos. Laurie Whaley, da Thomas Nelson, declarou: "As adolescentes diziam achar a Bíblia muito esquisita, muito grande, muito intimidante... *Revolve* mostra às garotas que ler o Novo Testamento é tão fácil quanto ler um exemplar de *Seventeen* ou *Vogue*".[2]

Bem ao lado do texto do Novo Testamento, há quadros de notas como aquelas encontradas em qualquer revista para adolescentes. Estes "bônus" incluem perguntas e respostas cristãs, pensamentos devocionais, dicas de compras, segredos de beleza, opinião dos rapazes, propagandas, listas das dez mais e testes. Então, de que modo estes suplementos se encaixam com as Escrituras?

Quero levá-lo a uma rápida viagem pela *Revolve*...

A capa acerta o alvo quanto ao estilo de uma revista típica para adolescente — três garotas sorridentes, com os ombros de fora e dentes perfeitos. A capa interna contém uma propaganda com a foto de uma adolescente magérrima promovendo um livro chamado *Diary of an Anorexic Girl* (Diário de uma Garota Anoréxica), também publicado pela Transit Books.

Pulando à página 198, você encontrará uma propaganda de uma agência cuja missão é ajudar os sem-teto. Vá à página 33 e poderá responder um dos muitos testes da revista. Este é intitulado *Você tem uma imagem saudável do corpo?* Com respostas de múltipla escolha — "nunca, às vezes, freqüentemente, sempre" — as leitoras devem responder às seguintes afirmações:

1. Eu gosto de comprar roupas.
2. Sinto-me constrangida quando estou perto de alguém que acho bonita.
3. Adoro que tirem fotos de mim.
4. Experimento algumas roupas diferentes até decidir o que usar.

---

[2] LEVENTRY, Ellen. Extreme makeover: a teen take on the New Testament.

5. Sinto-me confortável em trajes de banho.
6. Quando olho para mim mesma no espelho, encolho-me decepcionada.
7. Há partes do meu corpo das quais eu realmente me orgulho.
8. Sou crítica com relação ao corpo de outras mulheres, não importa o quão bonitas elas sejam.
9. Como o que quero, sem pensar sobre gordura ou calorias.
10. Eu me peso mais de uma vez por dia.

No fim da página, você pode avaliar a si mesma e descobrir se tem uma *imagem pobre, razoável ou excelente do seu corpo.*

Espalhadas pelas 388 páginas desse Novo Testamento, há ecos da "lista das dez mais". Na página 109, encontra-se uma lista com o título *Maneiras de Fazer a Diferença em sua Comunidade.* Da décima à primeira, elas são: cuide do jardim dos idosos ou doentes; doe roupas velhas para famílias necessitadas; recicle latas e garrafas; use vasilhas reutilizáveis, em lugar de filme plástico, para guardar seu almoço; facilite o trabalho dos outros; ofereça-se para cuidar dos filhos dos seus vizinhos de graça; doe um pouco de dinheiro a instituições de caridade; sorria independentemente das circunstâncias; recolha o lixo jogado na rua; e, a principal maneira de fazer a diferença em sua comunidade é: plante uma árvore.

Há outra lista na página 294. Seu título é: *Maneiras de Fazer a Diferença em sua Escola.* Novamente, da décima à primeira, elas são: ore por sua escola; conduza um grupo de estudo bíblico; inicie um projeto de embelezamento da escola; seja legal com os novatos; tenha um espírito escolar; organize um grupo que levante fundos para caridade; ajude as faxineiras depois das aulas; ore por seus professores; envolva-se; faça novos amigos. E, a principal maneira de fazer a diferença em sua escola é: comece um clube de oração.

O que acho impressionante é que contar a alguém as boas-novas a respeito de como ele pode ser perdoado de seus pecados e herdar a vida eterna com o Deus vivo e verdadeiro não faz parte das 10 principais maneiras de fazer a diferença, tanto na comunidade como

na escola! De acordo com os editores da *Revolve*, plantar uma árvore e embelezar as instalações da escola são mais importantes do que o poder e a influência do evangelho de Jesus Cristo.

Na página 209, há outra lista interessante. O título é *Coisas a Procurar em um Rapaz.* Da décima à primeira: gentileza, força, autocontrole, lealdade, amizade, humor, integridade, liderança, honestidade. E, a coisa número 1 para se procurar em um rapaz é: respeito. Infelizmente, características como piedade, santidade, e maturidade espiritual não entram na lista das dez coisas que uma jovem deve procurar em um rapaz.

Outra lista das "dez mais", por favor. Na página 265, o título é: *Coisas a Saber sobre Ser uma Garota Revolve.* Da décima à primeira, elas são: garotas *Revolve* são amigas fabulosas; garotas *Revolve* são discretas; garotas *Revolve* gostam de passar tempo com a família; garotas *Revolve* respeitam os outros; garotas *Revolve* sabem que o seu corpo é templo de Deus; garotas *Revolve* nunca contam fofocas; garotas *Revolve* não são argumentadoras; garotas *Revolve* tem boa postura; garotas *Revolve* não falam com a boca cheia. E, a principal maneira de ser uma garota *Revolve* é: garotas *Revolve* não telefonam para rapazes. (A propósito, nesta mesma página há uma caricatura de Maria e Marta vestindo jeans curtos e camisetas apertadas; e têm corpos sensuais.)

Rapazes são um assunto abundante na *Revolve.* Há atraentes quadros de notas em toda a revista, com fotos de algum bonitão e a sua opinião. Na página 9, há um desses quadros cujo título é *Rapazes Falam,* com uma pergunta e uma resposta. A pergunta é: "Qual deveria ser a maior preocupação das garotas quando estão no colégio?" A resposta: "Provavelmente, a escola. Este é o fator mais importante para ajudar você a alcançar seus objetivos na vida — mais que aparência ou sociabilidade". (Então, a autoridade é algum rapaz? *Não* deveria ser Deus o maior interesse das garotas?)

A superficialidade continua com outro desses quadros intitulado *Segredos de Beleza.* Na página 5, por exemplo, vemos a seguinte dica: "Quando você estiver passando o protetor solar, aproveite esse tempo para falar com Deus. Diga-Lhe o quão grata você é pela maneira como Ele a fez. E logo estará tão acostumada a falar com

Ele, que isso se tornará um hábito comum e familiar, como a sua limpeza de pele".

Um exemplo final vem do versículo mais famoso da Bíblia, João 3.16. Na página 137, em vez de incluir algo sobre como se tornar um cristão, *Revolve* apresenta o seguinte *Segredo de Beleza* ao lado de João 3.16: "Ao tirar as sobrancelhas, coloque um pano quente sobre elas, antes de começar. Isso aquece os poros, de modo que fiquem prontos para a dor. Lembre-se disto, quando tiver de transmitir más notícias para alguém: um abraço caloroso ou palavras amáveis ajudam a diminuir a dor. Um bom amigo em tempos de necessidade é um grande conforto".

Agnieszka Tennant observa: "Na página 186, as garotas podem encontrar a lista dos 'dez mais' dos Grandes Livros Cristãos. C. S. Lewis e Dorothy Sayers não fazem parte da lista. As maiores honras vão para *Witnessing 101*, de Tim Baker, publicado pela Transit Books. Na verdade, todos os dez livros da lista foram publicados recentemente pela Thomas Nelson, a maior parte deles por meio da Transit Books".[3]

Ainda há outra curiosidade: o oitavo livro da lista é *Why So Many Gods?*, cujos autores são Tim Baker e Kate Etue. Esta é também a editora sênior da *Revolve*. Ela esteve recentemente na CNN promovendo a Bíblia-revista.[4]

O que devemos pensar sobre a *Revolve*? Não é uma revista. Não é uma Bíblia. Certamente não é uma Bíblia de estudo. Whaley afirma que ela é "um produto bíblico inspirador e motivacional".[5]

Por que esta revista para adolescentes, de cultura popular, justificaria nossa atenção? Veja isto: ela quebrou, para a Thomas Nelson, todos os recordes de venda de Bíblias, em seu primeiro mês de publi-

---

[3] TENNANT, Agnieszka. "Ten things you should know about the new girls' Biblezine" (16 de setembro, 2003).

[4] BLITZER, Wolf. "Book Publisher: Amazing Response to Bible magazine" (Interview Transcript, 2 de setembro. 2003).

[5] TENNANT, Agnieszka. "Ten things..."

cação — mais de 30.000! Com esse tipo de resposta, a companhia imprimiu mais 70.000 cópias.

Então, o que devemos pensar de um Novo Testamento publicado em um formato que se assemelha a uma revista de moda?

Em primeiro lugar, quero parabenizar o que considero um bom motivo da parte dos idealizadores. Apoio esforços para alcançar as moças com o evangelho que transforma vidas contido no Novo Testamento. Na verdade, estou há quase vinte e cinco anos no ministério de levar o evangelho de Jesus Cristo aos adolescentes.

Mas façamos algumas perguntas sobre a conveniência e a sabedoria. Uma Bíblia com dicas de namoro, segredos de maquiagem, listas das "dez mais" e entrevistas com rapazes — de onde veio tudo isso?

Os criadores de *Revolve* nos contam sem embaraço. Laurie Whaley disse:

> As pesquisas que fizemos com adolescentes de todo o país indicavam que elas consideravam a Bíblia muito intimidante... e alguns até chamaram-na de "esquisita"... Então lhes perguntamos: "O que vocês lêem?" E a resposta que obtivemos foi: "Lemos revistas". E foi assim que surgiu a idéia de pegar a mensagem da Bíblia e colocá-la num formato com o qual as adolescentes já estavam acostumadas.[6]

Em outras palavras, a pressuposição fundamental é que o evangelho é melhor quando empacotado de forma relevante para a nossa cultura. Mas a Bíblia e a sua mensagem são fundamentalmente contraculturais. Russell Moore, do The Southern Baptist Theological Seminary, destaca corretamente: "A 'esquisitice' da Bíblia... é precisamente o que lhe dá o poder de salvar. É uma mensagem sem qualquer *glamour*. É a mensagem do Cristo crucificado e ressurreto, que cha-

---

6 Roach, David. *Revolve* New Testament Trivializes Gospel Message. Moore Says on MSNBC. September, 2003.

ma todas as pessoas de todos os lugares a se reconciliarem com Deus por meio dEle. É essa singularidade da Bíblia que lhe dá poder".[7]

Os Guinness observou acertadamente:

> Em nossa busca indiscriminada por relevância, temos, na verdade, cortejado a irrelevância; por causa da ansiosa busca por relevância, sem um compromisso adequado com a fidelidade, nos tornamos não apenas infiéis, mas também irrelevantes; por conta de nossos esforços resolutos em nos redefinirmos de modo a sermos mais atraentes ao mundo moderno do que fiéis a Cristo, perdemos não somente nossa identidade, mas também nossa autoridade e relevância. Nossa necessidade urgente é sermos fiéis, bem como relevantes.[8]

A autoridade da Bíblia está sendo ofuscada na prática pelas pretensões do mundo moderno. A propósito, a editora também lançou uma Bíblia-revista para rapazes, chamada *Refuel*. Esta versão masculina do Livro Sagrado é um pouco mais explícita quanto a sexo e relacionamentos. Também destaca artigos sobre carros, música, mundo, esportes e finanças.

Estaria a igreja perdendo sua identidade e confiança? Estamos trocando o eterno pelo temporal, o duradouro pelas modas, o essencial pelo trivial, o transcendente pelo transitório e o profundo pelo mundano?

Revolve é um representante dos ataques contemporâneos à Bíblia, ataques que os crentes comprometidos precisam levar a sério. Considere os seguintes ataques à Bíblia nos quais *Revolve* inconscientemente toma parte.

---

[7] Ibid.

[8] GUINNESS, Os. *Prophetic untimeliness*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2003, p. 15.

Acrescentando à Bíblia

Quero ser bem claro. Os editores da *Revolve* não acrescentaram nada ao texto do Novo Testamento — pelo menos não explicitamente. Entretanto, ao colocar todos aqueles quadros com conselhos e até ordens, no contexto e na capa da Palavra de Deus, os editores transmitem-nos como imperativos.

Esses acréscimos nos quadros de notas não se semelham às notas de uma Bíblia de estudo, visto que na Bíblia de estudo as notas explicam o que as Escrituras dizem, enquanto os quadros da *Revolve* acrescentam o que as Escrituras não dizem. E a inteligência e a sabedoria dos quais procedem as informações são suspeitas.

Ouça estas palavras do website da *Revolve*:

> A leitura da Bíblia intimida muitas garotas. No entanto, *Revolve* torna o Novo Testamento acessível e ajuda as leitoras a entenderem os ensinos bíblicos por meio de situações da vida real e de características de revistas bem conhecidas. Para tornar as notas tão relevantes quanto possível, cada uma delas foi escrita por mulheres na faixa dos vinte anos, que passaram tempo com moças e sabem o que as adolescentes procuram na vida e da Bíblia. Por meio deste novo formato de Bíblia, as moças aprendem a lidar com a família, os amigos e a vida, empregando crenças e comportamento cristãos, ao mesmo tempo que não se sentem excluídas da cultura popular.

Em outras palavras, essas mulheres possuem grande autoridade por causa de sua idade (e habilidade de se relacionarem com as moças). Além disso, os conselhos dados são terapia de auto-ajuda para se adequarem à cultura popular. É questionável se o público alvo terá ou não discernimento para distinguir entre a autoridade do texto bíblico e todo o "resto". Então, material não-bíblico está sendo realmente acrescentado à Bíblia.

Editando a Bíblia

Agora o assunto é a tradução, ou melhor, a paráfrase usada. A *The New Century Version* (Versão Novo Século) é o texto escolhido pela *Revolve*. Esta não é uma tradução acurada, e sim uma paráfrase amplamente contemporânea que usa em excesso a equivalência dinâmica. Como tal, essa versão se encontra entre os textos mais distantes do original.

Deus não tinha problema de comunicação quando transmitiu a sua Palavra. De modo sobrenatural, Ele gravou as palavras, expressões, ilustrações e alusões em sua revelação. Resolver as dificuldades de compreensão do texto é o trabalho do pregador, não do tradutor.

A ausência do Antigo Testamento produz um comentário quase sutil a respeito de sua importância. Os editores disseram que o Antigo Testamento é muito grande e complicado para o formato de revista. Se este é o caso, qual é o critério para imprimir a Palavra de Deus — tamanho e complexidade? Se este é o caso, por que decidiram incluir o livro de Apocalipse?

Trivializando a Bíblia

No âmago de *Revolve,* encontra-se a tentativa ousada de apresentar as palavras da Escritura em um formato que reflita o mundo, no máximo possível. Observe o que é excluído nos quadros de notas: como morrer para si mesmo, como estimar a Jesus acima de todas as outras coisas, como apresentar com clareza o evangelho a alguém e como manter o foco de sua vida em Deus, e não em si mesmo!

A maior parte dos "extras" da *Revolve* é pouco mais do que pode ser encontrado na *Vogue* ou *Seventeen*. Ela é trivial e tenta ajudar as adolescentes em coisas que nada têm a ver com as exortações e desafios do Novo Testamento.

Na mesma página onde está João 20, que narra a ressurreição, achamos dicas de compras! O Evangelho de Marcos, ao ser apresentado, é chamado de "o evangelho para os sabidinhos". E na mesma página em que Paulo fala sobre a encarnação de Jesus, em Filipenses

2, encontramos o seguinte *Segredo de Beleza:*

> Aplicando a Base — Você precisa de uma boa base, equilibrada, para segurar o resto de sua maquiagem, assim como Jesus é, em certa medida, a base forte de nossa vida. Mantenha-O como a base e construa tudo sobre Ele. Se algo não se encaixar no plano dEle para você, isso fará cair a base. Todo o resto se encaixará onde precisa ficar.

Isto não é mera ilustração — é uma trivialização da preciosa realidade de Cristo como o fundamento de toda a vida do crente.

Contaminando a Bíblia

Folhear a *Revolve* é um pouco semelhante a observar um rio puro e límpido que contém lixo boiando. Há uma contaminação da fonte pura da verdade e da autoridade de Deus. Será que Paulo consideraria isso repugnante? Lembre-se das palavras dele, em 1 Coríntios 2.4-5: "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus".

Essa Bíblia-revista coloca a sabedoria do homem (explicitamente, a de homens e mulheres jovens) ao lado do valor infinito da Escritura. O rio da sabedoria de Deus é poluído por coisas como: *Os Rapazes Falam.*

Numa seção *Os Rapazes Falam,* na página 128, dirigiu-se a seguinte pergunta a um rapaz bonitão: "O que é mais importante para você quando procura uma garota?" A resposta não está centralizada em Deus, em Jesus ou mesmo em coisas espirituais. Pelo contrário, Ele respondeu: "Uma boa personalidade, alguém que cuida de si mesma". Então, que aplicação se pretende para uma garota de quinze anos de idade? É chocante ver que *Revolve* encoraja as adolescentes a centralizarem-se em si mesmas, para agradar os *rapazes*, em vez de centralizarem-se em *Deus*!

Secularizando a Bíblia

Revolve ataca a eternidade da Palavra de Deus, ao fazer uma edição que logo ficará ultrapassada. Até o jornal de hoje estará ultrapassado amanhã, e *Revolve* tem se vinculado de tal modo à cultura sempre mutável, que certamente terá vida breve. Ah! Eis a esperteza financeira! Tão logo fique ultrapassada, a editora pode atualizar as fotos, adaptar os conselhos, e — surpresa! — estará pronta uma nova revista relevante do ponto de vista cultural.

Há uma inquietante pressuposição que passa despercebida neste assunto. Temos realmente de ser como o mundo para alcançá-lo? Ou acreditamos sinceramente que a verdade de Deus é eterna e relevante para todas as culturas, épocas e lugares?

A Escritura é transcendente. Mas a ênfase da *Revolve* no aqui e agora torna-a inerentemente superficial.

Redirecionando a Bíblia

A Bíblia centraliza-se em Deus. Mas os editores da *Revolve* procuram redirecionar a atenção para o homem. A primeira coisa que você vê, ao abrir a capa, é uma propaganda centralizada totalmente no homem.

Kate Etue, editora sênior da Transit Books, disse: "*Revolve* é o produto bíblico mais inovador e revolucionário para esta geração de adolescentes. Ao misturar a verdade eterna das Escrituras com revistas de formatos populares, que estão na moda, encontramos uma maneira de tornar a Palavra de Deus interessante, relevante e divertida para as adolescentes".[9]

A Bíblia tem como propósito ser "divertida para as adolescentes"? Os editores parecem admitir que o foco da *Revolve* é tornar a

---

[9] Etue, Kate. Citada em folheto de divulgação da Thomas Nelson, em 2003. O folheto intitulava-se: Eye candy for bittersweet times.

verdade de Deus útil para as moças. Nenhum crente bem intencionado discordaria desta motivação. Mas faz-se pouca menção a respeito de tornar a Deus importante e dar glória devida ao seu nome.

Neutralizando a Bíblia

Quando Cindy Lauper cantou, nos anos 1980, a sua canção *Girls Just Want to Have Fun* (Garotas Só Querem se Divertir), nenhum de nós, evangélicos, pensou que essa canção se tornaria o critério para a publicação das Sagradas Escrituras. As tentativas de tornar o Novo Testamento "divertido" tem removido o poder da Escritura. Nesses "materiais extras" estão ausentes a profundeza da verdade, o quão importante é Deus, a natureza espiritual da fé cristã e a terrível realidade do pecado condenador.

Ouça o que Os Guinness disse a este respeito:

> O mundo de fé que vemos em John Wesley, Jonathan Edwards, John Jay, William Wiberforce, Hannah More, Lord Shaftesbury, Catherine Booth, Hudson Taylor, D. L. Moody, Charles Spurgeon, Oswald Chambers, Andrew Murray, Carl Henry e John Stott está desaparecendo. Em seu lugar, está surgindo um novo evangelicalismo. Neste, o auto-interesse terapêutico ofusca o conhecimento de Deus; a espiritualidade substitui a teologia; o escapismo dos fins dos tempos impede o discipulado diário; o *marketing* triunfa sobre missões; a alusão à opiniões excede a confiança na exposição bíblica; as preocupações com poder e relevância são mais óbvias do que o preocupar-se com a piedade e a fidelidade; discussões sobre a reinvenção da igreja tem substituído a oração por avivamento, e a paixão evangélica por missões é subjugada pela desgastante corrida para sustentar os

---

[10] Guinness, Os. *Prophetic untimeliness.* Grand Rapids, MI: Baker Books, 2003, p. 54.

> impérios de negócios múltiplos da crescente subcultura evangélica.[10]

Os editores da Transit Books realmente acreditam que "encontraram uma forma de tornar a Palavra de Deus interessante, relevante e divertida"? E acreditam nisso por causa de uma crença fundamental de que a Bíblia, em sua forma histórica, é irrelevante?

O evangelicalismo moderno tem descido a níveis baixos ao lançar *Revolve*. Sim, entender e aplicar a Bíblia pode ser desafiador. É necessário trabalho árduo (2 Tm 2.15). Contudo, misturar a verdade de Deus com o tipo de coisa encontrada em *Revolve* é interferir no penetrante e paralisante impacto da revelação santa na alma pecaminosa.

Um último comentário. É terrivelmente irônico que o último quadro de notas da *Revolve* seja um breve comentário de Apocalipse 22.18. O quadro intitula-se *Aprenda e Viva.* E diz:

> Aprenda: Se alguém acrescentar ou tirar qualquer coisa das Escrituras, sofrerá desgraças.
>
> Viva: Não exagere quando fala sobre as Escrituras. *Não as molde para que atenda às suas necessidades* [ênfase acrescentada].

Que Deus proteja de tais desgraças aqueles que produziram o Novo Testamento *Revolve*.

PARTE TRÊS

Praticando o Discernimento em sua Igreja Local

7

Rocha Firme?

O que a Bíblia Diz Sobre a Música de Adoração Contemporânea

John MacArthur

Infelizmente, os crentes talvez precisem exercer discernimento mais em sua igreja local do que em qualquer outro lugar Ou devido à pregação fraca, ou a uma filosofia de ministério equivocada, muitas igrejas locais sofrem por falta de habilidade em distinguir a sã doutrina do falso ensino. Para complicar as coisas, muitos crentes têm opiniões diferentes sobre questões de preferência — causando, às vezes, divisões desnecessárias no corpo de Cristo. Precisamos de discernimento também nestas situações, de modo que os princípios bíblicos e a graça cristã prevaleçam. Com isso em mente, este capítulo focaliza o assunto freqüentemente controverso da música de adoração contemporânea. A igreja deveria cantar somente hinos, somente coros de louvor ou alguma coisa intermediária? E quais são os princípios

bíblicos que determinam esses padrões? Este capítulo trata dessas questões.

Recentemente, colaborei em uma série de livros sobre alguns dos maiores hinos que a fé cristã já produziu.[1] Minha tarefa no projeto consistia em escrever um resumo de cada hino que escolhemos. Foi um exercício fascinante e iluminador, que me levou a pesquisar mais profundamente a rica herança dos hinos cristãos.

À medida que eu pesquisava a história daqueles hinos, recordava que uma mudança profunda aconteceu na música da igreja por volta do final do século XIX. A composição de novos hinos praticamente cessou. Eles foram substituídos por "canções gospel" — cânticos geralmente mais leve em conteúdo doutrinário, estrofes curtas, seguidas de um refrão, um coro ou uma frase conclusiva, repetida após cada estrofe. Canções gospel eram mais evangelísticas do que os hinos. A diferença fundamental é que a maioria das canções gospel eram expressões de testemunho pessoal que tinham como alvo um auditório, enquanto a maioria dos hinos clássicos são canções de louvor direcionadas diretamente a Deus.

Uma Nova Canção

O estilo e formato das canções gospel foram emprestados diretamente da música popular do fim do século XIX. O homem considerado geralmente o pai da música gospel é Ira Sankey, um cantor e compositor talentoso que alcançou a fama à sombra de D. L. Moody. Sankey era o solista e o líder de louvor das campanhas evangelísticas de Moody, na Inglaterra e Estados Unidos.

Sankey queria um estilo de música mais simples, mais popular e

---

[1] MacArthur, John; Tada, Joni Eareckson; Wolgemuth, Robert e Bobbi. Great Hymns of Our Faith: *O Worship the King*. Wheaton, IL: Crossway, 2000. *O Come, All Ye Faithful*, 2001. *What Wondrous Love Is This*, 2002. *When Morning Gilds the Skies*, 2002.

mais apropriado ao evangelismo do que os hinos clássicos das igrejas. Por isso, ele começou a escrever canções gospel — curtas em sua maioria, simples e com refrões, segundo o estilo da música popular de seus dias. Sankey cantava cada verso como um solo, e a congregação o acompanhava no refrão. Embora a música de Sankey tenha provocado, a princípio, alguma controvérsia, a sua forma se espalhou pelo mundo quase imediatamente, e nos primeiros anos do século XX poucos hinos novos e valiosos foram acrescentados aos hinários modernos. A maior parte das novas composições era canções gospel, no estilo que Sankey inventara.

É interessante lembrar que na maioria dos hinários, mesmo em nossos dias, o único hino bem conhecido, que tem direitos autorais posteriores a 1940, é "Quão Grande És Tu".[2] Classificá-lo como um hino do século XX é uma ampliação da realidade. "Quão Grande És Tu" não segue a forma dos hinos clássicos. Inclui um refrão, que é mais característico das canções gospel do que dos hinos. Além disso, não é uma obra do século XX. As três primeiras estrofes foram originalmente escritas em 1886, por um famoso pastor sueco, Carl Boberg, e traduzidas para o inglês pelo missionário britânico Stuart Hine, pouco antes de estourar a II Guerra Mundial. Hine acrescentou a quarta estrofe, que, na versão inglesa popular, é a única realmente escrita no século XX.[3]

Em outras palavras, há mais de setenta 70 anos quase nenhum hino tem sido acrescentado ao repertório da música congregacional das igrejas. Isso nos mostra que pouquíssimos hinos verdadeiros, de qualidade duradoura, estão sendo escritos.

Minhas observações não são, de maneira alguma, um criticismo vazio às canções gospel. Muitas das canções gospel mais conhecidas são expressões de fé admiravelmente ricas. Embora a canção mais

---

[2] É claro que muitos novos hinos foram escritos e publicados desde 1940, mas nenhum deles tornou-se um clássico nas igrejas.

[3] Brown, Robert K. Norton, Mark R. *The one year book of hymns*. Wheaton, IL: Tyndale House, 1995.

popular de Ira Sankey, *The Ninety and Nine* (As Noventa e Nove), quase nunca seja cantada como um cântico congregacional em nossos dias, era um sucesso nos dias de Sankey. Ele improvisou a música durante um dos grandes encontros promovidos por Moody em Edimburgo, usando um poema que recortara de um jornal de Glasgow, naquela tarde. Aquele poema, escrito por Elizabeth Clephane, é uma adaptação simples e tocante da Parábola da Ovelha Perdida, em Lucas 15.4-7.[4]

Uma das canções da era dourada da música gospel que gozou de predileção por mais tempo foi *Grace Greater than Our Sin* (Graça de Deus).[5] A música é uma celebração do triunfo da graça sobre nossos pecados. Seu refrão é familiar:

> *Graça, Graça! Fonte de paz que Jesus me deu;*
> *Graça, Graça! Graça maior que o pecado meu!*[6]

Hinos como esse têm enriquecido as expressões de fé da igreja.

No entanto, falando com sinceridade, muitos das canções gospel clássicas são terrivelmente fracas em conteúdo, se comparadas com os hinos cantados nas gerações anteriores. De modo geral, o surgimento da música gospel no louvor congregacional sinalizou uma ênfase decrescente na verdade doutrinária objetiva e um aumento das experiências pessoais subjetivas. A mudança de foco afetou claramente o conteúdo das músicas. É válido notar que algumas das músicas gospel típicas são tão vazias e insípidas, que justificam as críticas dos oponentes mais duros da atual geração de música cristã.

De fato, os críticos tradicionalistas que atacam a música contemporânea tão-somente porque ela é contemporânea em seu estilo — especialmente os que pensam que a música antiga é sempre me-

---

4 Pollock, J. C. *Moody: a biographical portrait of the pacesetter in modern mass evangelism.* Nova York: Macmillan, 1963, p. 132-133.

5 Escrito por Julia H. Johnston (música de Daniel B. Towner).

6 Hinário *Voz de melodia.* Curitiba, PR: Editora Voz de Melodia Ltda, nº 88

lhor — precisam reconsiderar o assunto. E, por favor, compreenda que a minha preocupação neste assunto está relacionada ao conteúdo, e não apenas ao estilo.[7] Um julgamento baseado apenas nas letras mostra que algumas das músicas antigas mais populares são ainda mais ofensivas do que as contemporâneas. Mal consigo imaginar uma canção contemporânea que seja mais banal que a antiga e amada *In the Garden* (No Jardim):

Venho ao jardim,
quando o orvalho ainda está nas rosas,
E ouço a voz, sussurrando em meu ouvido.
O Filho de Deus se revela.

Ele anda comigo, e fala comigo,
E me diz que sou dEle;
E a alegria que compartilhamos enquanto permanecemos ali
Ninguém jamais conheceu.

Ele fala, e o som de sua voz
É tão doce que os pássaros emudecem o seu cantar,
E a melodia que Ele me deu
Retine no meu coração

Eu ficaria no jardim com Ele,
Embora a noite caísse ao meu redor,
Mas Ele me ordena ir embora —
No meio da voz de lamento, sua voz me chama.[8]

Esta letra não diz nada que tenha substância real. O que ela

---

[7] Penso que o estilo tem de ser apropriado ao conteúdo. Por essa razão, baseado em questões de estilo, me oponho a algumas músicas cristãs contemporâneas. Contudo, a minha principal preocupação — e o ponto sobre o qual falo neste artigo — é o conteúdo, e não o estilo.

[8] Letra de C. Austin Miles (1868–1946).

transmite não é particularmente cristão. É um poema insípido sobre os sentimentos e experiência pessoal de alguém — e, como tal, proclama uma mensagem etérea e ambígua. Enquanto os hinos clássicos procuravam glorificar a Deus, as músicas gospel como *In the Garden* (No Jardim) glorificavam o sentimentalismo barato.

Abundantes canções gospel sofrem essa mesma fraqueza. Na verdade, muitas das músicas "antiquadas" mais amadas e favoritas são quase destituídas de conteúdo cristão e carregadas de sentimentalismo. *Cristo me Amou e me Livrou* (Love Lifted Me), *Vem, Senhor, me Guiar* (Take My Hand, Precious Lord), *Brando Qual Coro Celeste* (Whispering Hope) e *Não É Segredo o que Deus Faz* (It Is No Secret What God Can Do) são alguns exemplos familiares que logo vêm à mente.

Então, nem a antiguidade nem a popularidade de uma música gospel são uma boa forma de medir seu valor. E o fato de que uma musica é "velha" não garante que ela seja adequada à edificação da igreja. Quando se trata de música na igreja, o ser mais velha não significa necessariamente que ela seja melhor.

De fato, estas mesmas músicas "velhas" elogiadas freqüentemente pelos críticos da música cristã contemporânea são responsáveis por abrir o caminho às tendências que esses críticos, às vezes, desaprovam com razão. A falta de substância em tantas músicas contemporâneas é o resultado natural da mudança drástica dos hinos para canções gospel, que se iniciou no final do século XIX.

Não estou sugerindo que o estilo musical introduzido por Sankey não tenha um lugar legítimo. Sem dúvida, a música gospel tem desempenhado um papel evangelístico e testemunhal importante e efetivo, merecendo, portanto, um lugar proeminente na música da igreja. Para a igreja, porém, foi bastante desagradável o fato de que, no início do século XX, escreveu-se apenas canções gospel. Os músicos das igrejas no final do século XIX (à semelhança dos teólogos daquela época) estavam por demais deslumbrados com qualquer coisa "moderna". Eles abraçaram o novo estilo de música congregacional com agressividade desenfreada e, no processo, descartaram o estilo antigo de hinos. Infelizmente, no final do século a música gospel já havia se fortalecido e posto de lado os hinos clássicos. Deste modo, a

tendência iniciada por Sankey destruiu a rica tradição de hinos cristãos que florescia desde os tempos de Martinho Lutero e tempos anteriores a ele.

Antes de Sankey, a maioria dos compositores de hinos eram pastores e teólogos — homens hábeis em lidar com as Escrituras e a sã doutrina.[9] Com a mudança para a música gospel, qualquer um com talento poético se sentiu qualificado para escrever música sacra. Afinal de contas, a nova música deveria ser um testemunho pessoal, e não algum tipo de tratado doutrinário sublime.

Antes de Sankey, os hinos eram compostos com um propósito deliberado, consciente e didático. Eram escritos para ensinar e reforçar os conceitos bíblicos e doutrinários no contexto da adoração dirigida a Deus. Em outras palavras, o tipo de adoração que os hinos incorporavam exigia o uso do intelecto humano. Eles visavam louvar a Deus, por exaltar e proclamar a sua verdade de um modo que aumentasse a compreensão da verdade por parte do adorador. Os hinos criaram um padrão de adoração que era racional e emocional. E isso era perfeitamente bíblico. Afinal de contas, o primeiro e maior mandamento nos ensina a amar a Deus com todo o nosso coração, alma e entendimento (Mt 22.37). Jamais ocorreria aos nossos pais espirituais que a adoração era algo a ser feito com a mente subjugada. A adoração que Deus busca é adoração em espírito e em verdade (Jo 4.23-24).

Mas, nos últimos 150 anos, o conceito popular de adoração tem mudado tão radicalmente quanto os estilos de música que cantamos. Em nossos dias, a adoração é, com freqüência, caracterizada como algo que acontece quase fora do âmbito do intelecto. Esta noção destrutiva tem feito surgir vários movimentos perigosos na igreja contemporânea. E, provavelmente, alcançou o seu ápice no fenômeno conhecido como Bênção de Toronto, no qual risos irracionais e outras emoções rudes eram consideradas a forma mais pura de adoração e

---

[9] Isaac Watts, John Rippon, Augustus Toplady e Charles Wesley são alguns dos mais conhecidos escritores de hinos que eram, antes de tudo, pastores e teólogos.

uma prova visível da bênção divina.

Assim como argumentei em vários de meus livros publicados, creio que esta noção moderna de adoração, como uma atividade sem a utilização da mente, tem causado grande prejuízo às igrejas. Tem levado a uma ênfase decrescente na pregação e no ensino e produzido uma ênfase crescente no entretenimento da congregação, em fazer as pessoas sentirem-se bem. Tudo isso deixa os membros da igreja sem instrução e incapazes de discernir, numa ignorância tola quanto aos perigos ao seu redor.

Esse antiintelectualismo tem infectado nossa música também. Talvez foi a música banal e frívola que colocou em primazia tamanho antiintelectualismo. É possível que a música cristã contemporânea tenha preparado, mais do qualquer outra coisa, o caminho para o tipo de pregação superficial, leviana e sem conteúdo que predomina em nossos dias.

A Era dos Cânticos de Louvor

No final do século XX, outra grande mudança ocorreu. As canções gospel deram lugar a uma nova forma de música — os cânticos de louvor. Cânticos de louvor consistem de versos expressivos colocados em músicas envolventes, geralmente mais curtos que canções gospel e com menos estrofes.

Em geral, os cânticos de louvor, assim como os hinos, são músicas de louvor dirigidas diretamente a Deus. Esta mudança mais recente ocasionou um retorno à adoração pura (em vez de testemunhos e evangelismo) como o foco e a principal razão para a igreja cantar.

Contudo, diferentemente dos hinos, os cânticos de louvor não têm propósito didático. Cânticos de louvor devem ser cantados como uma simples expressão pessoal de louvor, enquanto os hinos são uma expressão congregacional de adoração, com ênfase em alguma verdade doutrinária.[10] Freqüentemente, um hino tem várias estrofes, cada

---

[10] O famoso hino *Santo, Santo, Santo,* por exemplo, é uma recitação dos

uma expandindo ou desenvolvendo o tema introduzido na primeira estrofe.[11] Um cântico de louvor, em contraste, é mais curto, com uma ou duas estrofes, e a maior parte destes cânticos fazem uso liberal da repetição, a fim de prolongar o foco em uma única idéia ou expressão de louvor.

(Obviamente, essas diferenças não são absolutas. Alguns cânticos de louvor contém verdades doutrinárias, e alguns hinos são maravilhosas expressões de louvor pessoal.[12] Mas, como regra geral, os hinos clássicos servem a um propósito deliberadamente mais didático que os cânticos de louvor.)

Com certeza, o louvor pessoal simples e direto que caracteriza os melhores cânticos de louvor de nossos dias é correto, bem como o motivo evangelístico e testemunhal das canções gospel do passado. Mas é uma terrível tragédia que em alguns círculos somente os cânticos são usados. Outras congregações limitam seu repertório a canções gospel de cem anos atrás. Enquanto isso, um imenso tesouro de hinos clássicos corre o risco de desaparecer completamente devido a terrível negligência.[13]

Músicas, Hinos e Cânticos Espirituais

A prescrição bíblica para a música cristã se encontra em Colos-

---

atributos divinos, com ênfase particular na doutrina da Trindade. *Jesus, Thou Joy of Loving Hearts* (Jesus, Alegria de Corações que Amam), um hino antigo mas bem conhecido, é um louvor a Cristo e está repleto de ensinos sobre a suficiência de Cristo.

[11] No hino mais conhecido de Lutero, *Castelo Forte,* cada estrofe se desenvolve sobre a anterior, e as estrofes estão de tal modo interligadas, que pular um verso destrói a continuidade e a mensagem do próprio hino. Não é o tipo de hino que se pode cantar somente a primeira e a última estrofe.

[12] *Quão Grande És Tu* seria um excelente exemplo.

[13] Esta preocupação levou Joni Eareckson Tada, Robert e Bobbi Wolgemuth e eu mesmo a escrever *O Worship The King* e os demais volumes da série *Great Hymns of Our Faith* (ver nota 1).

senses 3.16: "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração".

Este versículo requer uma variedade de formas musicais — "salmos, e hinos, e cânticos espirituais". Sobre o significado destas expressões, Charles Hodge escreveu: "O antigo uso das palavras *psalmos*, *humnos* e *ode* parece ter sido tão livre como o é para nós o uso dos termos correspondentes (salmo, hino, cântico). Um salmo era um hino, e um hino, um cântico. Apesar disso, havia uma distinção entre eles".[14]

Um salmo era uma música sagrada escrita para ser acompanhada pelos instrumentos musicais. (*Psalmos* deriva de uma palavra que denota a idéia de tocar as cordas com os dedos.) A palavra era usada para designar os salmos do Antigo Testamento (ver At 1.20; 13.33), bem como as músicas cristãs (1 Co 14.26).[15] Um hino era uma canção

---

[14] Hodge, Charles. *Ephesians*. Edimburgo: Banner of Truth, 1991, p. 302-303.

[15] Aqueles que defendem o uso exclusivo da salmodia (a opinião de que nenhum outra forma de música deve ser empregada na igreja, a não ser as versões métricas dos salmos do Antigo Testamento) afirmam que a expressão "salmos, hinos e cânticos espirituais" é uma referência às várias categorias de salmos de Davi, na Septuaginta. Mas, se o apóstolo Paulo tivesse a intenção de limitar a música da igreja aos salmos do Antigo Testamento, haveria muitas formas menos ambíguas às quais ele poderia ter recorrido para expressar sua posição. Pelo contrário, ele ordena uma diversidade de formas musicais — todas empregadas para honrarem o Senhor, ao admoestarem e ensinarem o povo com as verdades da fé cristã. O uso exclusivo dos salmos destrói isso, ao limitar toda a música da igreja às expressões do Antigo Testamento. Se seguirmos esta posição e não permitirmos que as letras das músicas sejam outras, exceto as dos salmos do Antigo Testamento, algumas das verdades mais gloriosas do cerne de nossa fé – como a encarnação de Cristo, sua morte expiatória na cruz e sua ressurreição – jamais poderiam ser expressas de modo explícito ou expostas completamente em nossa música.

de louvor a Deus, uma exaltação religiosa; e o cântico, por outro lado, poderia ser uma música tanto secular quanto sagrada. De forma que o apóstolo especifica *cânticos espirituais* — isto é, cânticos sobre coisas espirituais.

Distinções precisas entre esses termos eram um tanto obscuras, e, lembrando as palavras de Hodge, essa obscuridade se reflete até em nosso uso cotidiano dessas palavras. Determinar as formas exatas de "salmos, e hinos, e cânticos espirituais" da igreja primitiva e fazer distinções cuidadosas entre as palavras não é essencial, pois, se fosse, as Escrituras teriam-nas registrado para nós.

O maior significado da expressão "salmos, e hinos, e cânticos espirituais" parece ser este: Paulo estava exigindo uma variedade de formas musicais e uma amplitude de expressão espiritual que não podia ser encaixada em um único estilo musical. A visão rígida do uso exclusivo de salmos (que está ganhando bastante espaço em alguns círculos reformados em nossos dias) não permite qualquer tipo de variedade. A visão dos fundamentalistas tradicionais que parecem ter o desejo de limitar a música da igreja à forma de canções gospel do início do século XX também esmagaria a variedade requerida por Paulo. De modo ainda mais significativo, o clima prevalecente nas igrejas evangélicas modernas — nas quais as pessoas parecem desejar uma dieta fixa de cânticos de louvor simplistas e nada mais — também destrói o princípio de variedade que Paulo estabeleceu.

Creio que a comunidade evangélica protestante errou há cem anos, quando a composição de hinos foi quase completamente abandonada em favor das canções gospel. O erro não foi a aceitação de uma nova forma de música. Repito, as canções gospel tiveram um lugar legítimo na música da igreja. Mas o erro está em deixar totalmente de lado a valiosa herança dos hinos — juntamente com a riqueza didática e doutrinária da música cristã que edificou e sustentou tantas gerações.

Estou convencido de que os compositores cristãos de hoje cometem erro semelhante ao deixarem de escrever hinos com substância, enquanto expurgam os antigos hinos de nosso repertório musical nas congregações, substituindo-os por cânticos de louvor repetitivos e outros semelhantes à música popular.

Instruí-vos e Aconselhai-vos Mutuamente

Com muita freqüência, os compositores de cânticos de louvor e de outros tipos de música cristã contemporânea têm esquecido o mandamento bíblico sobre a função didática da música na igreja. Recebemos a ordem: "Instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente... com salmos, e hinos, e cânticos espirituais". Poucos cânticos de louvor modernos ensinam ou admoestam. Em vez disso, a maior parte deles são escritos apenas para mexer com os sentimentos. Geralmente, eles são cantados como um mantra místico — com o propósito deliberado de colocar o intelecto num estado de passividade, enquanto o adorador reúne o máximo de emoções possível. A repetição é colocada intencionalmente, e com este propósito, em muitos cânticos de louvor.

O paradigma de adoração do ministério Vineyard foi construído sobre este princípio. E as igrejas ao redor do mundo têm adotado este modelo. Considere a seguinte descrição de um típico culto de adoração moderno:

> A música... é limitada exclusivamente aos cânticos de louvor — com letras projetadas no telão, e não cantadas a partir de um livro, para que o adorador tenha plena liberdade de responder fisicamente. Cada cântico de louvor é repetido muitas vezes, e o único sinal de que estamos indo para o próximo cântico é a mudança da projeção. Não há qualquer anúncio ou comentário entre as canções — na verdade, ninguém dirige as músicas, para que o louvor seja espontâneo.
>
> A música começa devagar e suave; e aumenta de forma gradual e constante, num crescendo de 45 minutos. Cada cântico possui um tom emocional mais poderoso que o anterior. No decorrer de 45 minutos, o poder emocionante da música aumenta a níveis quase imperceptíveis, do brando e suave para uma intensidade motriz e poderosa. No início, todos estão sentados. À medida que o fervor vai crescendo, as pessoas respondem naturalmente: primeiro, levantando as mãos; depois, ficando em pé,

ajoelhando-se ou prostrando-se no chão. No fim do período de adoração, metade da congregação está no carpete, muitos deitados de bruços e contorcendo-se de emoção. A música foi cuidadosa e propositadamente trazida a este nível de emoção intensa. Algumas pessoas acham que este é o verdadeiro propósito do louvor congregacional: elevar as emoções a um fervor intenso. Quanto mais intenso for o sentimento, tanto mais as pessoas se convencerão de que "adoraram" verdadeiramente.

Em tudo isso, não há qualquer ênfase específica no conteúdo das músicas. Cantamos sobre "sentir" a presença de Deus entre nós, como se a elevação de nossas emoções fosse a principal maneira de confirmar a presença dEle e de medir a força de sua visitação. Muitos dos cânticos dizem ao Senhor que Ele é grandioso e digno de louvor, mas nenhum deles afirma realmente por quê. Não importa; o objetivo é mexer com as emoções; o objetivo não é focalizar nossa mente em qualquer aspecto particular da grandeza de Deus. Na verdade, mais tarde no sermão, o pregador nos alerta sobre o perigo de seguirmos a mente, e não o coração, em qualquer aspecto de nosso relacionamento com Deus.

Em outras palavras, a adoração é intencional e propositadamente antiintelectual. E a música reflete isso. Embora não exista nada errado em nenhum dos cânticos de louvor que cantamos, também não há nada substancial na maior parte deles. São escritos para serem veículos de paixão, porque a paixão — separada deliberadamente do intelecto — é o que define o conceito de "adoração".[16]

Nem todos os cultos de adoração contemporâneos chegam a esse ponto. Entretanto, as tendências mais populares certamente seguem decididamente essa direção. Qualquer coisa muito intelectual fica automaticamente sob suspeita, sendo considerada inapropriada

[16] Extraído das notas não-publicadas de um amigo que pesquisava o crescimento de igrejas e estilos de adoração em algumas megaigrejas.

para a adoração, porque o conceito predominante de adoração deixa pouco ou nenhum espaço para o intelecto. Essa é a razão por que no culto típico os sermões têm sido encurtados e suavizados, enquanto a música recebe mais tempo.

A pregação, que costumava ser o centro do culto de adoração, agora é vista como algo distinto da adoração, algo que realmente se interpõe no "tempo de louvor e adoração", no qual o foco é a música, os testemunhos e a oração — mas, principalmente, a música, cujo propósito primordial é mexer com as emoções.

Mas, se a função da música inclui "instrução e admoestação", então, a música na igreja precisa ser mais que um estimulante emocional. Na verdade, isso significa que a música e a pregação devem ter o mesmo alvo. Ambas são pertinentes à proclamação da Palavra de Deus. A pregação é vista corretamente como um aspecto de nossa adoração. E, de modo inverso, a música é vista como um aspecto do ministério da Palavra, assim como a pregação. Portanto, o compositor precisa ser tão experimentado nas Escrituras e tão preocupado com a exatidão teológica quanto o pregador. E até mais, porque suas canções provavelmente serão cantadas muitas e muitas vezes (enquanto o sermão é pregado apenas uma vez).

Receio que os músicos das igrejas de hoje tenham perdido completamente essa perspectiva. Leonard Payton observou:

> O que ocorre em nossos dias é tão grave, que qualquer pessoa capaz de tocar meia dúzia de acordes no violão e de produzir rimas é considerada qualificada para realizar este componente do ministério da Palavra, sem levar em conta a sua formação e avaliação teológica.[17]

Payton observa que os principais músicos do Antigo Testamento (Hemã, Asafe e Etã — 1 Cr 15.19) eram, antes de tudo, sacerdotes

---

[17] PAYTON, Leonard R. Congregational singing and the ministry of the word. *The Highway.* July, 1998.

levitas, homens que haviam consagrado sua vida ao serviço do Senhor (v. 17), homens de conhecimento das Escrituras e hábeis em manejar a Palavra de Deus. Seus nomes são listados como autores de alguns salmos (ver Sl 73-83; 88-89). Payton escreveu:

> Foi Asafe quem cantou que Deus possui "as alimárias aos milhares sobre as montanhas" (Sl 50.10). Se um músico da igreja contemporânea escrevesse um texto de adoração como o Salmo 50, provavelmente não conseguiria publicá-lo na indústria da música cristã contemporânea e talvez estaria a caminho de ser demitido de sua igreja. O Salmo 88, de Hemã, é incontestavelmente o mais triste de todos os Salmos. Em outras palavras, os músicos levitas escreveram salmos, e estes não estavam presos às exigências gnósticas e emocionais da música cristã do século XX.[18]

1 Reis 4.31 afirma sobre Salomão: "Era mais sábio do que todos os homens, mais sábio do que Etã, ezraíta, e do que Hemã". Payton comenta sobre o significado dessa afirmação:

> Caso Salomão não tivesse nascido, dois músicos seriam os homens mais sábios a existir. Em resumo, os músicos eram mestres da mais alta ordem. Isso me leva a suspeitar que os músicos levitas, espalhados pela terra, serviam como os professores de Israel. Além disso, os Salmos eram o seu livro-texto. E, como esse livro-texto era um livro de cânticos, é muito provável que os músicos levitas doutrinassem a nação de Israel cantando os salmos.[19]

Gostemos ou não, os compositores de hoje também são professores. Muitas das letras que eles estão escrevendo logo estarão

---

[18] Ibid.

[19] Ibid.

arraigadas na mente dos crentes, de maneira mais profunda e permanente do que qualquer coisa que eles tenham ouvido os pastores ensinarem do púlpito. Quantos compositores são bastante habilitados em teologia e nas Escrituras, de modo a qualificarem-se para um papel tão vital no doutrinamento de nosso povo?

A pergunta é respondida pela pobreza de expressão encontrada em muitos dos cânticos de louvor de nossos dias — especialmente, quando comparados com alguns dos hinos clássicos. Embora isso não seja verdade em todos os cânticos, a profundeza teológica que caracteriza os cânticos de louvor contemporâneos não é tão profunda nem tão exata. De fato, seria apropriado perguntar a respeito do uso de alguns cânticos, se a igreja contemporânea não é coletivamente culpada de desonrar a Deus com louvor superficial.

Por contraste, leia a última estrofe de um clássico hino de adoração *Immortal, Invisible* (Eterno, Invisível). Depois de descrever uma lista abrangente dos atributos divinos, o compositor escreveu:

Grande Pai de glória, Pai santo, de luz,
Teus anjos te adoram, ocultando todos o que vêem,
Todo o louvor queremos render — Oh! ajuda-nos a ver
Este único esplendor de luz que Te oculta![20]

Tanto a poesia quanto o sentido são superiores a quase tudo o que tem sido escrito em nossos dias.

Novamente, a minha maior preocupação é o conteúdo, e não o estilo da música cantada na igreja. No entanto, o estilo e a capacidade artística também são importantes. Por que nos sentimos mais escandalizados quando vemos um quadro horrível numa galeria de arte do que quando alguém canta música ruim na igreja? Oferecer músicas espalhafatosas a Deus é pior que expor uma pintura malfeita em uma galeria. Não pode haver mediocridade em nossa adoração

---

[20] Letras de Walter Chalmers Smith (1824-1908). Smith foi pastor e moderador da Igreja Livre da Escócia.

ao Deus Altíssimo. Isso significa que nem todos os que desejam compor ou tocar música na igreja podem receber liberdade para isso. A arte de algumas pessoas simplesmente não merece ser exibida.

Os compositores modernos precisam realizar seu trabalho com mais seriedade. As igrejas também deveriam fazer tudo o que podem para cultivar músicos excelentes, treinados em manejar as Escrituras e capazes de discernir a sã doutrina. Mais importante, os pastores e presbíteros precisam começar a exercitar uma supervisão mais próxima e mais cuidadosa do ministério de música na igreja, estabelecendo conscientemente um padrão elevado para o conteúdo doutrinário e bíblico do que cantamos. Se fizermos essas coisas, creio que começaremos a ver uma diferença qualitativa e dramática na música escrita nas igrejas.

Enquanto isso, não joguemos fora os hinos clássicos. Melhor ainda, procuremos reviver alguns daqueles que caíram em desuso, trazendo-os de volta ao nosso repertório.

Para terminar este capítulo, gostaria de incluir um pequeno artigo escrito por Nathan Busenitz intitulado "Avaliação da Música da Igreja". Nathan fornece uma lista de dez perguntas úteis que os crentes podem fazer, à medida que procuram discernir as coisas boas das más na música de adoração contemporânea.

Addendum: Uma Avaliação da Música da Igreja

Que tipo de música é apropriada para os cultos de adoração na igreja? Embora esta pergunta seja bastante simples, as respostas obtidas são geralmente complexas e controversas. No entanto, esta é uma pergunta crucial a considerarmos, pois a música é parte central da adoração cristã. Se a nossa música não agrada ao Senhor, também não O agradará a adoração que a música tenciona produzir.

Então, como as igrejas podem honrar a Deus com a música? A fim de responder esta pergunta corretamente, temos de começar olhando os princípios da Palavra de Deus. Nem preferências pessoais, nem tendências culturais podem ser nosso guia. Até na área de música,

a Escritura tem de ser a nossa autoridade.

Em seguida, apresentamos dez perguntas que os pastores e líderes (juntamente com toda a congregação) devem fazer sobre a música de adoração que usam na igreja. Extraídas de princípios bíblicos, estas perguntas podem não responder cada caso específico, mas fornecem parâmetros teológicos para a avaliação da música na igreja.

1. A música da sua igreja é centralizada em Deus?

Sem dúvida, a verdadeira adoração precisa ser teocêntrica (Êx 20.3-6), pois somente Ele é digno de nosso louvor (Sl 148.13). Deus merece nossa devoção mais fervorosa e nossa prioridade. Ele é nosso Rei exaltado e deve ter o lugar central em nossa vida. Qualquer coisa aquém de uma adoração centralizada em Deus é idolatria (ver Jr 2.13, 27-28); e a adoração falsa é claramente inaceitável (Dt 12.29-31; 16.21-22; Gl 5.19-21).

Visto que o propósito da música da igreja é fornecer um meio de adoração, ela precisa ser centralizada em Deus, e não no homem (ver Sl 27.6; 150.3-4). Qualquer outro propósito ou prioridade é secundário. Desde o estilo e a maneira de cantar até ao público e à sua reação, nada deve usurpar o lugar de Deus como o objeto supremo de nossa afeição. Como a adoração bíblica exige que Deus seja o foco, a música da igreja (se deseja ser legitimamente chamada de música de adoração) tem de começar e terminar com Ele.

2. A música da sua igreja promove uma visão elevada de Deus?

Não basta que a música da igreja seja centralizada em Deus, se a visão de Deus apresentada ali é inadequada. Muitas músicas cristãs se aproximam perigosamente da violação do mandamento: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão" (Êx 20.7), por tratá-Lo de um modo comum, quase que mundano.

A música digna de nosso Salvador precisa promover uma visão exaltada e adequada de quem Ele é (ver Is 40.12-26). Em toda a Escritura, todos quantos tiveram um encontro com o Deus vivo foram transformados radicalmente (Moisés, em Êxodo 33-34; Isaías, em

Isaías 6; Pedro, Tiago e João, durante a transfiguração, em Mateus 17). Não havia nada de trivial no Senhor que eles viram ou na reação temerosa e adoradora que tiveram. Nossa música, portanto, se pretende facilitar a adoração sincera, precisa transmitir a majestade, a glória e a honra de Deus (ver Hb 10.31; Rm 11.33-36; Ap 14.7).

3. A música de sua igreja é realizada com ordem?

O Deus a quem servimos é um Deus de ordem. Isso pode ser visto claramente em sua criação do mundo, quando Ele trouxe forma e função a uma massa disforme (Gn 1; Rm 1.20). Não admiremos, portanto, que o apóstolo Paulo tenha ordenado aos crentes de Corinto: "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Co 14.40).

Com esse mesmo sentido, Efésios 5.18 ordena os crentes a estarem continuamente sob o controle do Espírito Santo. A música na igreja, portanto, jamais deve encorajar seus participantes a trocarem o controle do Espírito pelo controle de outra força — seja emocional, psicológica ou qualquer outra. Em vez disso, os membros da igreja devem estar sob a influência da Palavra de Deus, que é capacitada pelo Espírito (Cl 3.16). O sentimentalismo irracional, estimulado geralmente pela repetição e "liberação", se aproxima mais do paganismo dos gentios (ver Mt 6.7) do que de alguma forma de adoração bíblica.

4. O conteúdo da música de sua igreja é biblicamente saudável?

Embora a música instrumental seja apropriada durante o culto de adoração (ver 2 Cr 5.13), a maior parte das músicas nas igrejas incluem letras. No mínimo, essas letras devem ser tanto inteligíveis como biblicamente corretas, transmitindo a verdade escriturística a todos os que cantam (ver Ef 5.19-20).

Além de corretas, as letras devem ser claras e se manterem no contexto bíblico. Músicas baseadas no Antigo Testamento, por exemplo (mesmo quando a letra é uma citação direta do texto), não devem ser aplicadas à igreja de hoje, se a passagem aplica-se tão-somente a Israel, antes de Cristo. (Um ótimo exemplo disto é quando o Salmo 51.11 é cantado sem qualquer explicação do contexto.)

As letras jamais devem ser levianas ou irreverentes em seu tratamento dos grandes temas bíblicos. A música na igreja (qualquer que seja seu estilo) deve aprofundar a compreensão bíblica e teológica da congregação. Uma música que é incorreta, fora de contexto ou leviana, retarda o crescimento espiritual daqueles que cantam tal música.

5. A música de sua igreja promove a unidade da congregação?

Como observamos antes, o objetivo principal da música da igreja é a adoração. No entanto, a Escritura também fala de músicas cristãs como uma forma de edificação (1 Co 14.26; Ef 5.19-20). Uma vez que a igreja é um corpo (1 Co 12), nossa adoração a Deus inclui o servir ao próximo (Rm 12.1-9).

O objetivo da adoração coletiva, portanto, é glorificar a Deus, enquanto servimos uns aos outros. Com isso em mente, a maneira correta de usarmos a música da igreja nunca exige, de forma egoísta, preferências pessoais, mas sempre leva em conta os interesses dos outros (Fp 2.1-4). Além disso, se alguma coisa que fazemos tenta um irmão a cair em pecado, devemos agir com muita cautela e atenção (Rm 14; 1 Co 8).

6. A música de sua igreja é executada com excelência?

A música da igreja, como tudo o que fazemos, deve ser realizada para a glória e honra de Deus (1 Co 10.31). Se Deus é nosso Senhor perfeito e Pai de amor, Ele merece o melhor que possamos oferecer. Dar-lhe alguma coisa abaixo disso fica muito aquém do que Ele exige. O Israel do Antigo Testamento devia dar as primícias e o melhor para o Senhor (ver Lv 1-7; Nm 18.32).

Não precisamos dizer que, se alguma coisa leva o nome do Senhor, tal coisa é digna do nosso melhor. Ainda que uma igreja não tenha os recursos para contratar uma orquestra ou recrutar uma grande banda, a música deve ser executada de forma sincera e com excelência. Música que não é sincera, de um coração puro, não é adoração (Sl 24.3-4; Am 5.23). E, se não é executada com excelência, a música é

geralmente distrativa, removendo, assim, a atmosfera centralizada em Deus que é essencial à verdadeira adoração.

7. A música de sua igreja prepara o povo para a pregação da Palavra de Deus?

Em 2 Timóteo 4.2 recebemos a ordem: "Prega a palavra". Um pouco antes, o apóstolo Paulo expôs a suficiência das Escrituras e sua importância em nossas vidas (2 Tm 3.16-17). É somente por meio da Palavra de Deus que aprendemos sobre Ele; é somente por meio da Bíblia que Deus se revela a nós. As Escrituras, portanto, têm de ser o centro da adoração coletiva, fornecendo sua estrutura e seu clímax.

Por essa razão, o tempo de música (quando o povo de Deus fala com Ele) nunca deve obscurecer ou eclipsar a pregação (quando Deus fala com seu povo por meio de sua Palavra). A adoração por intermédio da música deve complementar a proclamação da verdade. A música cantada antes do sermão deve preparar a congregação para aquilo que o Espírito Santo deseja que os crentes ouçam. E a música cantada depois do sermão deve ser uma resposta apropriada ao que os crentes acabaram de receber (ver Cl 3.16-17).

8. A música de sua igreja adorna o evangelho de Jesus Cristo?

O modelo de igreja do Novo Testamento implica que a assembléia local deve funcionar primariamente como um lugar de adoração e edificação (At 2.41-42). O evangelismo, por outro lado, deve ser praticado pelos crentes à medida que cumprem suas tarefas diárias (Mt 28.18-20).

Além disso, a igreja local (como uma assembléia de cristãos) precisa tambem apresentar um bom testemunho ao um mundo que a observa (1 Co 14.23-25). Afinal, Paulo ordena os crentes a "ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tt 2.10); e Pedro nos exorta a proclamarmos "as virtudes" de Deus (1 Pe 2.9). A música da igreja, portanto, deve ser um maravilhoso testemunho da grandeza de nosso Senhor e Salvador. Nunca deve macular a

reputação dEle ou confundir os incrédulos em relação ao que o evangelho ensina.

9. A música de sua igreja promove adoração fervorosa?

Como já observamos, a música da igreja tem de ser centralizada em Deus, apresentando-O com reverência em toda a sua majestade. Ao mesmo tempo, ela jamais deve ser monótona, fria ou insípida. Afinal, Deus não é monótono. E o céu, onde a ocupação primária é a adoração, também não é um lugar de monotonia (ver Ap 4-5).

Ao mesmo tempo que mantém o devido respeito para com Deus, a adoração bíblica está sempre cheia de fervor pessoal e emoção que exalta a Cristo (ver 1 Cr 15.29; 16.4-6). Claro que a expressão desse fervor se manifestará de maneira variada nas diferentes congregações. Além disso, esse fervor tem de se expressar com ordem, sob o controle do Espírito. No entanto, a adoração destituída de fervor — parecendo mais uma canção de ninar do que um hino glorioso — não é verdadeira adoração (Jo 4.23).

10. A filosofia de música de sua igreja está fundamentada em princípios bíblicos?

Embora existam inúmeras preferências e opiniões pessoais, a filosofia de música de sua igreja precisa estar fundamentada em princípios bíblicos. A liderança da igreja não deveria aceitar determinados padrões apenas porque sempre fizeram isso. Também não deveria permitir cegamente que qualquer tipo de música seja tocado nos cultos. Em vez disso, os líderes devem examinar as Escrituras (assim como os bereanos em Atos 17.11) e determinar os princípios bíblicos que sustentam uma filosofia correta de música de adoração.

Uma vez que os princípios tenham sido estabelecidos, o líder de música tem a liberdade de aplicá-los de maneiras diferentes, dependendo das necessidades específicas da congregação. E os pastores precisam se mostrar cuidadosos para não exaltar a preferência pessoal, igualando-a aos princípios bíblicos, e não ignorar os princípios bíblicos sob a suposição de que tudo a respeito da música na igreja é uma questão de preferência.

8

Tal Qual Estou:

Consideração Sobre o Sistema de Apelo

Carey Hardy

Os convites públicos e os apelos para vir à frente são uma parte regular do culto de muitas igrejas. Geralmente deixados para o fim do culto, dão à congregação uma oportunidade de responder à mensagem. Com freqüência, esta resposta está associada a uma experiência de conversão. Mas o sistema de apelo pode também ser usado por outras razões: alguém dedicar novamente sua vida ao Senhor, comprometer-se com determinado serviço cristão ou unir-se a uma igreja local. Este capítulo, adaptado de uma palestra ministrada na Shepherd's Conference, examina esta prática com base em uma perspectiva bíblica. Ao aplicar o discernimento aos programas da igreja e a filosofias como esta, os crentes serão mais capazes de ministrar com a certeza de estarem agradando a Deus.

Esta é uma cena familiar em muitas igrejas. Ao terminar o

sermão, a música começa a tocar suavemente. O pregador ora e passa a falar com brandura à sua congregação. "Todos abaixem a cabeça e fechem os olhos", ele diz, enquanto convida aqueles que se sentiram tocados pelo sermão a levantarem calmamente a mão. "Ninguém está olhando", ele lembra ao público.

Após alguns momentos, ele continua: "Se você levantou a mão, olhe para mim para que eu possa falar diretamente com você. Não quero embaraçá-lo; quero falar com você". Aqueles que levantaram a mão são convidados a deixarem o seu lugar e virem pelo corredor até o lugar em que um conselheiro designado se encontrará com eles.

Nesse momento, um hino de convite é cantado — quer seja *Tal Qual Estou, Tudo Entregarei, Cristo, bom Mestre, Eis meu Querer,* quer sejam outros. Depois de cantar várias estrofes do hino, o pastor talvez peça que os instrumentos continuem tocando mais baixo. Isso dá aos que foram à frente a oportunidade de se encontrarem com o conselheiro; e, ao mesmo tempo, dá aos que ainda estão sentados, resistindo, mais uma oportunidade de responder, "antes que seja tarde demais". Quando se torna claro que mais ninguém virá, o culto acaba com a última estrofe do hino escolhido.

O Que é o Apelo?

Conhecida como "apelo", essa prática nem sempre segue o padrão exato que acabamos de descrever. Todavia, o apelo é o momento em que, no final do culto, durante a execução de alguma música, os ouvintes são convidados a vir à frente, em resposta à mensagem. Deste modo, o apelo pode servir a diversos propósitos. Unir-se à igreja, arrepender-se do pecado e vir à fé em Cristo — todos esses propósitos podem ser facilitados por um apelo, dependendo da igreja e da ocasião.

Embora o início dessa prática seja assunto de debate, a maioria concorda que ela ganhou proeminência por volta de 1830, sob a liderança e influência de Charles Finney. Ele popularizou este método por meio do que chamou de "banco dos arrependidos" ou "banco dos ansiosos". Outros homens, como Billy Sunday, D. L. Moody e Billy Graham, seguiram o exemplo de Finney e contribuíram para a ampla

aceitação do apelo. De fato, nos termos dos apelos que vemos hoje, o método de Billy Graham tem sido o mais influente.

Que Razões São Dadas para Sustentar o Método de Apelo?

Pelo menos quatro argumentos básicos são usados para sustentar o método de apelo e chamada à frente. Em primeiro lugar, muitos afirmam que devemos usar este método porque Cristo o usou. Em outras palavras, Cristo chamava as pessoas publicamente, por isso, devemos fazer o mesmo. Este argumento é apoiado por textos como Mateus 10.32 ("Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus") e passagens do tipo "Segue-me", encontradas nos evangelhos (ver Mt 19.21; Mc 1.17; 2.14).

Um segundo argumento sugere que uma resposta formal e pública reforça a decisão tomada pelas pessoas. A atitude de vir à frente estabelece o compromisso, selando-o no coração. Visto que tomaram a decisão publicamente, diante de uma congregação confirmatória, é mais provável que a decisão seja real e irrevogável.

Um terceiro argumento é que os apelos são necessários porque fornecem uma maneira fácil e organizada de apresentar os novos convertidos à congregação, enquanto convida os não-membros a se unirem à igreja. Em outras palavras, a menos que haja um apelo no fim do culto, não há outra maneira de as pessoas professarem publicamente sua fé em Cristo e unirem-se ao corpo local.

Em quarto e último lugar, muitos acreditam que o apelo dá à igreja uma demonstração visual (ou prova) de que Deus está agindo. Quer sejam salvos, quer não, todos na congregação podem ver Deus realizando sua obra. Quando homens, mulheres e crianças afluem em direção ao altar, no fim do culto, os crentes que constituem o auditório são encorajados a testemunhar o poder de Deus sendo manifestado. Ao mesmo tempo, os incrédulos são convencidos pelo testemunho daqueles que responderam ao apelo.

Que Cuidados os Crentes Devem ter a Respeito do Apelo?

À primeira vista, essas quatro razões são muito convincentes. Cristo realmente chamou as pessoas publicamente. Parece que algumas pessoas foram ajudadas a tomar sua decisão, por serem convidadas publicamente. De um ponto de vista prático, talvez a igreja seja beneficiada quando as pessoas são chamadas em público. E tanto os crentes como os incrédulos podem ser espiritualmente tocados quando aqueles ao seu redor respondem a um convite público.

Mas, o apelo é realmente o melhor método para evocar mudanças no coração das pessoas? No que concerne a mudanças, o apelo é um método bíblico? Em resposta às perguntas dos quatro argumentos apresentados anteriormente, pelo menos sete preocupações devem ser consideradas.

1. O sistema de apelo moderno carece de verdadeiro apoio bíblico.

Precisamos começar observando que não há mandamento nem precedentes bíblicos claros para os apelos. É verdade que Jesus fez afirmações como: "Segue-me", e: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus". Mas se concluímos, a partir dessas afirmações, que Jesus fazia apelos, certamente estamos forçando o texto. Jesus chamou, com clareza, as pessoas a seguirem-No (também devemos convidar as pessoas a seguirem Cristo), mas isto não é o mesmo que pedir a alguém que "venha à frente" como um testemunho da decisão que ele tomou. Verdade seja dita, Jesus nunca falou em termos de uma decisão que alguém tomou em favor dEle, de uma vez por todas, mas certamente exortou seus ouvintes a seguirem-No, com sinceridade, por toda a sua vida. Cristo estava chamando as pessoas a uma vida que confessava continuamente seu nome diante dos homens. As Escrituras não ensinam que o teste do discipulado é uma decisão feita de uma vez por todas.

A. W. Tozer é um exemplo de grande pregador que compreendeu isto. Atente a este trecho, registrado por Earl Swanson, sobre um sermão que Tozer proferiu em Long Beach, Califórnia:

> Quando ele chegou à conclusão de sua mensagem, o ar estava completamente eletrificado. Eu estava acostumado com apelos e tinha certeza de que veria uma multidão se movendo para frente. Isso teria acontecido, se ele tivesse escolhido fazer um apelo. Mas, em vez disso, ele anunciou: "Não venham até aqui chorando a respeito do que ouviram; vão para casa e vivenciem-no".[1]

Isto certamente reflete a atitude de Jesus nos evangelhos. Ele estava muito mais preocupado em que as pessoas vivessem seu compromisso cristão do que em trazê-las à frente. É certo que Cristo desafiou imensas multidões a segui-Lo. Mas dizer que Jesus fazia apelos (ou usar seus chamados como base para apelos) é um uso desonesto das Escrituras.

2. *"Vir à fé" é, freqüentemente, confundido com "vir à frente".*

Uma segunda preocupação com relação ao apelo é: o ato de ir à frente e o momento da salvação podem ser terrivelmente confundidos. Mesmo aqueles que usam o apelo admitem este problema — as pessoas podem retirar-se acreditando em uma mentira. Certamente são feitas tentativas genuínas de esclarecer que "ir à frente" não salva ninguém. Infelizmente, em muitos casos a confusão ainda permanece.

É comum, por exemplo, o pastor ou evangelista apelar às pessoas que venham à frente, para "entregar sua vida a Cristo". Em outros casos, eles podem estar falando às pessoas que ir à frente é apenas

---

[1] Citado em MURRAY, Iain. *Pentecost today.* Carlisle, PA: Banner of Truth, 1998, p. 51.

um testemunho da experiência que alguém já teve com Cristo.

Então, quando uma pessoa é convertida? Isto acontece quando ela vem à frente, antes de ir à frente ou quando ora com o conselheiro que encontrou no altar? Ir à frente significa receber a salvação ou é um testemunho de uma conversão que já aconteceu?

Visto que o apelo deixa o verdadeiro momento da conversão obscuro, esta prática pode acabar confundindo e desorientando os crentes. Os distintivos bíblicos — como arrependimento, fé e confiança — potencialmente acabam sendo negligenciados ou substituídos, pois a ênfase está em "ir à frente", e não em abandonar o pecado e seguir a Cristo. Até a popular oração do pecador (na qual as pessoas são orientadas a "deixar Jesus entrar em seu coração") é um substituto pobre do evangelho bíblico. A mensagem de Cristo aos pecadores era: "Arrependei-vos e crede". Ele não permitiu que outras técnicas ou métodos inventados por homens obscurecessem a intenção clara de sua mensagem. O apelo freqüentemente coloca muito valor no ato de "ir à frente", enquanto os princípios básicos da Bíblia sobre uma verdadeira conversão são minimizados ou completamente ignorados.

3. O apelo pode dar falsa segurança aos incrédulos.

Quando o apelo é usado, especialmente no que diz respeito ao evangelismo, é típico dar segurança imediata àqueles que foram à frente. Se tomaram algum tipo de decisão, eles são celebrados prontamente, diante da congregação, como "parte da família de Deus". O resultado: o convite público leva as pessoas a acreditarem que a sua decisão foi o que as trouxe a um relacionamento correto com Deus. Os apelos são orientados pela decisão. E, quando as pessoas tomam sua decisão, são instruídas a não duvidar jamais da decisão.

Às vezes, esta segurança orientada pela decisão é levada a extremos. Um professor bem conhecido, por exemplo, fala a respeito de ir ao quintal e fixar uma estaca no chão. A lógica é: toda vez que você duvidar de sua salvação, deve simplesmente olhar para a estaca e lembrar que estabeleceu-a com Deus. Mas como um pedaço de pau fixado na terra pode estabelecer qualquer coisa? Esse tipo de pensamento é perigoso, porque engana as pessoas, levando-as a

descansar sua fé em uma confissão, em vez de descansá-la em Cristo, o único capaz de assegurar a salvação eterna (ver Hb 7.25).

A Escritura contém uma declaração solene sobre aqueles que pensam ser salvos, quando não o são. Mateus 7.23 afirma que o Senhor dirá a muitos: "Nunca vos conheci". A razão por que o sistema de apelo é tão perigoso reside no fato de que ele leva as pessoas a fundamentarem sua salvação eterna em uma confissão feita de uma vez por todas. Esta decisão é aceita como uma evidência de salvação, mesmo quando o decidido continua a viver em pecado e rebeldia. Em outras palavras, a segurança de tal pessoa origina-se dela mesma, e não de uma *confiança* nas promessas de Deus, no sacrifício de Cristo e na obra santificadora do Espírito Santo. Tais pessoas podem indicar o dia em que vieram à frente, mas, se alguém questioná-las o bastante, será muito difícil para elas apresentarem alguma prova de regeneração no momento atual.

Falando biblicamente, o Espírito Santo, por meio da Escritura, é o único que dá segurança. Não é o evangelista ou qualquer outra pessoa que dá segurança. Como seres humanos, não podemos salvar ninguém, não podemos manter ninguém salvo; e não podemos, finalmente, assegurar ninguém de sua salvação. Podemos, no entanto, mostrar o que o Bíblia diz sobre a segurança e confiar no Espírito Santo.

George Whitefield disse com muita propriedade:

> Há tantos ouvintes de solo rochoso, que recebem a Palavra com alegria, sobre os quais decidi suspender meu julgamento até conhecer a árvore por seus frutos. Não posso crer que eles são convertidos, antes de ver os frutos de sua salvação; isso jamais causará qualquer mal a uma alma sincera.[2]

---

[2] EHRHARD, Jim. The dangers of the invitation system. Parkville, MO: Christian Communicators Worldwide, 1999, p. 15.

[3] Ibid.

De modo semelhante a este pensamento, Charles Spurgeon advertiu:

> Às vezes, somos inclinados a pensar que grande parte do avivalismo moderno tem sido mais maldição do que bênção, porque tem levado milhares de pessoas a algum tipo de paz, antes de conhecerem a sua miséria; trazendo o filho pródigo de volta à casa do Pai, sem fazê-lo dizer: "Pai, pequei". Com muita freqüência, os convertidos nascidos em meio à euforia morrem quando a euforia acaba.[3]

Então, o que isto significa para os pastores e evangelistas hoje? Significa que devemos parar de anunciar o evangelho? É claro que não. Significa, sim, que precisamos ser cuidadosos em não dar segurança àqueles que não mostram evidência de conversão. O simples fato de que uma pessoa vai à frente e pronuncia uma oração não significa que ela foi verdadeiramente salva.

4. Muitos "convertidos" no sistema de apelo abandonam a fé.

Poupar as pessoas de uma falsa segurança se torna ainda mais importante quando consideramos o elevado número de "convertidos" do sistema de apelo, os quais nunca produzem fruto espiritual em suas vidas. Alegam que são crentes, porque foram à frente, mas o seu comportamento sugere exatamente o contrário.

Leighton Ford argumenta que "a decisão interior por Cristo é como martelar um prego numa tábua. A declaração pública dessa decisão [ou seja, o ir à frente] é como o dobrar a ponta do prego no outro lado da madeira, de modo que ele não pode mais ser tirado facilmente".[4] Se isso fosse verdade, o sistema de apelo pareceria estar produzindo uma porcentagem *mais elevada* de convertidos que

---

[3] Ibid.

[4] Ibid. p. 12.

vivem fielmente para o Senhor. Deveria estar resolvendo o problema — resultando numa vida de frutos espirituais.

Infelizmente, em contraste com o otimismo de Ford, aqueles que analisam com sinceridade as estatísticas relacionadas às campanhas evangelísticas que usam o sistema de apelo sabem que apenas uma minoria daqueles que fizeram decisões mostram alguma evidência de conversão, mesmo poucas semanas depois de sua experiência no apelo. Com isso em mente, R. L. Dabney comentou que a maioria das pessoas de sua época "tinham chegado a aceitar que, dentre cinqüenta pessoas, quarenta e cinco (talvez até mais) eventualmente apostatariam".[5]

Isto não significa dizer que ninguém pode ser salvo durante um apelo. Mas, quando isso acontece, não é por causa do apelo ou da oração do pecador. É por causa da obra de Deus avivando o coração, independentemente de haver ou não um apelo.

A realidade é esta: aqueles que usam o sistema de apelo terão dois tipos de conversões — a verdadeira e a falsa. O problema é que ambas são apresentadas à igreja como sendo genuínas. Esse tipo de confusão pode ter conseqüências sérias, especialmente para aqueles que estão baseando sua segurança numa confissão falsa.

5. Freqüentemente, o apelo está mais fundamentado em manipulação emocional do que em convicção bíblica.

Sem dúvida, o apelo é muito eficaz em atrair multidões à frente do altar. Na verdade, as técnicas usadas no sistema de apelo são eficazes até quando nenhuma verdade bíblica é apresentada. Poderia ser uma reunião política ou uma arrecadação de fundos para uma instituição de caridade local. De qualquer modo, o sistema de apelo pode ser usado para energizar a multidão e encorajá-la a um compromisso. Se houver música bastante suave, iluminação adequada, e se o

---

[5] Ibid.

orador for fervoroso e persuasivo, o apelo pode ser usado para promover qualquer mensagem ou causa. Mas, podemos dizer que este método é bíblico, quando ele não considera essencial o conteúdo do evangelho?

Ao escrever estas linhas, recordei o pior dos apelos que já presenciei. Este é, com certeza, um exemplo extremo, mas creio que fortalece meu argumento. Certa vez, estava ajudando numa Escola Bíblica de Férias onde, como é típico, cada dia da semana, durante metade do dia, ensinávamos as crianças sobre a Bíblia. E todo dia, quase no fim da aula, levávamos as crianças mais velhas para o auditório, onde tínhamos um culto especial em que o evangelho era apresentado de forma clara e fervorosa.

No fim da semana, a última mensagem incluiu um longo apelo, apresentando às crianças um convite para responderem ao evangelho que tinham ouvido durante toda a semana. Mas a natureza extrema do apelo me tomou de surpresa.

Um pastor da equipe colocou no altar duas latas de lixo galvanizadas. Numa delas, ele escreveu: *Céu*; na outra: *Inferno*. Cada criança recebeu um cartão e foi instruída a escrever nele o seu nome. O pastor deu as seguintes orientações: "Quero que vocês formem uma fila, aproximem-se e joguem seu cartão na lata marcada *Céu* ou na marcada *Inferno*. Tome sua decisão agora. Faça sua escolha".

Para piorar as coisas, ele colocou fogo, literalmente, na lata em que escrevera *Inferno*. Ali, no lugar de adoração, aquela lata cuspia chamas e fumaça em todas as direções! É desnecessário dizer que a resposta das crianças foi esmagadora. Todas aquelas crianças foram salvas! Ou não? Em muitos casos, provavelmente não. Estavam apenas respondendo (como qualquer ser humano faria) às técnicas manipuladoras do sistema de apelo.

Quando testemunhei este apelo, fiquei profundamente angustiado. O poder do evangelho estava sendo usurpado por uma tática assustadora. Os resultados podem ter incluído um grande número de decisões, mas duvido que houve muitas conversões verdadeiras. A mensagem poderia ter sido qualquer uma, e os resultados seriam os mesmos.

6. A Escritura explica como fazer uma confissão de fé pública.

Muitos pastores são apressados em apresentar à igreja, como um novo irmão em Cristo, alguém que tenha orado e tomado uma decisão pessoal. Às vezes, esta apresentação ocorre minutos após o término da última estrofe do hino de convite. O pastor ou evangelista pode nunca ter conhecido tal pessoa antes. Apesar disso, é dito à igreja que aceite-a, de todo o coração, como parte da família, sem questionamento.

Mas, este é o único método de apresentação pública de novos convertidos? Ou a Bíblia prescreve um método melhor? Creio que a resposta para a segunda pergunta é "sim" e contém duas partes.

Primeira: existe o batismo dos crentes — uma ordenança que nos foi dada por Jesus Cristo. Muitas igrejas, no culto batismal, dão aos convertidos a oportunidade de testificar verbalmente a obra de Deus em suas vidas. Neste momento, eles se identificam publicamente com o corpo de Cristo. O ir à frente não é o método que Deus prescreveu para a identificação pública com Cristo; o batismo é.

Segunda: os novos crentes fazem sua confissão pública por meio do viverem para a glória de Deus. O poder transformador de Cristo é um testemunho público poderoso. E as igrejas não precisam de apelos para acrescentar novos membros à congregação. Há várias maneiras de fazer isso. Algumas igrejas, por exemplo, desenvolveram um processo de membresia — com entrevistas (quando os aspirantes a membros dão o seu testemunho), aulas (sobre a igreja e a importância de servir) e uma apresentação pública à congregação durante um culto de adoração. Estamos argumentando que as igrejas que não usam o sistema de apelo não encontram dificuldade em apresentar os novos membros à congregação.

7. O apelo sugere falta de confiança na soberania de Deus.

Uma última preocupação com o sistema de apelo é que ele, com freqüência, indica falta de confiança na soberania divina — especificamente, na área de evangelismo. Esta falta de confiança às vezes é

ouvida em comentários como: "Se não dermos uma oportunidade para as pessoas responderem ao evangelho, alguém pode sair e jamais ter outra oportunidade de ser salvo. Então, seu sangue estará em nossas mãos. Elas podem morrer em um acidente ainda nesta semana, e a sua condenação eterna, no inferno, será nossa culpa". Que fardo temos sobre nós — pensar que o destino eterno de alguém está em nossas mãos! Falamos as palavras certas, pregamos o sermão correto e oferecemos tempo suficiente ao apelo? Não devemos viver sob esse tipo de pressão.

Este tipo de culpa jamais deve ser nossa motivação para o evangelismo. Às vezes, sermões e avivamentos usam manipulações como esta para exortar as pessoas a evangelizarem. Assim, as pessoas são emocionalmente induzidas, por se sentirem culpadas de não testemunharem a seus vizinhos. Claro que sempre existe uma história sobre alguém, em algum lugar, que não testemunhou, e o amigo morreu em um acidente de carro no dia seguinte. Como resultado, as pessoas começam a pressionar a si mesmas e também os outros.

Mas, onde está a soberania de Deus em tudo isso? A Escritura deixa claro que a salvação pertence ao Senhor — cada aspecto dela — e que todos os que o Senhor conheceu de antemão e predestinou, Ele realmente os chama e justifica; e aqueles a quem Ele justifica, Ele os glorificará. Na perspectiva de Deus, a salvação é apresentada nas Escrituras como *completa*. Nosso papel é fidelidade e obediência ao Senhor. Se não formos fiéis em evangelizar e exortar as pessoas ao arrependimento, isto é um pecado nosso. Mas o destino eterno de uma alma está nas mãos de Deus, e não em nossas mãos. Converter pecadores é trabalho dEle. O nosso trabalho é apenas sermos fiéis.

Martin Lloyd-Jones, no capítulo 14 de sua obra clássica, *Pregação e Pregadores*, comenta sobre o sistema de apelo: "Este método certamente envolve, implicitamente, a idéia de que os pecadores possuem um poder inerente de decisão e autoconversão".[6] Lloyd-Jones

---

[6] Lloyd-Jones, D. Martyn. *Pregação e pregadores.* São José dos Campos: Editora Fiel, 1991, p. 200.

estava observando que, além de diminuir a soberania de Deus, aqueles que utilizam o sistema de apelo têm uma compreensão equivocada da antropologia bíblica. É uma falsa suposição pensar que o homem tem, em si mesmo, a habilidade de tomar a decisão de confiar em Cristo para a sua salvação. O homem foi completamente corrompido pela Queda! No entanto, algumas pessoas na história da igreja, como Tomás de Aquino, ensinaram que tudo no homem foi afetado pela Queda, exceto sua capacidade de raciocínio. Deste modo, argumentos intelectuais para a existência de Deus foram habilmente forjados na pressuposição de que, se você apresentar a evidência com bastante clareza, pode convencer os pecadores à conversão. Mas esse pensamento nega a visão bíblica do homem, dando muito crédito a criaturas caídas. A vontade do homem é escrava, e sua mente está em trevas. Todos nascem totalmente depravados e são cegos, se o Espírito Santo não lhes abrir os olhos (ver 1 Co 2.14). Portanto, Deus tem de realizar uma obra sobrenatural para que alguém venha a crer no evangelho.

Lloyd-Jones ainda disse:

> Nisso fica implícito que o evangelista, de alguma maneira, se encontra em posição de manipular o Espírito Santo e as suas operações... freqüentemente, hoje em dia, os organizadores são capazes de predizer o número dos "resultados"... esse método tende por produzir uma superficial convicção de pecado, se é que a produz. Com freqüência, as pessoas reagem positivamente por terem a impressão de que, fazendo assim, receberão certos benefícios.[7]

Certamente, a doutrina da regeneração está sendo questionada. "Essa", escreveu Lloyd-Jones, "é a questão mais séria de todas. [A regeneração] é uma obra do Espírito Santo, e dEle somente, ninguém mais pode realizá-la... E, posto ser uma obra dEle, sempre é uma

---

[7] Ibid. p. 201.

obra completa; sempre é uma obra que se manifestará".[8] Este é o cerne da questão.

John MacArthur, falando sobre o comentário de Paulo em 1 Coríntios 2, ecoa a opinião de Lloyd-Jones:

> [Paulo] não usava técnicas que empolgam, agitam as pessoas e mexem com as suas emoções, para obter resultados. Ele pregava as Escrituras à mente. Muitos pregadores de hoje sabem como induzir as pessoas a responderem positivamente, sem as Escrituras. Eles podem manipulá-las emocionalmente, desonrando sua mordomia como pregador, visto que se tornam iguais a um persuasor secular.
>
> Os pregadores que são grandes comunicadores e eloqüentes; que usam técnicas emotivas e histórias tristes; que arrancam lágrimas do público e servem-se de fundo musical que comove os sentimentos — esses pregadores podem criar o tipo de ambiente manipulador que pode causar mudanças no comportamento das pessoas e alterar seus valores básicos, sem nunca usarem a Palavra de Deus. Mas, qual é o resultado? É a verdadeira regeneração? É claro que não! A única ferramenta legítima é a Escritura. A única ponte legítima para mudanças é a mente.
>
> Não estou dizendo que as pessoas não podem ser convertidas durante um apelo. Estou afirmando que pessoas não-convertidas são confundidas por meio do apelo. As pessoas convertidas são convertidas porque compreendem a verdade e porque o Espírito de Deus realiza a transformação.[9]

Isto Significa que Devemos Parar de Evangelizar?

Considerado de um ponto de vista bíblico e teológico, o sistema

---

[8] Ibid. p. 202.

[9] MacArthur, John. Commitments of a Powerful Leader. Panorama City, CA: Grace Community Church, 1992. Sermão em cassete sonoro GC-56-3.

de apelo está repleto de áreas que causam preocupação. Não tem base nas Escrituras. Confunde a essência do evangelho. Geralmente produz falsas conversões. Oferece falsa segurança a muitos. Depende de técnicas manipuladoras. Não segue o método bíblico de identificação pública. Tende a negar a soberania de Deus.

Mas isto significa que devemos parar de evangelizar? É claro que não. Considere o exemplo de Paulo no Areópago em Atos 17. Ali, o apóstolo pregou uma mensagem eloqüente e doutrinariamente correta, chamando o povo ao arrependimento e enfatizando o julgamento perfeito de Deus.

E de que maneira o seu público reagiu? Leia Atos 17.32-34: "Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou do meio deles. Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram". A reação ao evangelismo de nossos dias ainda segue este padrão triplo. Alguns escarnecem e rejeitam abertamente. Outros ficam intrigados mas não se mostram prontos a se comprometer. E alguns crêem. Toda vez que a Palavra é pregada, estas são as diferentes respostas que a acompanham.

Mais uma vez, a nossa responsabilidade não é coagir ou manipular as pessoas dos dois primeiros grupos a se unirem ao terceiro. Em vez disso, somos chamados a pregar fielmente a Palavra e deixar os resultados com Deus. Ele salvará os seus eleitos de acordo com o seu próprio tempo. Se desejamos evangelizar de um modo que honre o Senhor, devemos começar confiando em sua soberania e descansando em sua Palavra.

Somente quando estivermos completamente convencidos de que a Palavra de Deus é bastante poderosa para salvar (sem métodos ou técnicas adicionais), seremos capazes de abandonar o sistema de apelo. Mas, quando o fizermos, seremos capazes de ver a obra de Deus na vida das pessoas sem nossa interferência manipuladora. Como resultado, toda a glória será do Senhor — e poderemos nos concentrar em sermos fiéis em exortar urgentemente as pessoas a virem a Cristo, em vez de nos preocuparmos com o sucesso numérico.

9

Assim Brilhe a Vossa Luz:

Examinando a Abordagem Cristã sobre a Política

Phil Johnson

Quando pensamos em assuntos que iniciam conversas excitáveis, poucos assuntos são tão carregados emocionalmente quanto a política. Afinal de contas, ter uma opinião política, bem como a liberdade de expressar essa opinião, é importante para as pessoas. Mas como isso se relaciona com o ser um cristão? Será que boicotes, adesivos de carro, protestos e abaixo-assinados são instrumentos vitais (ou mesmo legítimos) do testemunho cristão? A Palavra de Deus apóia aqueles que pensam que a igreja precisa participar agressivamente da política secular? Neste capítulo, transcrito de uma mensagem pregada na Grace Community Church, Phil Johnson examina um conhecido versículo bíblico em busca de respostas para essas questões.

Mateus 5.16 registra as palavras de Jesus: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". Este é um versículo simples, que contém um mandamento simples. Mas, apesar disso, há muita confusão sobre o que ele significa e exige de nós. Esta passagem e o seu contexto são citados com freqüência para justificar o ativismo evangélico na arena política — como se este fosse o próprio discurso de Jesus instando ao voto.

Recentemente, ouvi alguém, num programa de rádio evangélico, em rede nacional, tentando arregimentar os cristãos para uma causa política, instando os crentes a escreverem aos seus parlamentares, a fim de protestarem contra esta ou aquela política do governo. E disse: "Recebemos a *ordem* de sermos sal e luz em nossa sociedade, e isto significa que precisamos ser uma influência moral em nossa cultura. A melhor maneira de fazermos isso é usar nosso poder coletivo, por meio do voto. Precisamos fazer com que nossa voz seja ouvida, pois, do contrário, não seremos sal e luz da maneira como Jesus nos ordenou".

Esse ponto de vista e essa interpretação de Mateus 5.16 têm se tornado tão comum, que, se você mencionar "sal e luz" a uma congregação evangélica normal, eles talvez pensarão que você está pensando em algum assunto político.

Mas considere atentamente Mateus 5.16, em seu contexto e perceberá que Jesus não estava falando, de maneira alguma, sobre ativismo político. O texto não se refere a mobilizar nosso poder político numa coligação partidária, organizando boicotes em massa e protestos ou elegendo crentes para cargos públicos. Jesus estava ordenando uma vida santa no nível individual.

Entenda, por favor: não tenho objeção a que os crentes se candidatem a cargos políticos. Não tenho dúvidas de que Deus chama alguns de seu povo para servir no governo, assim como Ele chama outros para servir na área dos negócios, alguns para ensinar em universidades, e outros para trabalhar em cada segmento da sociedade. Toda a sociedade é salgada com os crentes, e cada um deles precisa ter um efeito benéfico em seu círculo de influência, não importando o quão grande ou pequeno este seja. Coletivamente, iluminamos,

preservamos e temperamos, por meio disso, a sociedade como um todo. Essa é a verdade sobre a qual o texto fala.

Entretanto, nossa influência como cristãos é mais eficaz no nível pessoal e comum. Nosso texto não sugere que a missão da igreja é comandar o sistema de política secular para exercermos nossa influência coletiva na sociedade, através dos meios legislativos. Se você acha que *essa* é a melhor (ou a principal) maneira de a igreja fazer sentir sua presença na sociedade secular, você perdeu o sentido do texto.

Devemos votar. Devemos ser bons cidadãos, de todas as maneiras. E devemos votar de forma consciente e com discernimento. Mas, caso a sua esperança para o futuro de nossa sociedade esteja fundamentada no processo democrático, ou você pense que a força da igreja aumenta ou diminui de acordo com o partido que está no poder, precisa considerar novamente a maneira como o povo de Deus, através da história, tem feito sentir sua influência na sociedade. Você descobrirá que os períodos em que a igreja mais cresceu e em que o avivamento teve maior alcance foram tempos nos quais os crentes estavam mais preocupados com a santidade pessoal e com o evangelismo. A verdadeira influência da igreja vem do poder do evangelho e do testemunho de vidas transformadas.

Por outro lado, quando os cristãos influentes tentaram inserir a igreja no processo político, o testemunho deles fracassou, e acabaram, na verdade, *perdendo* sua influência.

Isto não nos surpreende. Em Mateus 20.25-28 Jesus disse: "Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".

Se a igreja deseja influenciar uma sociedade secular hostil, como esta em que vivemos, uma organização política *não* é o de que precisamos. Nem todo o poder, nem todos os governantes, nem todas as políticas públicas do mundo serão capazes de forçar os incrédulos a entregarem seu coração a Cristo, recebendo-O como seu Senhor.

E se você pensa que, quando Jesus descreveu os crentes como sal e luz, Ele estava convocando sua igreja ao ativismo político, precisa examinar um pouco mais atentamente esta passagem.

Jesus estava apenas descrevendo o processo natural, ordenado por Deus, mediante o qual toda a sociedade é abençoada e influenciada pela presença de crentes fiéis que servem como sal e luz numa sociedade corrupta, contaminada pelo pecado. A chave para isso é expressa naquele mesmo versículo. Isto é, quanto mais abundantes e visíveis forem nossas boas obras, mais influência teremos. *Santidade pessoal*, e não *controle político*, é o que leva os homens a glorificarem nosso Pai que está nos céus.

Considere o versículo 16 em seu próprio contexto. Este versículo é o ápice de um breve parágrafo — versículos 13 a 16 — que vem logo depois das Bem-Aventuranças. Ele é parte da introdução ao Sermão do Monte, proferido por Jesus. Ele começou com as palavras dos versículos de 3 a 12 — as Bem-Aventuranças, uma lista abrangente de bênçãos que destacam o verdadeiro caráter da fé. Jesus está proclamando uma bênção formal sobre as qualidades da santidade autêntica.

O fato mais notável sobre as Bem-Aventuranças é que as qualidades abençoadas por Jesus não são as mesmas que o mundo geralmente considera dignas de admiração. *O mundo* glorifica o poder e o domínio, a autoridade e a força física, a posição e a classe social. Em contraste, *Jesus* exalta a humildade, a mansidão, a misericórdia, o pranto, a pureza de coração e a perseguição por causa da justiça. Coletivamente, essas coisas são o oposto da organização política e do poder partidário. Jesus está descrevendo um povo pronto para ser oprimido e privado de seus direitos por causa da verdadeira justiça. Eles são pacificadores, não manifestantes; pobres de espírito, não opulentos e ilustres; pessoas perseguidas, e não pomposas e poderosas.

No entanto, é para estas pessoas pobres e oprimidas que Jesus está falando, quando diz, no versículo 13: "Vós sois o sal da terra" e, no versículo 14: "Vós sois a luz do mundo". Ele começa se referindo diretamente a eles nos versículos 11 e 12: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque

é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".

Para quem Ele está falando? Para os crentes em meio aos seus ouvintes, aqueles que exemplificavam as características que Ele abençoara nas Bem-Aventuranças — aqueles que foram perseguidos por causa da justiça, aqueles que foram ultrajados por causa de seu nome. Eles eram, em sua maioria, pessoas simples, comuns — pessoas do meio das "multidões" (de acordo com o versículo 1).

De acordo com Marcos 12.37, "a grande multidão o ouvia com prazer". Ele não estava se dirigindo ao Sinédrio (os líderes espirituais de Israel); tampouco aos homens poderosos, como Pilatos, Herodes ou Caifás. Esta "multidão" não tinha a influência social como a elite romana ou como os líderes religiosos — os fariseus. E certamente não há razão para pensarmos que o público de Jesus era constituído de agitadores políticos como os zelotes. Eram pessoas comuns, simples, que O ouviam com prazer. Ele lhes disse: "Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo".

Isto era significativo e provavelmente chocante para as multidões, pois sabemos, por meio de registros históricos, que o título "luz do mundo" era uma honra que alguns rabinos eminentes gostavam de conferir a si mesmos. O comentário de Spurgeon nesta passagem é intrigante. Ele disse:

> Este título foi dado pelos judeus a alguns de seus rabinos eminentes. Com grande ostentação, eles falavam sobre o rabino Judá ou rabino Jocanã como as lâmpadas do universo, as luzes do mundo. Deve ter soado muito estranho aos ouvidos dos escribas e fariseus ouvir este mesmo título, em toda a solenidade, ser aplicado a uns poucos camponeses e pescadores, de rosto bronzeado e mãos calejadas, que se haviam tornado discípulos de Jesus. Na verdade, Jesus disse (não os rabinos, escribas ou aqueles que se reuniam no Sinédrio): Vós, meus humildes discípulos, vós sois a luz do mundo. Ele não lhes deu este título após os instruir por três anos, mas quase no começo de seu ministério. Disso eu concluo que o título não lhes foi dado por causa do que sabiam, e sim por causa do que eles eram. Não o

conhecimento, e sim o caráter os tornou a luz do mundo.[1]

É claro que Jesus também reivindicou para si mesmo esse título, de um modo especial e *único*. Foi uma de suas mais claras reivindicações de divindade. "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8.12). O apóstolo João explicou o pleno significado dessa afirmação no início de seu evangelho, descrevendo como a Palavra eterna de Deus, a segunda pessoa da Trindade, se fez carne e habitou entre nós. Em João 1.4-5, ele escreveu: "A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela".

Em outras palavras (como João explica no versículo 9), Cristo é "a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem". Ele é a fonte maior de toda a luz. Ele é como o sol, comparado com o qual somos apenas candeias. Esta foi a imagem que Jesus usou em Mateus 5.15. Somos como as candeias — a luz do mundo num sentido limitado, comparados a Jesus, que é a Luz do mundo num sentido infinitamente maior e único.

Mas, embora sejamos candeias, emitimos luz. E a luz mais fraca da menor candeia é capaz de atravessar e dispersar a escuridão completa. A luz coletiva de muitas candeias possui uma influência maior. É assim que Jesus retrata nosso papel em um mundo caído, em trevas e pecaminoso.

Considere brevemente a metáfora usada no versículo 13: "Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens". O sal tem muitas propriedades. É claro que ele tempera e dá sabor. Contudo, o que tornava o sal mais valioso no mundo do primeiro século era o fato de que ele agia como conservante. Até a carne crua podia ser preservada com sal, de modo que não estragasse.

---

[1] SPURGEON, Charles H. The light of the world. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit.* Passmore & Alabaster, Londres, v. 19, p. 241, 1873.

Os crentes no meio de uma sociedade caída e maligna tem um efeito preservador e purificador. Lembre-se dos dias de Sodoma, quando Deus disse a Abraão que preservaria a cidade da destruição por causa de dez justos (ver Gn 18). Tenho certeza que ainda hoje Deus preserva sociedades do julgamento por causa dos justos – o sal no meio delas.

O sal também possui uma propriedade antisséptica; por isso, era freqüentemente usado no tratamento de feridas. É claro que dói, quando o utilizamos deste modo. Coloque sal em qualquer tipo de ferida aberta e, imediatamente, você sentirá um forte ardor. Parece haver um elemento desta idéia na metáfora de Jesus. A presença de crentes no mundo irrita a consciência dos incrédulos, pois ela funciona como um doloroso lembrete de que Deus requer santidade e de que o salário do pecado é a morte.

Mas o sal também dá sabor à comida e causa sede — creio que esta seja a idéia mais importante por trás do uso desta metáfora, pois Cristo fala de seu sabor, sua salinidade, sua propriedade de temperar e melhorar o sabor, bem como de sua habilidade de aumentar nossa sede. Lembre-se que Jesus tinha acabado de abençoar aqueles "que têm fome e sede de justiça" (v. 6); e esta imagem sugere que a presença de pessoas piedosas na sociedade precisa causar o efeito natural de aflorar um apetite e uma sede por justiça.

"Ora", Ele diz, "se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?" Se o sal perder o sabor, com que podemos temperar?

Cientificamente, sabemos que o sal não se torna insípido. O sal é um elemento, e a salinidade é uma de suas propriedades inerentes. O sal não é como os outros temperos. Alguns anos atrás, comprei um pote grande de orégano e descobri que não é uma boa idéia comprar a maioria dos temperos em grande quantidade. Antes que eu usasse a metade daquele pote — depois de quase cinco anos em nosso armário — o orégano perdeu o sabor. Isto não acontece com o sal. Você pode guardá-lo por anos, e ele ainda terá as mesmas propriedades que o tornam salgado.

Jesus estava mostrando uma situação hipotética que, na realidade, é impossível. O sal genuíno — sal puro — não perde o sabor. Se você polvilhar sal sobre sua batata frita, e ela continua sem gosto, o que

você usou não era sal; provavelmente, era apenas pó. Parte do sal encontrado em Israel não era sal puro. A maior quantidade dele era recolhida nas proximidades do mar Morto e muito difícil de refinar. Estava misturado com gipsita ou contaminado de outras maneiras, de modo que, às vezes, se tornava insípido ou tinha sabor desagradável. Quando alguém comprava um pouco de sal estragado, o único remédio era jogá-lo fora. O povo sabia exatamente o que Jesus queria dizer.

Neste ponto, Jesus mudou as metáforas. Além do sal, Ele descreveu os crentes como luz. "Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa" (vs. 14–15).

Você é como uma luz incandescente em um mundo em trevas, Ele disse, e manter a luz escondida equivale a usá-la de maneira errada. O propósito da luz é iluminar. A única razão para se acender uma candeia é deixá-la brilhar. *Não se pode* esconder a luz de uma cidade que está bem localizada. Você não desejaria acender uma candeia e depois escondê-la. Fazer isso seria estúpido e irracional.

Em seguida, Jesus dá o mandamento do nosso versículo: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus".

Note algo sutil, mas importante: esta é a única *ordem* nesta passagem. Jesus não estava ordenando que seus seguidores *fossem* sal e luz. Você provavelmente escuta as pessoas dizerem: "Recebemos a *ordem* de sermos sal e luz". Geralmente este é o argumento usado para justificar por que os cristãos devem se tornar agitadores políticos. ("Afinal de contas, recebemos a *ordem* de sermos sal e luz".)

Mas este não é o mandamento dado nesta passagem. Jesus está dizendo que se você é um crente verdadeiro, você *é* sal e luz. Ele está nos exortando a não perdermos nosso sabor ou escondermos nossa luz. O sal é sal por natureza. A luz é a luz por natureza. Você pode contaminar o sal ou esconder a luz, mas não pode transformar areia em sal ou uma pedra em candeia. Então, Jesus não "ordena" que "sejamos sal". Ele diz que *somos* sal e nos alerta sobre o perigo de perdermos o sabor. Ele não "ordena" que sejamos luz; Ele diz que *somos* luz e nos proíbe de nos escondermos debaixo de um alqueire.

Observe o que deve acontecer quando deixamos nossa luz brilhar diante dos homens: eles vêem nossas boas obras e glorificam a Deus. Isto não implica exercer influência política, nem organizar protestos contra a impiedade. Não significa tentar impor valores cristãos sobre a sociedade, por meio de leis. Estas palavras de Jesus se referem à maneira como vivemos, ao testemunho de nossas vidas, ao impacto das boas obras que realizamos. Significam que temos de mostrar as mesmas qualidades que Jesus abençoou nas Bem-Aventuranças. Esta é a maneira como nossa luz brilha; é a salinidade que introduzimos numa sociedade que, de outra forma, seria caída e insípida.

A propósito, quero ressaltar isto: muitos evangélicos que têm abraçado indiscriminadamente a política dos direitos religiosos têm trocado a mensagem do evangelho por um programa de partido político. Eles têm, na verdade, jogado fora o sal saboroso e comprado gipsita em seu lugar. Ouça o discurso deles e observe que falam apenas sobre a próxima eleição, a última lei no Congresso ou a crise moral da sociedade. Freqüentemente, você *não* os ouvirá pregando sobre Cristo, porque a mensagem original do evangelho é uma ofensa para alguns de seus aliados políticos.

Lembre: Cristo é a única luz verdadeira do mundo. Você e eu não seremos candeias que iluminam as trevas deste mundo, se tivermos de abafar nosso testemunho sobre a pessoa de Cristo, para levarmos avante um programa de partido político. Se trabalhamos por uma causa moral válida, mas temos de esconder a única luz verdadeira que possuímos, para agradar os aliados políticos, estamos apenas desobedecendo ao mandamento de Cristo, nesta passagem.

Ele nos chama a resistir ao mundo — para sermos diferentes. Mais do que isso, Ele nos diz que *somos* diferentes, porque Ele nos tornou diferentes. Temos de aceitar o que somos. Somos sal numa cultura decadente e insípida; somos luz num mundo em trevas. Se desistirmos daquilo que nos distingue (ou o escondermos), perderemos nosso sabor e destruiremos nossa única influência verdadeira. Se tivermos de destruir o âmago da mensagem que Cristo nos chamou a proclamar, seremos culpados de esconder nossa luz debaixo do alqueire. Aqueles que acreditam que a igreja pode ter uma influência maior, se adotar uma estratégia secular, estão destruindo a única

influência válida que os crentes podem exercer sobre a sociedade.

Quando apenas imitamos o mundo, por criticarmos cada propaganda política secular; quando fazemos alianças mundanas, em favor do avanço de causas políticas; ou quando adotamos estratégias mundanas, para receber a aprovação dos homens, perdemos nossa distinção. Estou convicto de que boa parte do movimento evangélico moderno é culpado desse tipo de comprometimento. Em vez de sal, temos colocado areia no saleiro; temos colocado um alqueire sobre a nossa candeia.

Eis o remédio: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". Este versículo nos fala tanto no nível individual como no coletivo. Descreve o que devemos fazer corporativamente como igreja; fornece um remédio coletivo muito necessário a todo o movimento evangélico. Mas observe que este versículo também revela o que você e eu precisamos fazer individualmente.

Você deseja que sua vida tenha valor eterno? Deseja maximizar a influência de sua vida em seus filhos, vizinhos, colegas de trabalho, amigos e, finalmente, em todo o mundo? Esta é a estratégia de *Jesus* para propagar a luz — uma candeia de cada vez. Isto é o que Ele nos chama a fazer: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus".

Agora, pense no que esta figura significa: *luz* é o nosso testemunho por Cristo. Se Cristo é a única "verdadeira luz", como o diz João 1.9, só posso deixar *minha* luz brilhar, se minha vida e minhas palavras testemunham sobre Cristo. E, quanto mais eu testemunhar sobre Ele, mais fortemente a minha luz brilhará.

Alguns têm sugerido que a única ênfase de Jesus em Mateus 5.16 está no testemunho de nosso comportamento, porque o versículo menciona especificamente as "boas obras", que constituem o que as pessoas devem ver, e isso é o que as levará a glorificar a Deus. Mas, certamente, Jesus não está excluindo o testemunho de nossas palavras. Ocorrem-me as palavras de Paulo, em Romanos 10.9: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo".

Você não é um verdadeiro seguidor fiel de Cristo, se não O confessa com sua boca. Eu sei que muitas pessoas defendem um tipo silencioso de evangelismo. Elas pensam que, se você viver uma vida muito boa, os outros contemplarão a Cristo em seu comportamento, e, pelo absoluto poder de seu exemplo, os pecadores serão levados a Ele, embora você nunca mencione o seu nome.

Mas não é isto que a Escritura ensina, quer por preceito, quer por exemplo. Se os seus lábios estão silenciosos a respeito de Cristo, você não está deixando sua luz brilhar fielmente, diante dos homens, do modo que Cristo tencionava. Você precisa confessá-Lo com sua boca. Precisa proclamar o evangelho com seus lábios. Lembre-se de que "aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação" (1 Co 1.21). Afinal de contas, "a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17); e "como ouvirão, se não há quem pregue?" (Rm 10.14.) O evangelho, e não o testemunho silencioso de suas boas obras, é o poder de Deus para a salvação.

Em outras palavras, você é chamado a proclamar o evangelho com suas palavras. Confesse a Cristo com sua boca. Fale às pessoas sobre Ele. Proclame a mensagem do evangelho. Este é o âmago e um aspecto essencial do que Jesus queria dizer, quando falou: "Brilhe também a vossa luz".

Na verdade, somente quando deixamos nossa luz brilhar por meio de nossas *palavras,* as pessoas podem ver nossas *boas obras* na verdadeira luz. Esta é a única maneira pela qual elas entendem *por que* todas as boas obras que você e eu realizamos são apenas para o louvor e glória de Deus. Se nunca falamos a respeito de Cristo e nunca confessamos nossa própria indignidade, por que motivo alguém que visse nossas boas obras glorificaria a *Deus*? As pessoas se mostrariam mais inclinadas a nos exaltarem. Mas, quando deixamos a luz brilhar, ao proclamarmos o evangelho, confessamos nossa própria pecaminosidade e apontamos para a graça de Deus, em Cristo, dando, portanto, glória a Deus, a quem toda a glória pertence.

É claro que o versículo *fala* sobre as "boas obras"; e isto nos lembra que elas são parte vital de nosso testemunho ao mundo. Por um lado, você não será uma boa testemunha de Cristo por meio de suas boas obras, sem as suas palavras. Mas o contrário também é

verdade e precisa ser dito: você não é uma boa testemunha de Cristo, se sua vida não é coerente com o que você fala. Sempre há algumas pessoas desorientadas que pensam que zelo extra pela pregação do evangelho compensará uma falta evidente de santidade, de disciplina pessoal, de bondade ou de amor. Tal pensamento não entende o verdadeiro significado das palavras de Jesus. "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas *boas obras.*" Se a sua vida está destituída de qualquer bondade distintiva, mude seu comportamento, antes que você manche publicamente o nome de Cristo.

Mateus 5.16 e a Perspectiva Cristã

Tendo em mente o contexto deste versículo, considere o que está envolvido em nosso chamado de sermos luz no mundo. Em vez de focalizar-se em programas políticas ou em buscas egoístas, Mateus 5.16 nos apresenta tanto a motivação como a forma correta de influenciar a cultura. Em seguida, oferecemos três razões pelas quais precisamos compreender nossa tarefa como portadores de luz em um mundo em trevas.

1. Obtemos uma perspectiva correta acerca de nós mesmos

Ser egoísta, individualista e absorto em si mesmo é a tendência natural de todo coração caído. Tendemos a ver-nos como o centro do universo. Nossa natureza caída seria capaz até de procurar um modo, se possível, de transformar a própria santidade em um hobby que promovesse seu auto-engrandecimento e induzisse ao orgulho. Foi exatamente isso o que os fariseus fizeram. Jesus disse, em Mateus 6.5, que os hipócritas "gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens". Em Mateus 23.5-7, Ele disse: "Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens".

De fato, observe o começo de Mateus 6. Foi exatamente contra isso que Jesus alertou. "Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste" (v. 1). Ele reiterou essa exortação no versículo 2, quando mandou seus seguidores não tocarem trombeta diante de si, ao darem esmolas. Nos versículos 3 e 4, Ele continuou: "Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". O versículo 6 vai além: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". Até o jejum é incluído nos versículos 17 e 18: "Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará".

Então, de que modo esses mandamentos (que exigem a realização de determinados atos religiosos em secreto) se relacionam com Mateus 5.16: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus"? Jesus estava se contradizendo? É claro que não. No capítulo 6, Ele falava sobre atos de devoção e adoração particular — o tipo de boas obras que estão entre o adorador e Deus e que, portanto, não precisam ser feitas em público. Todavia, em Mateus 5, Ele se referia ao tipo de boas obras que reflete as qualidades das Bem-Aventuranças. Estas são boas obras feitas em benefício de outras pessoas, e não de si mesmo.

Esta é a chave. Jesus vai até ao motivo. O que Cristo *recomenda* são atos altruístas, feitos para servir aos outros. O que Ele *proíbe* são atos egoístas ou de justiça própria, feitos para exaltação pessoal. Um entendimento adequado deste texto é um bom antídoto contra o egoísmo e orgulho espiritual. É um lembrete de que as únicas boas obras *verdadeiras* são aquelas realizadas com o interesse do outro em mente. Neste caso, o versículo estudado fala sobre boas obras realizadas em benefício daqueles que ainda são escravos das trevas e da confusão.

Este mandamento ajuda-nos a manter a perspectiva correta. É

um lembrete claro de que Cristo não chamou ninguém para ser um monge ou um asceta. Você não pode atingir santidade semelhante à de Cristo, mudando-se para uma caverna ou trancando-se numa torre de marfim.

Alguns cristãos quase rompem todas as relações com incrédulos e tentam isolar a si mesmos e a seus filhos numa bolha cristã. Mas Cristo nos lembra que Ele nos deixou neste mundo para sermos luz, não para nos escondermos em um armário ou debaixo de um alqueire. Devemos iluminar o caminho para os incrédulos do mundo. Não podemos fazê-lo, se nos trancamos permanentemente em um enclave secreto ou se vivemos atrás dos muros em uma comunidade cristã.

Veja o que Paulo disse aos coríntios em 1 Coríntios 5.9: "Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros". "*Ah!*", você diria, *"Paulo não quer que tenhamos comunhão com os ímpios!"* Não, veja:

> *Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais* (vs. 9-11).

Não somos deste mundo, mas Cristo nos deixou *aqui* por uma razão. Não é uma razão egoísta. É para que sejamos luz em benefício de outros que ainda são escravos do pecado. Não devemos nos conformar com este mundo, e isso é parte da mensagem de Jesus nestes versículos. (Devemos ser inconfundíveis e diferentes — com sabor e luz.) Mas, enquanto estamos neste mundo, vivemos para o benefício de outros. Quando abraçamos esse dever, isso nos serve como um antídoto contra o egoísmo pecaminoso.

2. Obtemos uma perspectiva correta de nosso próximo

Este versículo não muda apenas a maneira como vemos a nós mesmos, também influencia a maneira como vemos o nosso próximo que é incrédulo. Na verdade, um dos maiores perigos inatos no ativismo político da direita religiosa é que ele fomenta a tendência de fazer inimigos entre as pessoas que deveriam ser nosso campo missionário, enquanto fazemos alianças políticas com fariseus e falsos mestres.

De fato, antes de me tornar um crente, era muito ativo na política. Isso ocorreu nos anos 1960 e no começo da década de 1970, quando parecia que todo o mundo estudantil apoiava a política de esquerda. Mas eu era diferente. Era um conservador. E alguns dos meus amigos mais próximos e aliados políticos eram cristãos evangélicos que faziam parte da direita religiosa — mesmo antes de Jerry Falwell e James Dobson levarem a política conservadora aos principais segmentos do movimento evangélico.

Quando finalmente compreendi o evangelho e me rendi a Cristo, não fiz isso por que algum dos meus amigos cristãos envolvidos na política explicou-me o evangelho. Jamais o teriam feito, por medo de alienarem um aliado político. Mas devo dizer que tive um senso de traição, quando finalmente entendi o evangelho e percebi que alguns de meus amigos nascidos de novo jamais me falaram, ao menos uma vez, sobre o estado de minha alma. Este é o perigo de ser obcecado com a política e pensar que o programa de atividades da igreja pode ser levado avante por meio de instrumentos políticos: você logo perde de vista a verdadeira missão.

Ao ouvir alguns cristãos falarem hoje, você pode pensar que pecados terríveis como o homossexualismo e o aborto podem ser resolvidos por meio da legislação. Cem anos atrás, o assunto favorito era a proibição de bebidas alcoólicas, e a maior parte dos evangélicos abraçou a noção de que o banimento de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos resolveria o problema do alcoolismo para sempre. Isso foi perda de tempo e energia, e creio que foi uma distração prejudicial para muitos na igreja. Ouça as palavras de Paulo: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão" (Gl 2.21). "Porque, se fosse promulgada uma lei que

pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei" (Gl 3.21).

Temos a única e verdadeira resposta para pecados como homossexualismo, divórcio, dependência química e outras formas de imoralidade desenfreada. Esta resposta é a gloriosa liberdade da salvação em Cristo. É uma mensagem sobre a graça de Deus, que realizou o que nenhuma lei jamais poderia fazer. E precisamos proclamar esta mensagem, ajudando nosso próximo e não tomando uma posição hostil contra eles, mas deixando a luz do glorioso evangelho de Cristo brilhar sobre eles.

Somos faroleiros num mundo imerso em tempestade e escuridão. Recebemos uma missão de resgate e misericórdia para com os pecadores. Não podemos ser como Tiago e João, que num momento de fraqueza e imaturidade queriam invocar fogo do céu para destruir os pecadores. Somos embaixadores da verdadeira luz, que veio à terra buscar e salvar os perdidos. "Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3.17).

Há um sentido verdadeiro em que não devemos amar o mundo ou as coisas do mundo. Mas as *pessoas* do mundo são outro assunto. Devemos amá-las, todas, incluindo os nossos inimigos. Neste assunto, a Escritura é bem clara. Não fechamos os olhos para o pecado e, certamente, não podemos fingir que nossa luz está brilhando, se temos comunhão com as trevas. Mas *devemos* ter o mesmo amor de Cristo pelos pecadores. É uma parte essencial do que Ele exige quando nos chama a deixarmos nossa luz brilhar, para que as pessoas *vejam nossas boas obras e glorifiquem nosso Pai celestial. Deste modo,* os verdadeiros discípulos de Cristo devem ser notavelmente diferentes dos fariseus.

Se não temos um profundo senso de compaixão e uma benevolência sincera para com os pecadores, não estamos deixando nossa luz brilhar. Somos pecadores redimidos; ver os outros pecadores com aversão é orgulho indesculpável. Foi exatamente esse o pecado do fariseu em Lucas 18.11, que, "posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como

este publicano". Jesus disse que essa atitude impediu o fariseu de ser justificado aos olhos de Deus. Por outro lado, quando Jesus viu "as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9.36). Esta é a perspectiva que você terá, se aceitar o mandamento de ser luz no mundo.

Lembre-se: Cristo disse que desta maneira a nossa influência se torna mais poderosa em um mundo entenebrecido pelo pecado. Não é somente por meio de nossas palavras, nem somente por nossas obras, mas pela fiel proclamação do evangelho, acompanhada de boas obras de misericórdia, amor e compaixão até para com nossos inimigos.

Cristo disse que isso levaria o mundo a perceber a verdade e a glorificar a Deus. Aceite esse dever e você ganhará uma perspectiva completamente nova a respeito de seu próximo.

3. Obtemos uma perspectiva adequada sobre a responsabilidade humana

O terceiro benefício encontrado em Mateus 5.16 é este: ao aceitar nosso papel como luz neste mundo, obtemos uma perspectiva adequada sobre a nossa responsabilidade – especialmente, nosso dever como evangelistas. Mateus 5.16 nos compele a sermos testemunhas fiéis e remove qualquer desculpa para sermos menos do que isso.

Este versículo é um antídoto claro contra o fatalismo do hipercalvinismo. Não imagine por um momento que a doutrina da soberania divina é uma desculpa para a apatia ou a inatividade, quando se refere à tarefa de ganhar almas para Cristo. Permita-me citar Spurgeon mais uma vez. Ele disse:

> Os decretos de Deus serão cumpridos. No entanto, há pessoas que, a partir disso, argumentam que podemos sentar de braços cruzados e não fazer nada para a salvação dos outros. Essas pessoas são muito tolas, porque têm de estar cientes de que a mesma lógica que as levaria à inatividade espiritual também lhes exigiria uma inatividade em outras áreas, de modo que elas não poderiam mais comer, nem beber, nem pensar, nem respirar, nem fazer coisa alguma, exceto permanecerem deitadas como to-

> ras, passivas sob o forte controle do destino. Isto é absurdo demais para necessitar de uma resposta. Os crentes podem ser curados dessa tendência por acreditarem que são a luz do mundo.[2]

Recebemos um *trabalho* a realizar. Este versículo coloca a responsabilidade sobre nós. Somos chamados a servir como evangelistas. Tornamo-nos instrumentos nas mãos de um Deus soberano para a salvação de outros, à medida que obedecemos ao mandamento desta passagem. Não podemos ficar inertes. Aqueles que usam a soberania de Deus como desculpa para a apatia ou indiferença corrompem a sã doutrina. O próprio Cristo nos mandou brilhar diante dos homens para que eles vejam nossas boas obras e glorifiquem a Deus.

É uma imensa responsabilidade, não é? Há um verdadeiro sentido em que o destino eterno dos homens depende do que fazemos, porque Deus nos escolheu para sermos luz, a fim de mostrar o caminho. E, se você esconder sua luz sob um alqueire, não poderá apelar à doutrina da soberania de Deus como desculpa no tribunal de Cristo.

Mas este mandamento não serve apenas para corrigir os hipercalvinistas e fatalistas – também é uma repreensão às pessoas indiferentes que desperdiçam tempo e recursos terrenos em diversões e outros fins egoístas. É claro que não há nada de errado em desfrutar de um pouco de diversão e repouso nesta vida. Deus nos fez com uma necessidade por descanso e recreação, e Cristo reconheceu esta necessidade, ao tirar seus próprios discípulos dos rigores do ministério público para um período de descanso e repouso. Em 1 Timóteo 6.17, a Escritura diz: "Deus... tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento".

Mas este não é o objetivo principal da vida, e precisamos resistir à tentação — especialmente numa sociedade viciada em prazeres como a nossa — de transformar o entretenimento e diversão no centro e foco de nosso tempo livre.

---

[2] Ibid. p. 244.

Temos uma obrigação, uma responsabilidade, dada por Deus (uma responsabilidade séria e solene), de brilhar como luzes em um mundo de trevas, proclamando o nome de Cristo aos perdidos e fazendo boas obras que convençam e estimulem as pessoas a honrarem nosso Pai celestial.

Quão forte a *sua* luz tem brilhado? Que tipo de reação a sua vida provoca nos seus vizinhos incrédulos? Suas boas obras glorificam a Deus ou são obras de justiça própria, como as obras dos fariseus? O seu testemunho é um instrumento que Deus pode usar para trazer a Si mesmo pecadores hostis?

É claro que todos temos algum trabalho a fazer. Vivemos em um mundo que perece por falta de conhecimento. Como eles ouvirão as boas novas, se não lhas contarmos? Por que eles ouviriam, se a nossa vida é inconsistente com a nossa mensagem?

Por outro lado, se obedecermos ao simples mandamento de Mateus 5.16, *começaremos* a fazer grande diferença no mundo, tanto individual quanto coletivamente. Nas palavras do apóstolo Paulo, em Filipenses 2.15-16, podemos — e *devemos* — ser "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida". Somente assim faremos verdadeiramente a diferença em nossa sociedade.

10

Controlando as Escolhas:

Combatendo o Consumismo com uma Mentalidade Bíblica

Kurt Gebhards

Este capítulo trata da mentalidade consumista que tem invadido o evangelicalismo contemporâneo. Explicando melhor, este capítulo não é um desafio às crescentes faturas de cartão de crédito, ou às ofertas decrescentes, nem aos membros que se vestem com opulência, enquanto os pastores são mal pagos. Na verdade, este capítulo nem se refere primariamente a dinheiro, e sim ao coração do adorador. Infelizmente, o consumismo tem sido importado à igreja de Deus, à medida que os crentes desfrutam do poder de escolha. Visto que falham em discernir aquilo que é realmente valioso, muitos crentes estão trocando as riquezas eternas por conquistas temporais. Este capítulo chama a igreja de

volta a uma perspectiva clara a respeito dos efeitos devastadores do consumismo cristão.

Os americanos do século XXI são consumidores perfeitos — isso se tornou claro para mim alguns anos atrás, em uma viagem ministerial à Rússia. Enquanto estive lá, desfrutei de uma experiência radical em termos de cultura, quando fui a um "supermercado" russo. Quando entrei, notei imediatamente a seção de alimentos. Julgando pelos padrões americanos, aquela seção era minúscula — consistindo apenas de duas prateleiras do tamanho de estantes de livros. Toda a comida da loja inteira estava naquelas prateleiras. Onde estão as opções? Onde está o processo de escolha? Eu me perguntei, pensando nos supermercados onde fazia compras. Como um consumidor americano, eu não estava acostumado com aquilo — as escolhas limitadas ao mínimo possível.

Recentemente, decidi comparar o que encontrei na Rússia com o típico supermercado americano. Então, durante uma compra rotineira, contei o número de escolhas para vários produtos. Havia 264 opções de cereal matinal — de marcas famosas e similares; megapacote, grande, médio, pequeno e porção única; macio, crocante e açucarado; integral e com alto teor de fibras. Também contei 62 tipos diferentes de mostarda, 305 opções de desodorante e 198 variedades de escova de dente.

Que contraste com as duas prateleiras que eu tinha visto no outro lado do mundo – uma comparação que realçou o quão forte é a mentalidade consumista na cultura americana. É uma mentalidade que aprecia a possibilidade de escolha, que espera ser servida como consumidora. Desde alimentos até móveis, de roupas a carros, favorecemos naturalmente os produtos que mais nos agradam e as pessoas que nos tratam melhor. "O consumidor em primeiro lugar" é mais do que uma boa política de negócios — é um slogan que caracteriza o que o capitalismo americano passou a esperar.

Infelizmente, muitos crentes trazem essa atitude de supermercado para dentro da igreja. Conseqüentemente, eles se vêem como "consumidores" em busca de um produto religioso que satisfaça a suas necessidades e cumpra seus desejos. Em vez de se verem como

servos, consideram a igreja como um lugar para se acomodarem e serem servidos. Ao invés de se focalizarem em Deus, eles se voltam para si mesmos. Em vez de considerarem a igreja como um lugar onde Deus é o "consumidor", eles se vêem como o centro das atenções, esperando que suas necessidades sejam supridas. Em dias monopolizados pelo materialismo, creio que esta atitude de consumismo é um dos maiores ídolos da igreja americana.

As opções que desfrutamos no supermercado certamente falam da maravilhosa abundância de Deus. No entanto, os problemas começam a surgir quando os crentes se aproximam da igreja com a mesma mentalidade consumista. Embora possamos escolher certa marca ou sabor baseados nos gostos pessoais, precisamos nos acautelar para não sermos tão caprichosos, quando nos comprometemos com determinada igreja ou ministério. Mas estou convencido de que para alguns "consumidores de igreja" há pouca diferença na maneira como abordam cada uma destas duas decisões.

Embora não esteja argumentando que não devemos fazer escolhas, estou dizendo que é insensatez tornar soberano este poder de escolha. Em outras palavras, precisamos submeter nossas escolhas aos mandamentos de Deus. Todos nós temos preferências, mas precisamos lembrar, como crentes, que a Palavra de Deus sobrepuja nossas preferências e desejos. O objetivo deste capítulo, portanto, é ajudar os crentes capitalistas e saturados de opções de escolha a discernir a diferença entre buscar o reino de Deus e o construir o seu próprio reino.

O Que é Consumismo Cristão?

Em sua essência, consumismo é "*eu-ismo*" — chamando-nos a exaltar a nós mesmos como árbitros de todas as nossas questões. Diariamente, somos encorajados a escolher tudo, desde nossas roupas ao café, de modo a satisfazer aos nossos desejos pessoais. Nossas preferências recebem prioridade máxima. Como resultado, começamos a acreditar no mito de que o mundo gira ao nosso redor e daquilo que desejamos. Talvez seja isso o que torna o ato de comprar tão reconfortante. Quando as coisas estão difíceis e as provações nos

sobrevêm, entramos num shopping e nos tornarmos reis do cartão de crédito, por uma tarde. E, quando esta atitude contamina o que desejamos de uma igreja, temos um grande problema em mãos.

Em vez de sairmos ao shopping de igrejas, em busca de uma que se encaixe em nosso critério e desejos, devemos como servos de Deus procurar um ministério que satisfaça aos padrões dEle. A questão jamais deveria ser: "As *minhas* expectativas foram alcançadas?", e sim: "As expectativas *de Deus* foram alcançadas?" Apesar de vivermos em meio a uma cultura direcionada pelo consumismo, devemos trabalhar arduamente para desarraigar esta perspectiva egoísta que o materialismo produz. Em última instância, temos de perguntar a nós mesmos: "Quando vou à casa de Deus, qual o principal interesse de meu coração: as expectativas dEle pelo culto e adoração sacrificial ou minhas expectativas de realização pessoal?"

Deve ser lembrado que Deus é o foco legítimo da adoração coletiva, e não o crente. E Deus tem certas expectativas. Ele espera que participemos fielmente da igreja; que Lhe demos uma oferta premeditada de louvor. Deus espera que sejamos zelosos e fervorosos por Ele; que nos comprometamos alegremente com seus propósitos. Deus espera que desejemos ardentemente o ensino de sua Palavra; que preparemos nosso corpo e mente para entrar na corte do Rei.

O Que Causa o Consumismo Cristão?

Sem dúvida, o ser humano é naturalmente atraído à mentalidade consumista. Mas, por quê? Quais são as influências que contribuem para o consumismo? Creio que a resposta para esta pergunta é dupla.

Primeiramente, há forças culturais que contribuem para a mentalidade consumista. Estas forças incluem o humanismo, o existencialismo filosófico e o materialismo moderno. O humanismo constitui o alicerce — olhando com admiração para a raça humana (e para o indivíduo), a fim de apreciar a capacidade e o valor humano. O humanismo torna legítimos os desejos egoístas de nosso coração, dando-lhes credibilidade. O existencialismo argumenta que a essência é a chave para toda a existência. Na prática, isto significa que a experiência pessoal, o sentimento e a satisfação são o cerne da vida. O

existencialismo dá liberdade para que os desejos de nosso coração se expressem completamente e sem restrição. Finalmente, o materialismo apela aos nossos desejos humanistas e existenciais, cultivando uma mentalidade que busca o benefício pessoal em todas as coisas. Como resultado, somos informados de que nossa escolha, como consumidores, é soberana.

Além dessas forças culturais, há também fatores carnais que contribuem para uma mentalidade consumista. Estes incluem ignorância espiritual, orgulho e apatia. A ignorância espiritual, por exemplo, esquece a prioridade de Deus (Rm 11.36; Cl 1.18) — resultando, ao mesmo tempo, numa concepção perigosamente inferior sobre a igreja dEle. Em conseqüência, muitos crentes entendem que a freqüência à igreja é opcional, que a membresia é desnecessária e que a autoridade da igreja não é importante. O orgulho espiritual complica as coisas, ao convencer os crentes de que seus desejos são mais importantes do que as prerrogativas de Deus. Esta atitude rebelde se evidencia quando as pessoas escolhem igrejas pelos motivos errados. "Eu sou o capitão de meu próprio navio!", elas gritam desafiadoramente. Por fim, a apatia espiritual leva a uma indiferença completa para com a glória de Deus. Esta falta de paixão pela grandeza de Deus inibe completamente qualquer capacidade de vencer atitudes egoístas. A armadilha do consumismo cristão só pode ser evitada quando desenraizamos estas forças carnais, com seus similares culturais.

O Que Caracteriza o Consumismo Cristão?

Como estas forças se manifestam na igreja? Quais são as evidências específicas do consumismo cristão? Permita-me destacar três atitudes que refletem uma mentalidade consumista.

1. Egotismo. O focalizar-se no próprio *eu* remove a Deus de seu trono, na igreja. Para o consumidor egotista, Deus não é mais a sua orientação, e sim o próprio *eu.* O consumidor pergunta: "O que ganho com isso? Minhas expectativas serão alcançadas? O que existe ali para mim?" Em seu coração, o prazer pessoal é exaltado, e Deus

é destronado. A aprovação divina é trocada pelo que agrada ao consumidor.

Ageu 1 é uma passagem de tremendo discernimento sobre este assunto — especialmente, porque os paralelos entre o período inicial do exílio de Israel e o movimento evangélico moderno são impressionantes. Os exilados judeus haviam retornado da Babilônia, em 536 a.C., e iniciado a reconstrução do templo sob a liderança de Zorobabel (Ed 6.1-22). No entanto, os esforços para a reconstrução da casa de Deus duraram pouco tempo. Em dois anos, o trabalho cessara. Por quê? Os judeus começaram a se distrair com suas próprias casas, desejando viver em conforto e luxo. Conseqüentemente, esqueceram-se de terminar a casa de Deus. Após quatorze anos de espera paciente, Deus enviou Ageu para confrontar os judeus, porque estes haviam substituído as expectativas de Deus por seus próprios desejos. Concentravam seus esforços em suas casas, enquanto Deus permanecia sem templo (Ag 1.9).

Outro profeta, Malaquias, também confrontou este mesmo espírito de egotismo. Em Malaquias 1.6, 9-10, o texto reflete uma inversão surpreendente na adoração. Atente à repreensão do Senhor:

> *O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? — diz o* SENHOR *dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Vós dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?... Agora, pois, suplicai o favor de Deus, que nos conceda a sua graça; mas, com tais ofertas nas vossas mãos, aceitará ele a vossa pessoa? — diz o* SENHOR *dos Exércitos. Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, debalde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o* SENHOR *dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta.*

Deus estava buscando a honra e o respeito que Lhe eram devidos. Chegou em seu templo esperando ser o Senhor, mas permaneceu sem trono. Ele chegou no templo esperando a honra devida a um pai. Em vez disso, foi desonrado.

O que aconteceu? Os judeus haviam se tornado senhores de si mesmos. Haviam deixado de prestar glória e reverência a Deus, de modo que, quando Ele olhou, nada Lhe restou. Do modo semelhante, exaltamos a nós mesmos quando buscamos nossos desejos, e não os de Deus. É claro que Deus procura ser honrado por nós como nosso Pai e Senhor. Ele espera ser importante para nós. O louvor Lhe pertence por direito. Como Pai e Senhor de seu povo, Deus merece nossa reverência e adoração, especialmente no lugar que foi especificamente designado para isso. Contudo, muitos crentes falham em prestar-Lhe toda a honra devida.

Esta auto-exaltação egotista está no cerne do consumismo cristão, sendo também a razão por que desonra a Deus. O consumismo coloca a Deus *abaixo* de nossas preferências, tornando os propósitos dEle subservientes aos nossos desejos. O consumismo enfatiza nossas opiniões acima do Deus do universo, invertendo dramaticamente as prioridades corretas. Neste sentido, Steven Charnock oferece uma advertência em seu livro *The Existence and Attributes of God* (A Existência e os Atributos de Deus):

> Quando acreditamos que devemos ser satisfeitos, em vez de crermos que Deus deve ser glorificado, nós O colocamos abaixo de nós mesmos, como se Deus tivesse sido feito para nós, e não como se tivéssemos sido feitos para Ele. Não há blasfêmia maior do que usar a Deus como nosso servo; e não há pior lugar para isso do que no templo de adoração, onde fazemos a adoração a Deus centralizar-se em nós mesmos, e não nEle.

Como o egotismo é evidenciado na igreja contemporânea? O consumidor na igreja procura o que pode *receber* da igreja, em vez do que pode *oferecer* a Deus. E faz comentários do tipo: "*Receberei* inspiração e encorajamento"; "*Ganharei* conhecimento e instrução"; "*Obterei* auxílio para enfrentar a semana"; "*Receberei* uma bênção"; "*Terei* novos amigos". Ao se focalizar em suas próprias necessidades, o consumidor cristão perde de vista todo o cerne da adoração — ou seja, Deus.

Em sua raiz, o consumismo cristão é o antigo pecado de idolatria,

porque traz falsa adoração (auto-adoração) à casa de Deus. Como resultado,

> Nossos cultos geralmente são celebrações de nós mesmos, mais do que celebrações de Deus. Nunca antes, nem mesmo na igreja medieval, os cristãos foram tão obsessivos consigo mesmos. Auto-estima, autoconfiança, auto-isto e auto-aquilo têm substituído a discussão sobre os atributos de Deus. Ironicamente, isso tem criado o oposto do que tenciona. Sem o conhecimento de Deus, em cuja imagem fomos criados, e sem a graça que nos transformou em filhos de Deus, o narcisismo, ou amor-próprio, desenvolve-se em depressão.[1]

Em outras palavras, quando o crente procura realização pessoal em uma igreja bíblica é como girar em torno de si mesmo. A casa de Deus é edificada para a glória e a satisfação dos propósitos dEle. Vidas que O glorificam em adoração e santidade são vidas cheias de graça e paz, mas essas bênçãos são secundárias, resultantes de um viver focalizado na glória de Deus.

Para aqueles que se recusam a adorar a Deus, permanecendo centralizados em si mesmos, as conseqüências são devastadoras. O consumidor cristão transforma Deus em seu inimigo, porque Ele é zeloso por sua glória (Êx 34.14). Em Malaquias 2.2, por exemplo, Deus oferece uma advertência severa:

> *Se o não ouvirdes e se não propuserdes no vosso coração dar honra ao meu nome, diz o* SENHOR *dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes isso no coração.*

---

[1] HORTON, Michael. *Made in America: the shaping of modern evangelicalism.* Grand Rapids, MI: Baker, 1991. Citado de C. J. Mahaney, A passion for the church: why we gather corporately. Sermão em áudio. Gaithersburg, MD: Sovereign Grace Ministries, 2003.

Os crentes que pensam que a igreja está aqui para servi-los devem parar, prestar atenção e arrepender-se.

2. *Pragmatismo modelado no eu.* Além do egotismo, o consumismo cristão também se manifesta por meio do *pragmatismo modelado no eu* — uma atitude que procura servir a Deus nos termos e sabedoria do próprio *eu.* Os crentes modelados no *eu* servem a Deus conforme julgam mais adequado. Não são motivados pela glória de Deus; tampouco se sentem compelidos a honrar os mandamentos dEle. As práticas cristãs deles se expressam de acordo com suas próprias noções pré-concebidas, e não de acordo com os parâmetros objetivos da Escritura.

O pragmatismo modelado no *eu* mantém, com freqüência, uma aparência exterior de piedade. Diferentemente do egotismo, esse pragmatismo não busca *abertamente* os seus próprios interesses. O pragmatista, na verdade, procura se envolver, desde que o envolvimento seja conforme os seus termos e para a sua glória.

O pragmatista modelado no *eu* também é mencionado em Malaquias 1. Depois de haver confrontado os judeus por roubarem a sua glória e honra, Deus os recusou por trazerem ofertas inferiores ao padrão estabelecido. O povo havia entrado nos átrios do Senhor em conformidade com os termos deles mesmos. Haviam trazido sacrifícios que eram aceitáveis a seus próprios olhos, não levando em conta as expectativas ou exigências de Deus. Em suma, estavam se apegando a uma religião do tipo "faça do seu jeito". Mas Deus não ficou impressionado. Ouça a perspectiva divina nos versículos 7 e 8:

> *Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que te havemos profanado? Nisto, que pensais: A mesa do* SENHOR *é desprezível. Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? — diz o* SENHOR *dos Exércitos.*

Em vez de honrarem o Senhor, os judeus profanaram o altar

com ofertas impróprias. Tentaram se aproximar de Deus com sacrifícios imundos, fruto podre e animais aleijados. No processo, sua tentativa de honrar a Deus apenas maculou o seu templo (v. 12). Eles talvez prestaram reverência a Deus com seus lábios, mas não estavam dispostos a honrá-Lo com suas vidas.

Como cristãos, vivendo 2.500 anos depois, precisamos ter cuidado para não cometermos o mesmo erro. Nosso desejo deve ser o de trazer uma oferta agradável e aceitável a Deus. O nosso louvor deve ser como os sacrifícios do Antigo Testamento — tinham de ser perfeitos (Lv 22.20; Ml 1.11) e sem mácula (Êx 12.5; 29.1). Nada que não seja digno da aprovação de Deus jamais Lhe deve ser oferecido.

Na adoração, uma abordagem focalizada no *eu* é repulsiva a Deus. Quando pessoas com esta atitude entram na igreja, Deus se retira. Ele exige mais do que mero cumprimento de seus mandamentos. Espera que façamos *o que* Ele quer, *do jeito* que Ele quer, com um *motivo no coração* que O glorifique.

Uma característica peculiar do pragmatista centralizado no *eu* é a falta de adoração fervorosa. A verdadeira adoração é uma expressão da grandeza de Deus, com todo o coração. Mas a adoração centralizada no *eu* não possui esse tipo de paixão e zelo. Warren Wiersbe responde a essas tentativas artificiais de louvor:

> Se consideramos a adoração apenas como um meio de obter alguma coisa da parte de Deus, e não como um meio de Lhe darmos algo, transformamos a Deus em nosso servo, ao invés de nosso Senhor; e os elementos da adoração se tornam uma fórmula barata para a satisfação egoísta. Quando a adoração se torna pragmática, ela deixa de ser adoração.

Quando Deus é depreciado, não há lugar para a adoração. Se Ele é rebaixado, não sobra nada para ser adorado, a não ser o próprio adorador. O consumismo cristão não pode coexistir com a verdadeira e pura adoração a Deus.

Nos últimos anos, tem ocorrido na igreja uma mudança dramática no que concerne a adoração. O que parecia impossível para uma geração atrás, hoje é quase uma realidade universal. Outrora, a igreja

era um lugar para aqueles que procuravam ajuda transcendente, ávidos por considerar a Deus como o ponto de referência. Hoje, no entanto, a igreja é um lugar de autocomplacência e auto-satisfação. O interesse próprio se tornou pandêmico, até mesmo na adoração; e isso faz com que seja difícil para alguns freqüentadores de igrejas imaginarem que o cristianismo não tem o objetivo de girar em torno deles.

Há pouco tempo, assisti a um show evangélico na televisão. Havia trinta cantores em um palco, com alguns pianos. O apresentador circulou entre os músicos com um microfone e pediu que uma das cantoras desse seu "testemunho". Ela contou uma história de como Deus a livrara de uma provação. Depois de ouvir o seu relato, o apresentador ficou animado e disse: "Não tenho muita certeza de onde isso se encontra na Bíblia, talvez vocês eruditos saibam, mas a Palavra diz que, se adorarmos a Deus, Ele preparará emboscadas para os nossos inimigos. Emboscadas! Emboscadas! Você acredita que, se cantarmos e adorarmos, Deus preparará emboscadas para aqueles que desejam nos atacar? Emboscadas! Emboscadas!"

Exceto pelo uso de uma linguagem ímpar, o apresentador mudou radicalmente o conceito de adoração. Ele transformou a adoração em algo centralizado no homem — sugerindo que o valor da adoração se encontra no fato de que Deus nos ajuda. Mas isso interpreta e representa de modo completamente errado a natureza do verdadeiro louvor. A adoração tem de centralizar-se em Deus, e não em nós. Tem de ser realizada nos termos dEle, e não nos nossos.

3. Individualismo absorto no eu. Uma terceira manifestação do consumismo cristão é o individualismo absorto no *eu* — uma atitude que exige independência e procura a solidão. O cristão absorto em seu próprio *eu* é um lobo solitário, um *guardião solitário* e um *dissidente*. No máximo possível, a autoridade da igreja é desconsiderada, a responsabilidade individual, evitada; a participação pessoal, refreada. Ele pode até freqüentar regularmente a igreja, mas foge de qualquer conexão formal ou comprometimento com a igreja.

A atitude do crente absorto em seu próprio *eu* me lembra Narciso, personagem da mitologia grega. De acordo com o mito, Narciso era o mortal mais bonito que os deuses haviam criado. Ele se amava tanto

e era tão apaixonado por sua própria aparência que nunca encontrava uma companheira adequada. Mas, certo dia, quando se inclinava sobre as águas de uma fonte, ele confundiu seu reflexo com uma bela ninfa. Ele se apaixonou imediatamente e decidiu esperar até que a ninfa saísse da água. É claro que a ninfa nunca emergiu, e Narciso morreu ali, apaixonado por si mesmo.

Este é o mesmo tipo de amor próprio que caracteriza o individualista absorto em si mesmo. Ele encontra em si mesmo toda a habilidade e suficiência que imagina precisar. Ele evita o escrutínio e rejeita qualquer conselho espiritual do corpo de Cristo. Em sua mente, ele não precisa dos outros. Como um consumidor, ele pega somente aquilo que quer, rejeitando todas as outras coisas como desnecessárias à sua própria auto-suficiência.

Mas esta mentalidade certamente não é bíblica. Provérbios 18.1 dá a seguinte advertência: "O solitário busca o seu próprio interesse e insurge-se contra a verdadeira sabedoria". Os seres humanos não foram criados para ficarem sozinhos. Foram criados para viverem em comunidade. Em nenhuma passagem das Escrituras, encontramos recomendação ou exemplos de longos períodos de isolamento. O Novo Testamento ilustra a igreja como um corpo de muitas partes, um prédio feito com muitas pedras, um rebanho de muitas ovelhas, uma vinha com muitos galhos, e assim por diante. Como brasas de carvão, precisamos uns dos outros, se desejamos continuar queimando intensamente para a causa de Cristo. Não admiramos que o autor de Hebreus nos ordene jamais abandonar a adoração e a comunhão congregacional (Hb 10.25). Na verdade, devemos estar absortos em Cristo (Fp 1.21) e nas necessidades dos outros (Fp 2.1-4). Isto é exatamente o oposto do individualismo absorto no *eu* (1 Co 11.17-22).

A mentalidade que permite o domínio indiminuído de desejos pecaminosos não pode coexistir com a expectativa divina do serviço humilde na igreja. Servir é o oposto de consumir. Esta é a dificuldade no consumismo: aquele que age como rei no mercado acha desagradável se colocar como servo no ministério. Contudo, é exatamente para isso que Cristo nos chama: "Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos" (Mc 9.35).

O que Neutraliza o Consumismo Cristão?

A doutrina da igreja tem chegado a um ponto definitivamente baixo em nossa geração. Sua autoridade tem sido destruída quase que por completo, e suas expectativas, minimizadas, visto que os princípios bíblicos são ignorados. Além disso, alguns crentes — como os fundadores da relativamente nova *Igreja Emergente* — argumentam que o principal propósito da igreja é a glorificação do *eu*. Em oposição, a Palavra de Deus condena tal manifestação de consumismo cristão, ordenando que busquemos a estima de Deus, e não a auto-estima. Então, como podemos cultivar uma opinião correta a respeito de nós mesmos? Como podemos eliminar a atitude de consumismo cristão?

Primeiro, *comprometa-se com a introspecção bíblica*. A Escritura nos desafia a desconfiarmos de nossas inclinações e examinarmos a nós mesmos (2 Co 13.5), para que tenhamos uma visão bíblica de nós mesmos e de nossos pecados. Com a ajuda do Espírito Santo (Jo 4.23), crentes que têm vivido sob as ilusões de uma mentalidade consumista podem reconhecer o seu erro e se arrepender. Mas isto começa com o permitirmos que a Palavra de Deus penetre em nossa vida e nos convença de nossos erros (Hb 4.12).

Segundo, *desenraize o egoísmo de sua vida*. Transforme todas as perspectivas centralizadas no *eu* em propósitos focalizados em Deus. Visto que somos naturalmente egoístas e buscamos o benefício pessoal em todas as coisas, um Deus que está preocupado com *sua própria* glória, e não com o nosso benefício, pode parecer opressivo e cruel. Mas este não é o caso, pois jamais encontraremos satisfação verdadeira, se não a encontrarmos completamente nEle e em sua vontade. O nosso melhor se expressa quando adoramos o nosso grande Deus maravilhoso sem qualquer interesse de nosso *eu*.

Terceiro, *submeta-se alegremente às expectativas de Deus*. Reconheça que Ele faz exigências em sua vida. As expectativas dEle

estão estabelecidas em sua Palavra; devemos honrá-las e render-lhes obediência. Temos de lembrar que Cristo é nosso Salvador *e* Senhor (Rm 10.9-10). Como seus servos, precisamos aceitar o serviço para o qual Ele nos chama.

Quarto, *viva para adorar*. Uma vida de adoração sincera é o antídoto certo para o consumismo — porque, por definição, a adoração faz com que os nossos olhos se retirem de nós mesmos e direcionem-se aos céus. À medida que nos focalizarmos em Jesus Cristo (Cl 3.1-2), veremos a nossa vida ser consumida pelas paixões e desejos dEle, e não pelas nossas próprias preferências. É claro que isto é a antítese do consumismo. Assim como é impossível viajarmos para o leste e para o oeste ao mesmo tempo, assim também é impossível servirmos ao mesmo tempo tanto o *eu* como a Deus (Mt 6.24).

Conclusão

Nossa cultura cristã se tornou tão saturada com uma mentalidade consumista, que esta centralidade no *eu* não é mais percebida como um erro. O veneno do orgulho, aliado a um ponto de vista perigosamente inadequado a respeito de Deus e de sua igreja, convida os crentes do século XXI a promoverem a dignidade de seu próprio *eu*. O resultado é uma igreja cheia de crentes egotistas, pragmáticos e individualistas, que estão mais interessados em servir a si mesmos do que em servir a Deus. Mas a Bíblia nos chama a fazer o contrário — negarmos a nós mesmos (Mc 8.34).

Enquanto a idolatria do *eu* destrói a obra da igreja, Deus continua procurando verdadeiros adoradores para edificar sua igreja (Jo 4.24). Este capítulo é oferecido na esperança de que experimentemos, em nossos dias, uma inversão da "correnteza". Nossa oração é que a igreja desfrute de uma paixão renovada por servir a Deus, amá-Lo e fazer dEle o seu tudo. Antecipemos uma nova tendência de adoração que honra a Deus e coloca no devido lugar tanto a Ele como a nós (Ec 5.1-2). Ofereçamo-nos no altar da verdadeira adoração, deixando de lado as nossas preferências, por amor do reino e da glória de Deus (Rm 12.1-2).

PARTE QUATRO

Seguindo o Discernimento em sua Vida Diária

11

Campo de Batalha:

Teologia para Desenvolvermos Discernimento

Dan Dumas

Havendo explorado a necessidade de discernimento bíblico — aplicando-o a vários assuntos práticos — este capítulo assenta as bases que mostram como o crente pode desenvolver discernimento em sua própria vida. Em vez de sempre depender da opinião dos outros, todo crente deveria desenvolver a habilidade de pensar apropriadamente sobre questões espirituais. Assim como os bereanos, citados em Atos 17, os crentes devem ser conhecidos com aqueles que examinam as Escrituras, para ver o que é verdadeiro e o que é falso. Então, quais os assuntos essenciais que os crentes devem considerar, quando escolherem uma igreja, comprarem um livro ou sintonizarem uma rádio evangélica? Este capítulo aborda estas questões — focalizando os valores inegociáveis que todo crente deve considerar, quando estiver

avaliando um ministério cristão, determinada filosofia ou programa.

No dia 1 de julho de 1750, após vinte e três anos de ministério pastoral, o mais ilustre teólogo americano renunciou o pastorado de sua igreja. Mas, diferentemente do que poderíamos esperar em nossos dias, ele não renunciou por causa de um problema moral em sua vida. Também não o fez devido à pregação fraca ou a uma personalidade desagradável. A renúncia também não se deu por causa de questões financeiras ou projeto de construção.

Na verdade, suas razões eram doutrinárias. Aos quarenta e sete anos de idade, com oito filhos em casa, Jonathan Edwards sabia que abandonar o trabalho de toda a sua vida não seria fácil. Mas também sabia que a alternativa — endossar ativamente uma doutrina falsa — era inaceitável. Suas convicções o deixaram sem escolha.

A semente da controvérsia havia sido plantada setenta anos antes. Em 1677, Solomon Stoddard (avô de Edwards) introduziu a *Aliança do Meio-Caminho* (Halfway Covenant) em sua congregação, em Northampton, Massachusetts. De acordo com esta aliança, os congregantes bem comportados poderiam participar da Ceia do Senhor, ainda que não tivessem feito uma profissão de fé. Em outras palavras, eles poderiam desfrutar da Comunhão, embora não fossem salvos.

Em 1727, Edwards aceitou ser o co-pastor da igreja de Northampton, ao lado de seu avô. Ele se tornou o único pastor quando Stoddard morreu dois anos depois. À medida que os anos se passavam, Edwards ficava cada vez mais preocupado com a *Aliança do Meio-Caminho*, especialmente porque o número de congregantes não-salvos crescia muito mais que o número de crentes verdadeiros.

Por volta de 1748, Edwards sabia que não poderia mais permitir que os congregantes incrédulos continuassem participando daquilo que a Escritura reservava claramente para os crentes. Então, no início de 1750, ele decidiu pregar sermões, durante a semana, para discutir a Ceia do Senhor. Como esperava, reações negativas a essas pregações surgiram rapidamente.

No dia 2 de junho de 1750, o conselho da igreja votou pelo fim do

pastorado de Edwards em Northampton. A decisão do conselho foi confirmada pelo voto congregacional, que aprovou a demissão de Edwards com uma votação de 230 favoráveis e 23 contrários. Depois de quase vinte e cinco anos de serviço, este fiel ministro foi demitido oficialmente no dia 22 de junho de 1750. Ele pregou seu "Sermão de Despedida" em 1º de julho.

Por que Edwards se importou tanto com a questão da *Aliança do Meio-Caminho*? Certamente, ele poderia ter esquecido o assunto e desfrutado de muitos anos em sua amada igreja. Mas isso teria sido nada menos do que abrir mão de seus princípios. Edwards percebeu que o evangelho e a eternidade de seu povo estavam em perigo. Ele não podia continuar confundindo os incrédulos, fazendo com que se sentissem confortáveis e seguros, embora jamais tivessem aceitado pessoalmente a Cristo. Edwards sabia que eles precisavam se arrepender; e essa foi a razão por que se manteve firme. Ele percebia que isso era um campo de batalha no qual estaria disposto a morrer.

Sabendo Pelo Que Lutar

Ao refletir sobre as ações de Edwards, creio que pelo menos três doutrinas básicas o motivaram a se manter firme em suas convicções. A primeira foi sua apreciação pela doutrina da Bíblia. Dizendo-o em termos simples, Edwards tinha uma visão elevada da Palavra de Deus. Ele sabia que a Escritura ensina que a Comunhão é somente para os crentes (especificamente em 1 Coríntios 11). Ficar quieto, sem fazer nada, permitindo que a *Aliança do Meio-Caminho* continuasse, seria uma violação clara do padrão de Deus.

Em segundo lugar, Edwards tinha uma visão elevada da pessoa de Deus. Em sua perspectiva, obedecer a Deus era mais importante do que obedecer aos homens (At 5.29). Ele entendia que sua submissão ao Soberano do universo tinha prioridade sobre o seu *status* ministerial em Northampton. Como resultado, não foi difícil tomar a decisão de agradar a Deus, ainda que desagradasse ao próximo.

Em terceiro lugar, Edwards tinha uma visão elevada da salvação e do evangelho de Deus. Quando ele tranqüilizava a consciência dos congregantes incrédulos em sua igreja, reconheceu que estava obs-

curecendo a sua opinião sobre o evangelho. Percebeu o quão inaceitável era ignorar a falta de fé e de arrependimento dos congregantes, escolhendo, antes, recomendá-los por seu bom comportamento exterior. Finalmente, ele amava a pureza do evangelho mais do que sua posição na igreja.

São estes três elementos — uma visão elevada da Palavra de Deus, uma visão elevada do próprio Deus e uma visão elevada do evangelho — que, eu creio, constituem a estrutura bíblica para determinar os assuntos pelos quais os crentes têm de lutar. Como estas três categorias teológicas possuem importância primária, os crentes devem ser cuidadosos para avaliar, por meio destas três doutrinas, cada ministério e mensagem com que se deparam. A igreja que você freqüenta, os livros que compra, a maneira como reage aos sermões que ouve e as pessoas com quem se associa e ministra — cada uma dessas coisas deve ser avaliada com base nessas doutrinas. Tendo isso em mente, consideremos cada uma delas.

Uma Visão Elevada da Palavra de Deus

Se temos de desenvolver discernimento bíblico, precisamos começar com uma visão elevada das Escrituras. Afinal, somente elas constituem a revelação escrita de Deus para os homens. Sem as Escrituras, nada saberíamos sobre os desejos específicos de Deus para nós ou sobre o seu plano de salvação. Seríamos incapazes de agradar-Lhe, conhecê-Lo ou segui-Lo — estando destinados à ignorância espiritual, decadência e morte. Mas Deus, em sua misericórdia, revelou-se a Si mesmo em um livro que chamamos *Bíblia.*

Por esta razão, a Palavra de Deus para o crente deve ser como pão ao homem faminto (Mt 4.4) ou como água à corsa sedenta (Sl 42.1). Ao cumprir seus mandamentos, nos mantemos puros (Sl 119.9). Ao seguir sua orientação, recebemos luz para o nosso caminho (Sl 119.105). Ao meditar nela, encontramos bênçãos e alegria (Sl 1.1-2). E, ao sermos confrontados por ela, nossas vidas são transformadas e santificadas (Hb 4.12). Ela é nosso guia perfeito e nossa autoridade máxima (Sl 19.7-11) — porque é a própria Palavra de Deus. Observe como um escritor descreveu este livro magnífico:

Este livro contém a mente de Deus, o estado do homem, o caminho da salvação, a condenação dos pecadores e a felicidade dos crentes.

Sua doutrina é santa; seus preceitos, obrigatórios; suas histórias, verdadeiras; suas decisões, imutáveis. Leia-a para ser sábio, creia nela para ser salvo e pratique-a para ser santo.

Este livro contém luz para dirigi-lo, alimento para sustentá-lo e conforto para animá-lo. É o mapa do viajante, o cajado do peregrino, a bússola do piloto, a espada do soldado e o título de direito do crente. Ali, o céu está aberto, e as portas do inferno são manifestas.

Cristo é o grande assunto da Bíblia. O desígnio da Escritura é o nosso bem; e a sua finalidade, a glória de Deus. Ela deve encher nossa memória, reinar em nosso coração e guiar nossos pés.

Leia a Bíblia com calma e regularidade, em espírito de oração. Ela é uma mina de riquezas, saúde para a alma e um rio de prazeres. A Bíblia lhe foi dada nesta vida, será aberta no Dia do Juízo e está estabelecida para todo o sempre.

Ela envolve a mais elevada responsabilidade, recompensará o maior labor e condenará todos os que brincam com o seu conteúdo.[1]

Não admira que os bereanos tenham sido elogiados quando compararam os ensinos de Paulo com aquilo que as Escrituras diziam (At 17.11).

Igrejas, sermões, livros e artigos podem se intitular cristãos. Mas, se corrompem ou contradizem, de alguma maneira, a Palavra de Deus, você pode estar certo de que não possuem a aprovação dEle. Às vezes, estes erros se afastam daquilo que Deus ensina, como o Seminário Jesus (Jesus Seminar), que nega a autenticidade histórica de

---

[1] Citado por MacArthur, John. How we got the Bible. *The MacArthur Study Bible.* Nashville: Thomas Nelson, 1997, p. xviii.

grandes porções dos evangelhos. Outras vezes, estes erros tentam fazer acréscimos ao que Deus ensinou (seitas, por exemplo, que colocam o ensino de seus líderes no mesmo nível da Bíblia). Mas, em qualquer caso, a própria Escritura responde com forte condenação. Considere a última advertência de Cristo, no livro de Apocalipse 22.18-19 (o livro que encerra o cânon do Novo Testamento):

> *Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro* (22.18-19).

Sem dúvida, manter uma visão elevada da Escritura é um campo pelo qual todo crente deve estar disposto a lutar. Se a Palavra de Deus for corrompida de tal modo que o próprio Deus não tenha mais a palavra final, a porta está aberta para todos os tipos de erro. Uma visão elevada das Escrituras é absolutamente indispensável ao discernimento cristão; e esta visão elevada precisa sustentar, pelo menos, três elementos.

A autenticidade das Escrituras.

Em primeiro lugar, uma visão adequada da Escritura necessita de compreensão e reconhecimento completos da autenticidade da Bíblia — ou seja, a Bíblia é verdadeiramente a Palavra inspirada de Deus. A Escritura faz esta reivindicação sobre si mesma em diversas passagens (1 Ts 2.13; 2 Pe 1.20-21; 1 Jo 5.10). De fato, somente no Antigo Testamento, o texto bíblico reivindica ser a própria palavra de Deus mais de 3.800 vezes. Não admiremos, portanto, que, ao chegarmos ao Novo Testamento, o apóstolo Paulo tenha dito confiantemente: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3.16-17).

No entanto, apesar das afirmações claras das Escrituras, o cristianismo contemporâneo está carregado de ataques sobre a inspiração e a autenticidade da Bíblia. Alguns afirmam que apenas certas partes da Bíblia são inspiradas. Outros sugerem que "inspiração" não se refere necessariamente à autoridade divina, e sim a uma realização do intelecto humano (similar à "inspiração" emocional que envolve uma impetuosa canção de amor). Mas estas são tentativas realmente fúteis de negar que o próprio Deus está por trás de cada uma das palavras tanto do Antigo como do Novo Testamento (Mt 5.18; 24.35). É neste ponto fundamental que muitos dos supostos cristãos condenam-se a uma vida de confusão perpétua — sentenciados a revolverem-se no lamaçal de doutrinas criadas por homens, simplesmente porque rejeitaram a verdadeira fonte de sabedoria divina. A verdadeira sabedoria começa com a Palavra do Senhor: "Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento" (Pv 2.6). Então, a menos que reconheçamos que a Bíblia é verdadeiramente a Palavra dEle, destruímos todas as possibilidades de aprendermos discernimento.

A exatidão da Escritura.

Em segundo lugar, uma visão elevada da Escritura precisa aceitar a sua exatidão e inerrância. Afinal de contas, se a Bíblia é a Palavra inspirada por Deus em toda a sua extensão (o que significa dizer que Ele é o autor), ela também deve ser fiel em toda a sua extensão (incluindo as passagens relativas à ciência e à história), porque Ele é o Deus da verdade (Tt 1.2; Hb 6.17-18). Assim, as Escrituras são completamente confiáveis porque vieram de um Deus em quem podemos confiar plenamente.

Isto significa que devemos crer em Gênesis quando este afirma que o mundo foi criado em sete dias. Significa que Adão deve ser aceito como um ser humano real, que o Dilúvio foi um evento global, que Sodoma e Gomorra foram literalmente destruídas por fogo dos céus e que Jonas permaneceu, de fato, na barriga de um peixe por três dias. Até Cristo e os apóstolos refletiram esta mesma atitude para com o Antigo Testamento, quando se referiram a Adão (Rm

5.14), a Noé (Mt 24.37-38), aos habitantes de Sodoma e Gomorra (Mt 10.15) e a Jonas (Mt 12.40) como personagens históricos. Não basta alguém aceitar a Escritura como verdadeira nos assuntos de fé e prática, enquanto, por outro lado, nega sua veracidade nas questões de história e ciência. Se o Deus da verdade falou (não importa sobre que assunto), Ele falou com veracidade.

Com muita freqüência, os crentes aceitam falsos ensinos porque confiam nas últimas teorias científicas ou literárias sobre a própria Palavra de Deus. Ao fazerem isso, os crentes renunciam sua habilidade de discernir o erro da verdade. Por quê? A razão é simples: porque abandonam a verdade, sem a qual não têm mais padrão para separar o que é errado do que é certo.

A autoridade da Escritura.

Uma visão elevada da Escritura também demanda submissão à sua autoridade absoluta. Visto que a Bíblia veio do próprio Deus e reflete sua fidelidade perfeita, ela também carrega sua autoridade como a palavra final sobre nossos pensamentos, palavras e ações. Se nos submetemos a Ele, devemos também nos submeter à sua Palavra, mediante o poder de seu Espírito (Jo 14.15).

Sem dúvida, Deus tem de ser nossa autoridade final em discernirmos a verdade do erro. Essa é razão por que Ele nos deu a sua Palavra — para sabermos o que Ele pensa sobre qualquer assunto e, deste modo, conhecermos a verdade (Jo 17.17). 2 Pedro 1.2-3 indica que o conhecimento dado por Deus, nas Escrituras, inclui tudo o que precisamos para a vida e a piedade. Isto significa que não precisamos complementar a Bíblia com filosofias humanas (como o fazem os psicólogos cristãos). Também não precisamos de princípios de administração para aprendermos sobre o crescimento bem-sucedido de igreja (como os ministérios focalizados em marketing querem nos fazer pensar). Deus nos deu sua palavra oficial sobre todas estas questões — e ela vem completa, com tudo que precisamos para viver uma vida cristã bem-sucedida.

Então, o que tudo isto significa para aqueles que desejam discernimento? Significa que os crentes devem parar de aprovar ou entreter

qualquer ensino que corrompa, redefina ou rejeite o ensino claro da Escritura. Significa também que a Bíblia é o primeiro lugar ao qual você deve ir, se deseja ter um coração sábio (Pv 1.1-7).

Uma Visão Elevada de Deus

Outro componente essencial no desenvolvimento de uma estrutura para o discernimento bíblico é uma visão elevada do próprio Deus. É claro que, para ser correta, esta visão precisa derivar da revelação que Ele nos deu sobre Si mesmo. Temos de confiar em sua Palavra, para instruir nosso entendimento a respeito de quem Ele é.

Em toda a história da igreja, a doutrina de Deus (bem como a doutrina de Cristo e a do Espírito Santo) tem enfrentado muitos ataques. Questões sobre a Trindade, os atributos divinos, a deidade de Cristo e a natureza pessoal do Espírito Santo foram o tema de, pelo menos, um concílio da igreja. Mais recentemente, questões sobre a soberania de Deus e os dons do Espírito Santo têm gerado controvérsia. Todavia, em cada uma dessas áreas, à medida que os crentes atravessam a confusão de retórica teológica, apenas um ponto de vista biblicamente informado a respeito de Deus permitirá que tenham o pensamento correto.

Uma visão bíblica do Soberano.

A grandeza de Deus emerge rapidamente das páginas da Escritura como uma de suas principais características. Ela é vista no primeiro versículo da Bíblia — seu poder criativo e sua preexistência eterna. Continua em Gênesis 3 com o seu julgamento sobre a raça humana, um julgamento que culmina em Gênesis 6–8, com o Dilúvio. No Sinai, o monte treme porque Deus está ali. E Moisés, depois de pedir para ver o Senhor, recebe apenas um breve relance — e quase não sobrevive à experiência.

Em Salmos 115.3, aprendemos que "no céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada". Em Isaías 40.18, o Senhor pergunta retoricamente: "Com quem compararei a Deus?" Mas a resposta para esta pergunta deixa Jó emudecido (Jó 40.4-5), e o pensamento

da transcendência de Deus leva Nabucodonosor a decretar:

> *Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar o seu corpo, a servirem e adorarem a qualquer outro deus, senão ao seu Deus. Portanto, faço um decreto pelo qual todo povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas em monturo; porque não há outro deus que possa livrar como este (Dn 3.28-29).*

A despeito do majestoso auto-retrato de Deus, hoje muitos crentes tentam minimizar sua grandeza e sua glória. Em alguns círculos, seu poder soberano é negado (como no Teísmo Aberto). Em outros círculos, parece que Satanás e os demônios são mais temidos que o próprio Deus (como em alguns contextos carismáticos). Mas o Senhor, a quem servimos, não é como nós. Ele fez o sol, a lua e as estrelas (Sl 8.3). Não temos liberdade de moldá-Lo à nossa imagem.

Ao discernir a verdade do erro, precisamos perguntar a nós mesmos: "Algum ensino em particular retrata com exatidão o Deus da Bíblia? Este ensino representa corretamente o seu caráter, essência e ser?" Recuse aceitar qualquer ensino cuja resposta não seja "Sim".

Uma visão bíblica do Salvador.

A grandeza e a majestade de Deus são vistas não somente no seu poder soberano, mas também em sua misericórdia e graça. Na verdade, por causa do seu grande amor, o Pai enviou seu Filho para morrer por nossos pecados (Jo 3.16).

Como Deus em carne humana (Jo 1.1,14; Tt 2.13; Hb 1.8; 1 Jo 5.20), Jesus Cristo viveu uma vida perfeita antes de sacrificar-se a Si mesmo na cruz. Como o cordeiro sem mácula (1 Pe 1.19) e o sacrifício definitivo (Hb 10.12), Ele não somente pagou o preço por nossos pecados, como também nos vestiu com sua justiça (2 Co 5.21). Como Senhor ressurreto (1 Co 15.1-8), Ele se assenta entronizado à direita

de Deus Pai (At 7.56), esperando o dia em que retornará a terra para estabelecer seu reino (2 Ts 1.7-10; Ap 20.1-6). Nesse ínterim, todos os que confiam nEle como seu Salvador e decidem segui-Lo como Senhor serão salvos (Rm 10.9-10).

Apesar das evidências bíblicas, falsos mestres promovem constante confusão sobre quem Jesus Cristo realmente é. Muitos negam abertamente a sua deidade (como as Testemunhas de Jeová, que negam toda a Trindade). Outros são mais sutis, concordando que os verdadeiros cristãos precisam aceitar Jesus como Salvador, mas não necessariamente como Senhor. Alguns até sugerem que a ressurreição nunca ocorreu ou que o verdadeiro Cristo tem sido mal representado pela igreja. Mas, quando comparadas com o testemunho claro da Escritura, todas estas acusações desaparecem completamente. Por essa razão, uma visão bíblica do Salvador é sobremodo importante para aqueles que buscam discernimento.

Uma visão bíblica do Espírito.

Uma visão apropriada de Deus Pai e Deus Filho não estaria completa se não incluísse uma visão adequada de Deus Espírito Santo. Antes de subir aos céus, Jesus prometeu que enviaria um Consolador, o Espírito Santo, para guiar os crentes durante toda a era da igreja (Jo 14.26) — esta promessa se cumpriu no Dia de Pentecostes (At 2.2-8).

A Bíblia distingue, com clareza, o Espírito como uma Pessoa separada (Jo 14.26; Rm 8.11, 16, 26; 1 Jo 5.7), igual ao Pai e ao Filho (Mt 28.19; 2 Co 3.16-18; 13.14; Ef 4.4-6). Ele tem o ministério de ensino (Jo 14.26; Lc 12.12), intercessão (Rm 8.26), direcionamento (Mt 4.1), vivificação (Jo 6.63), enchimento (Ef 5.18) e santificação (Gl 5.16-22). À medida que os crentes estudam a Palavra de Deus, o Espírito os auxilia nesse processo (Jo 14.26; 16.13; 1 Co 2.14). De fato, Efésios 6:17 nos diz que "a espada do Espírito", a arma que Ele usa para nos ajudar a afastar o engano, é a Palavra de Deus. Não admira que ser cheio do Espírito (Ef 5.18) é correspondente a deixar que "habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo" (Cl 3.16).

A confusão existente sobre a doutrina do Espírito Santo é quase

tão antiga como a própria igreja. Na verdade, em Atos 8 um homem chamado Simão supôs incorretamente que poderia comprar o poder do Espírito Santo. No decurso dos séculos, várias seitas — como as Testemunhas de Jeová — têm simplesmente negado a personalidade ou a deidade do Espírito, preferindo vê-Lo como uma força impessoal. E, durante os últimos cem anos, o debate tem sido a respeito de como os dons espirituais devem operar na igreja. Não precisamos dizer que as práticas antibíblicas de alguns grupos carismáticos (como desmaiar no Espírito, rir no Espírito, latir no Espírito e assim por diante) somente têm aumentado a confusão.

Mas o crente que possui discernimento não é afetado espiritualmente por modas heréticas como estas. Ele é como uma árvore plantada firmemente (Sl 1.3), porque sua visão de Deus (incluindo o Pai, o Filho e o Espírito) está fundamentada nas verdades da Escritura. Ao deixar que o auto-retrato de Deus informe o seu próprio pensamento, o crente de discernimento pode comparar aquilo que ele ouve com o que sabe ser verdadeiro. Em outras palavras, ele se recusa a trocar uma visão elevada de Deus (biblicamente correta) por qualquer substituto barato.

Uma Visão Elevada do Evangelho

O discernimento bíblico exige um terceiro componente teológico — ou seja, um entendimento correto do evangelho. Edificando sobre as duas categorias anteriores, o evangelho nos responde a pergunta: "O que alguém deve fazer para ser salvo?" Esta é, de fato, a pergunta mais importante que os seres humanos podem fazer, pois a sua resposta determina tanto as nossas escolhas presentes quanto nosso destino eterno.

Infelizmente, muitos crentes diminuem a importância de aspectos fundamentais da mensagem do evangelho (como o senhorio de Cristo, discutido antes). O resultado é que falsas profissões de fé se tornam abundantes na igreja contemporânea, onde crer é redefinido como uma simples aceitação, e o arrependimento é completamente omitido. Mas os crentes de discernimento não são impressionados por apresentações adulteradas do evangelho; tampouco são enganados

pelas falsas promessas dos pregadores da teologia da prosperidade. Em vez disso, possuem uma compreensão clara do evangelho, estando sempre preparados para dar a razão da esperança que há neles (1 Pe 3.15).

Uma visão correta do pecado.

As boas-novas da Escritura começam com uma má notícia — todos os homens são pecadores diante de um Deus santo (Rm 3.23), incapazes de salvarem a si mesmos (Is 64.6) e, portanto, dignos de condenação (Rm 6.23). Devido ao fato de que Adão e Eva quebraram a lei de Deus (Gn 3.6-7) e de que todos os seus descendentes (exceto Jesus Cristo) também a quebraram (Tg 2.10), os seres humanos merecem ser punidos. Como um Juiz perfeito, o julgamento de Deus para o pecado é a morte — tanto física (Gn 3.3) quanto espiritual (Rm 5.12-19). A Escritura ensina que homens e mulheres são pecadores não apenas por suas ações (1 Jo 1.8, 10), mas também por herdarem uma natureza pecaminosa de Adão e Eva (Sl 51.5; Rm 5.12-19).

À luz da ênfase evidente da Escritura a respeito do pecado, é desalentador ver alguns crentes contemporâneos removerem deliberadamente a ênfase deste assunto. Em vez de se dirigirem à verdadeira necessidade do homem (ser perdoado), muitos evangelistas modernos focalizam as necessidades sentidas de seu público. No final, Deus é mal representado como um avô amoroso, em vez de um Juiz santo, de modo que os ouvintes recebem falsas expectativas sobre a vida maravilhosa que Jesus planejou para eles. Qualquer novo "convertido" passa o resto de sua vida cristã tentando suprir suas próprias necessidades e nunca lida realmente com o pecado em sua vida — escolhendo ignorá-lo ou redefini-lo como "erros honestos" ou "feridas não saradas". Em contraste, o crente de discernimento conhece bem sua própria pecaminosidade, clamando pela misericórdia de Deus e lutando diariamente contra a carne (Rm 7.13-8.4).

Uma visão correta de si mesmo.

Se você possui uma visão bíblica de seu pecado, terá natural-

mente uma visão correta de si mesmo. Assim como Isaías, que clamou: "Ai de mim!" (Is 6.5), ou o publicano que suplicou: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13), aqueles que reconhecem sua pecaminosidade diante de um Deus santo percebem imediatamente quão profunda é a sua miséria e insignificância. Com isto em mente, o apóstolo Paulo exortou seus leitores a não pensarem de si mesmos além do que convinha (Rm 12.3). Em vez disso, seguindo o exemplo de Cristo, deveriam tratar os outros "com humildade", colocando os interesses do próximo acima dos seus próprios (Fp 2.3-4). Sucessos e realizações do passado são considerados indignos, se comparados com o serviço e o conhecimento do Salvador (Fp 3.7-8).

Para o crente, a auto-estima é substituída pela negação de si mesmo. Afinal de contas, fomos "crucificados com Cristo"; isso significa que não mais vivemos e que Cristo vive em nós (Gl 2.19-20). O próprio Senhor nos instrui dizendo: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á" (Mc 8.34-35). Fica claro, portanto, que esta atitude de negar a si mesmo está intimamente ligada ao evangelho, uma vez que nada podemos fazer para e por nós mesmos, a fim de obtermos a salvação (Ef 2.8-9). Ao aceitarmos a obra de Cristo em nosso favor, abandonamos toda forma de auto-suficiência, preferindo antes agradecer ao Senhor por nos ter escolhido — os fracos, os loucos, os desprezados (1 Co 1.26-29).

Em uma época em que a auto-estima e a autopromoção prevalecem, não nos surpreende o fato de encontrarmos muitos na igreja que têm abraçado seu valor próprio. Este problema é constituído pela falta de ênfase sobre o pecado e leva muitos congregantes a superestimarem sua própria bondade. A santidade de Deus também é negligenciada, resultando em crentes que têm uma visão elevada de si mesmos e uma visão muito baixa de seu Criador. As mensagens que escutam e os livros que lêem são avaliados por seus próprios padrões humanos — em termos de necessidades sentidas e de programas inovadores. Uma vez que sua reverência para com Deus é reduzida, eles não O buscam para obterem sua aprovação. E, como resultado, falham em cultivar o verdadeiro discernimento em suas vidas.

Uma visão correta da salvação.

Subestimando o pecado e superestimando a si mesmos, esses mesmos crentes falham em entender corretamente a salvação. Em alguns casos, eles começam a ver a salvação como nada mais do que um seguro celestial contra incêndio (um tipo de cartão "Saia do Inferno de Graça") — como se Deus fosse obrigado a salvá-los sem nenhum arrependimento da parte deles. Outros confundiram a graça, incluindo seitas como o catolicismo romano, no qual a justiça das obras é adicionada ao dom gratuito de Deus. Conceitos fundamentais, como justificação e imputação (Cristo tira o nosso pecado, e nós recebemos sua justiça) são mal compreendidos e redefinidos (como na Nova Perspectiva sobre Paulo). Alguns, como os adventistas, afirmam que a expiação de Cristo na cruz não foi sua obra expiatória final — a despeito de passagens como Hebreus 7.27 e 1 Pedro 3.18.

Então, qual é o plano bíblico para a salvação do pecado? O apóstolo Paulo responde, de modo sucinto, a esta pergunta em Romanos 10.9-10, quando diz: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação". Em 1 Coríntios 15.1-4, ele reitera essas verdades:

> *Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.*

Deste modo, a chamada da salvação é uma chamada para crer no sacrifício definitivo de Jesus Cristo na cruz e submeter-se publicamente ("confessares") a Ele como Senhor (arrependendo-se dos pecados). Evidentemente, este é um dom da graça, e não dos esforços ou méritos humanos (Ef 2.8-10). Também envolve outras verdades

teológicas – regeneração (Jo 3.3-7; Tt 3.5), eleição (Rm 8.28-30; Ef 1.4-11; 2 Ts 2.13), santificação (At 20.32; 1 Co 1.2, 30; 6.11; Hb 10.10, 14) e segurança eterna (Jo 5.24; 6.37-40; 10.27-30; Rm 5.9-10; 8.31-39). Mas o cerne do evangelho é este: ao morrer na cruz, Jesus tomou sobre si a pena de todos os que crêem nEle. E, ao confiar nEle, o crente é visto como justo (ou justificado) aos olhos de Deus.

Pensar corretamente sobre o evangelho é algo que Deus leva muito a sério. De fato, a Escritura condena severamente aqueles que pregam outro evangelho, como os falsos mestres (Gl 1.8). Os crentes fariam bem ao se armarem com o verdadeiro evangelho – que mantém uma visão bíblica do pecado, do homem e da salvação. Somente assim poderemos cumprir a Grande Comissão que nos foi designada (Mt 28.18-20), bem como seremos capazes de discernir entre a mensagem da vida e qualquer imitação. Falsos evangelhos não podem ser tolerados, porque é a eternidade que está em jogo.

Batalhas de Vida ou Morte e Debates Secundários

Há outros campos pelos quais os verdadeiros cristãos devem lutar? Talvez haja; isso depende das circunstâncias e das pessoas envolvidas. Questões sobre o fim dos tempos, sobre a igreja e outras áreas da teologia são importantes. Então, por que nos focalizamos na Bíblia, em Deus e no evangelho? A resposta é apenas esta: o Novo Testamento mostra que um entendimento correto dessas três doutrinas é absolutamente essencial.

Por exemplo, Pedro as discute nos dois primeiros versículos de sua segunda epístola — uma epístola constituída, em sua maior parte, de refutação a falsos ensinos. Pedro começou com uma visão correta da salvação (fé pela justiça de Jesus Cristo). Passou rapidamente a uma visão correta de Jesus Cristo (como "nosso Deus e Salvador" e "nosso Senhor"). E mencionou uma visão correta das Escrituras (o "conhecimento de Deus"), um assunto que ele desenvolveu no resto do capítulo 1. Outros escritores do Novo Testamento concordam com ele, respondendo, com as mais severas críticas (Mt 24.24; 2 Pe 2.1-22; Jd 4-19), aos falsos evangelhos (Gl 1.6-7; 2 Co 11.4) e aos falsos

cristos (1 Jo 2.22; 2 Jo 7), bem como ao uso distorcido das Escrituras (2 Pe 3.16). Cristo e os apóstolos tomaram uma posição firme sobre estes assuntos; devemos ter o cuidado de fazer o mesmo.

Também devemos observar aqueles assuntos que a Escritura não lista como campos pelos quais devemos lutar. Assuntos relacionados à preferência, como a duração do sermão, o estilo da música usada no culto congregacional, o programa de construção da igreja e outras queixas, não devem se tornar questões que recusamos abordar. Embora vivamos em dias em que todos exigem seus direitos, opiniões e escolhas pessoais, nosso testemunho como crentes deve ser diferente, buscando dar preferência aos nossos irmãos e irmãs em Cristo (Fp 2.1-4).

Conclusão

No que concerne a desenvolvermos discernimento, não podemos negligenciar a importância de uma peneira teológica mediante a qual toda mensagem é filtrada. Sem a sã doutrina, você não conseguirá proteger seu próprio coração dos muitos erros doutrinários existentes em nossos dias. Mas, por examinar a Escritura (como sua autoridade máxima) em busca de uma visão correta de Deus e do evangelho, você pode proteger sua mente — "Anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.4-5).

Jonathan Edwards é um excelente exemplo de como a boa teologia nos permite discernir entre o certo e o errado. Ele conhecia o ensino claro da Escritura, honrava a santidade de seu Senhor e temia endossar um falso evangelho, por isso tomou uma posição em favor da verdade. Sim, isso custou-lhe o ministério, o salário e provavelmente alguns amigos. Mas ele estava convencido de que a fidelidade a Deus era mais importante. Isto é verdade para nós hoje, à medida que permitimos a verdade de Deus determinar os assuntos pelos quais temos de lutar e morrer.

12

Guardando a Fé:

Um Plano Prático Para o Discernimento Pessoal[1]

John MacArthur

Este livro começou com uma chamada ao discernimento bíblico. Em harmonia com esse tema, este capítulo detalha um plano prático para cultivarmos o discernimento pessoal na vida cristã. A importância do discernimento pessoal não poderia ser exagerada, pois aqueles que são incapazes de distinguir entre o certo e o errado provavelmente acabarão incorrendo em erro grave. Os crentes precisam se dar conta de que este erro se apresenta em muitas formas e geralmente parece bom à primeira vista

---

[1] Este capítulo é uma adaptação de um capítulo de *Reckless Faith.* Wheaton, IL: Crossway Books, 1994.

– é por isso que ele é chamado de engano. No entanto, Deus outorgou a seus filhos tudo quanto precisam para julgar todas as coisas, reter o que é bom e abster-se de toda forma de mal (1 Ts 5.21-22). Deste modo, podemos ter a certeza de que aqueles que aprendem a pensar biblicamente estão adequadamente equipados "para evitar os laços da morte" (Pv 14.27). Ao perguntar: "Como podemos fazer isto?" — e ao examinar a Palavra de Deus em busca da resposta — este capítulo nos ajudará a reconhecer e rejeitar o ouro de tolo.

Em 1997, quando Aben Johnson vendeu seu canal de TV, sediado em Detroit, ele começou a investir maciçamente em pedras preciosas. Embora viesse se introduzindo no negócio de diamantes desde 1988, agora ele tinha o capital necessário para comprar as pedras mais raras que o dinheiro lhe permitisse. Gastou três milhões de dólares num diamante azul, chamado Streeter Diamond, que Sam Walton (o fundador do Wal-Mart) havia ganhado em uma partida de pôquer de um homem chamado Streeter. Johnson gastou 2,7 milhões de dólares em uma coleção de diamantes chamada Russian Blues. Outros 17 milhões foram investidos na coleção de Sylvia Walton — um conjunto de diamantes que pertencera à filha de Sam Walton. No total, Johnson investiu em torno de oitenta e três milhões de dólares nas gemas valiosas.

Mas Johnson não percebeu que esses diamantes de nomes famosos, que ele pensou serem inestimáveis, não valiam realmente quase nada. Nem eram diamantes. Na verdade, as pedras eram zircônia cúbica, topázio azul, citrina e outras pedras baratas. E, para piorar ainda mais a história, Sam Walton nunca teve uma filha chamada Sylvia.

Quando Johnson descobriu que havia sido trapaceado por seu joalheiro (Jack Hasson), da Flórida, ele o processou. Um ano depois, em 1999, o FBI prendeu Hasson por fraude. Em 2000, ele foi julgado, condenado a quarenta anos de prisão e a pagar mais de 78 milhões de dólares como restituição.

Apesar de todos os seus esforços legais, Johnson jamais será capaz de recuperar completamente seus 83 milhões de dólares. Se,

pelo menos, ele tivesse usado um pouco de discernimento, antes de gastar seus milhões! Alguns testes simples aplicados às pedras por um gemólogo ou especialista teriam poupado a Johnson uma boa quantia de dinheiro e dor de cabeça.

Um dos testes utiliza um medidor de condutividade termal, e o outro, um microscópio comum. Esses testes de autenticidade parecem valer a pena quando milhões de dólares estão em jogo. Contudo, assim como Aben Johnson, os crentes caem muitas vezes nesse tipo de armadilha. E temos em jogo algo infinitamente mais valioso do que os diamantes — a glória de Deus.

Felizmente, pela graça de Deus, temos um padrão por meio do qual podemos testar a autenticidade de qualquer mensagem religiosa. Por isso, quando somos bombardeados com fraudes doutrinárias e falsificações espirituais, não precisamos desesperar. Deus não nos deixou sem defesa. Ao nos armar com sua Palavra, Ele nos deu tudo que precisamos para a "vida e a piedade" (2 Pe 1.3).

Tendências, Tradições e a Suficiência das Escrituras

A cada dia, nossa confiança nas Escrituras se torna mais e mais crucial, visto que novas heresias são introduzidas na igreja, e antigas heresias voltam à tona. Por um lado, filosofias e programas "novos e aperfeiçoados" tentam nos seduzir com seu canto de sereia. Quer sejam novos métodos de evangelismo ou novas formas de encher um auditório, essas tendências inovadoras sempre parecem fornecer a solução perfeita para as necessidades atuais da igreja. Mas essas novas "soluções", baseadas principalmente na sabedoria secular e norteadas por qualquer coisa que pareça funcionar, não resolvem nada. Ao sugerir que os métodos "antigos e originais" do Novo Testamento deixaram de ser bons para os nossos dias, essas tendências teológicas se revelam como nada mais do que filosofias mundanas em uma roupagem religiosa.

Por outro lado, as tradições teológicas (algumas com séculos de idade) também disputam nossa atenção. Muitas dessas tradições são boas, e muitas outras não. Elas têm sido estabelecidas para atender a

quase todos os aspectos do pensamento cristão, desde métodos de governo da igreja até filosofias de interpretação bíblica. Ao contrário de seus correlativos "novos e aperfeiçoados", estes sistemas históricos recorrem à sua notável herança como forma de mostrar credibilidade. Entretanto, quando estes legados teológicos começam a substituir os ensinos claros das Escrituras (como tem acontecido, por exemplo, com a Igreja Católica Romana), os resultados são desastrosos.

Então, como os crentes podem discernir entre tendências, tradições e a verdade? Como vimos no Capítulo 1, a resposta para esta pergunta começa nas Escrituras. Deus nos entregou sua Palavra para avaliarmos toda mensagem espiritual que recebemos, discriminando entre o certo e o errado. Em 2 Timóteo 3.16-17, o apóstolo Paulo afirmou isso, com as seguintes palavras:

> *Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.*

Você deseja estar preparado para *toda* boa obra? Deseja ser capaz de ensinar a verdade e corrigir o erro? Se a sua resposta é sim, você precisa se tornar um estudante das Escrituras – confiando que a Palavra de Deus é o guia suficiente para qualquer problema que encontrar. A confusão do pensamento religioso moderno não é páreo para a Espada do Espírito, que é "apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12).

Um Plano Prático para Desenvolver o Discernimento

Então, falando de modo prático, como os crentes podem começar a aplicar o discernimento bíblico ao cotidiano de suas vidas? Nos capítulos anteriores, você observou vários exemplos de teologia pobre e a confusão que ela pode causar. Então, como você pode se preparar para a batalha? Como pode ter a certeza de que está guardando a verdade da Palavra de Deus, de modo a ser capaz de transmiti-la

fielmente à próxima geração? Creio que a Escritura esboça o seguinte plano para seguirmos.

Deseje Sabedoria

O primeiro passo é *desejo*. Provérbios 2.3-6 diz: "Se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento".

Se não temos qualquer desejo por discernimento, não o teremos. Se formos guiados por um desejo de felicidade, saúde, riquezas, prosperidade, conforto e auto-satisfação, jamais seremos um povo de discernimento. Se nossos sentimentos determinarem aquilo que cremos, jamais teremos discernimento. Se subjugarmos nossa mente a alguma autoridade eclesiástica terrena e acreditarmos cegamente no que ela nos diz, estaremos corrompendo o nosso discernimento. A menos que estejamos dispostos a examinar cuidadosamente todas as coisas, não podemos ter qualquer esperança de defesa contra uma fé negligente.

O desejo por discernimento é um desejo que nasce na humildade. É a humildade que reconhece nosso potencial para o auto-engano ("Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" — Jr 17.9). É a humildade que suspeita dos nossos sentimentos e despreza a auto-suficiência ("De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas" — 2 Co 12.5). É a humildade que se volta à Palavra de Deus como o juiz máximo de todas as coisas ("Examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim" — At 17.11).

Ninguém possui o monopólio da verdade. Eu certamente não tenho. Não tenho respostas confiáveis dentro de mim mesmo. Meu coração é tão suscetível ao engano como o de qualquer pessoa. Meus sentimentos são tão indignos de confiança como os de qualquer outro. Não estou imune ao engano de Satanás. Isto é verdade para

todos nós. Nossa única defesa contra a falsa doutrina é ter discernimento, desconfiar de nossas próprias emoções, suspeitar de nossos sentimentos, examinar todas as coisas, testar todas as supostas verdades com o padrão da Escritura e manejar a Palavra de Deus com muito cuidado.

O desejo por discernimento requer uma visão elevada da Escritura, ao lado de um entusiasmo por compreendê-la corretamente. Deus requer essa atitude (2 Tm 2.15). Então, o coração que O ama de verdade arderá naturalmente com uma paixão por discernimento.

Ore por Discernimento

O segundo passo é *oração*. É claro que a oração segue o desejo; ela é a expressão do desejo do coração para com Deus.

Quando Salomão se tornou rei, após a morte de Davi, o Senhor lhe apareceu em sonho e disse: "Pede-me o que queres que eu te dê" (1 Rs 3.5). Salomão poderia ter pedido qualquer coisa. Poderia ter pedido riquezas materiais, poder, vitória sobre seus inimigos ou qualquer outra coisa que desejasse. Mas Salomão pediu discernimento: "Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal" (v. 9). A Escritura diz que "estas palavras agradaram ao Senhor, por haver Salomão pedido tal coisa" (v. 10).

Além disso, o Senhor falou a Salomão:

> *Já que pediste esta coisa e não pediste longevidade, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos; mas pediste entendimento, para discernires o que é justo; eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá. Também até o que me não pediste eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias. Se andares nos meus caminhos e guardares os meus estatutos e os meus mandamentos, como andou Davi, teu pai, prolongarei os teus dias* (vs. 11-14).

Observe que Deus elogiou Salomão porque seu pedido fora completamente *altruísta*: "Porquanto pediste esta coisa e não pediste para ti..." (ARC). O egoísmo é incompatível com o verdadeiro discernimento. As pessoas que desejarem discernimento precisam renunciar a si mesmas.

O evangelicalismo moderno, apaixonado pela psicologia e a auto-estima, tem produzido uma geração de crentes tão egotistas, que simplesmente *não conseguem* ter discernimento. As pessoas nem mesmo estão interessadas em ter discernimento. Todo o seu interesse nas coisas espirituais está centralizado nelas mesmas. Estão interessadas somente no suprimento de suas próprias necessidades.

Salomão não foi assim. Embora tivesse a oportunidade de pedir longevidade, prosperidade pessoal, saúde e riquezas, ele deixou todas essas coisas de lado e pediu discernimento. Por isso, Deus também lhe deu riquezas, honra e longevidade, enquanto Salomão andou nos caminhos do Senhor.

Tiago 1.5 promete que Deus responderá generosamente à oração por discernimento: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida".

Obedeça à Verdade

Alguém poderia dizer que, apesar de toda a sua abundância de sabedoria, Salomão teve um fracasso sombrio no final de sua vida (1 Rs 11.4-11). "Seu coração não era de todo fiel para com o SENHOR, seu Deus, como fora o de Davi, seu pai" (v. 4). A Escritura registra este momento triste na vida do homem mais sábio que já existiu:

> *Ora, além da filha de Faraó, amou Salomão muitas mulheres estrangeiras: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, mulheres das nações de que havia o SENHOR dito aos filhos de Israel: Não caseis com elas, nem casem elas convosco, pois vos perverteriam o coração, para seguirdes os seus deuses. A estas se apegou Salomão pelo amor. Tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe per-*

verteram o coração. Sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era de todo fiel para com o SENHOR, *seu Deus, como fora o de Davi, seu pai. Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas. Assim fez Salomão o que era mau perante o* SENHOR *e não perseverou em seguir ao* SENHOR, *como Davi, seu pai. Nesse tempo, edificou Salomão um santuário a Quemos, abominação de Moabe, sobre o monte fronteiro a Jerusalém, e a Moloque, abominação dos filhos de Amom. Assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses. Pelo que o* SENHOR *se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do* SENHOR, *Deus de Israel, que duas vezes lhe aparecera* (vv. 1-9).

Mas Salomão não caiu subitamente no final de sua vida. As sementes de sua ruína foram plantadas no início. 1 Reis 3, o mesmo capítulo que registra o seu pedido de discernimento, também revela que "Salomão aparentou-se com Faraó, rei do Egito, pois tomou por mulher a filha de Faraó" (v. 1). O versículo 3 nos conta que, "Salomão amava ao SENHOR, andando nos preceitos de Davi, seu pai; porém sacrificava ainda nos altos e queimava incenso".

Desde o início, a obediência de Salomão era deficiente. Com sua sabedoria, ele sabia certamente que estava errado, mas tolerou o erro e a idolatria no meio do povo de Deus (v. 2) — e até participou da idolatria!

O discernimento não é o bastante sem a *obediência*. De que adianta conhecermos a verdade, se falhamos em agir de acordo com ela? Essa foi a razão por que Tiago escreveu: "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos" (Tg 1.22). Falhar em obedecer é engano; não é o verdadeiro discernimento, embora tenhamos muito conhecimento intelectual. Salomão é a prova bíblica de que mesmo o verdadeiro discernimento pode dar lugar a uma ilusão destrutiva. A desobediência arruína inevitavelmente o discernimento. A única forma de guardar-se contra isso é tornar-se praticante da Palavra, e não somente ouvinte.

Siga Líderes que Têm Discernimento

O quarto passo em nossa série para o discernimento bíblico é: *imite aqueles que demonstram bom discernimento.* Não siga a liderança daqueles que são "agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina" (Ef 4.14). Procure e siga líderes que demonstram habilidade de discernir, analisar e refutar a heresia, bem como de ensinar as Escrituras com clareza e exatidão. Leia autores que provam ser cuidadosos no lidar com a verdade divina. Ouça pregadores que manejam corretamente a Palavra da Verdade. Exponha-se ao ensino de pessoas que pensam de forma crítica, analítica e cuidadosa. Aprenda de pessoas que compreendem onde as heresias têm atacado a igreja no decorrer da história. Coloque-se sob a tutela daqueles que servem como sentinelas da igreja.

Eu mesmo faço isso. Há certos autores que têm demonstrado habilidade no manejo da Palavra e em cujo julgamento passei a confiar. Quando me deparo com algum assunto difícil — seja um problema teológico, uma controvérsia, um novo ensino que eu nunca tinha ouvido antes ou qualquer outra coisa — volto-me primeiramente a esses autores, a fim de saber o que têm a dizer. Eu não buscaria ajuda em uma fonte incerta ou em um teólogo desconhecido. Quero saber o que têm a dizer aqueles que são hábeis em expor o erro e talentosos em apresentar a verdade.

Tem havido homens de discernimento notáveis em quase todas as épocas da história da igreja. Seus escritos permanecem como fontes de valor inestimável para qualquer que deseje cultivar discernimento. Martyn Lloyd-Jones e J. Gresham Machen são apenas dois dos muitos homens do século passado que se sobressaíram na batalha pela verdade. Charles Spurgeon, Charles Hodge e outros escritores do século XIX deixaram um rico legado de escritos para nos ajudar a discernir entre a verdade e o erro. No século anterior, Thomas Boston, Jonathan Edwards e George Whitefield lutaram pela verdade, do mesmo modo que muitos outros como eles. A época anterior ficou conhecida como a era Puritana — nos séculos XVI e XVII, que nos deram indubitavelmente o catálogo mais rico de fontes para o

discernimento. Antes disso, os Reformadores lutaram bravamente pela verdade da Palavra de Deus, contra a tradição dos homens. Quase todas as eras antes da Reforma tiveram piedosos homens de discernimento que se colocaram contra a heresia e defenderam a verdade da Palavra de Deus. Agostinho, por exemplo, precedeu João Calvino em mais de mil anos, mas travou as mesmas batalhas teológicas e proclamou exatamente as mesmas doutrinas. Calvino e os Reformadores se basearam, imensamente, nos escritos de Agostinho, à medida que formulavam seus próprios argumentos contra a heresia. No ano 325, Atanásio, um contemporâneo de Agostinho, tomou uma posição decisiva contra o arianismo, o mesmo erro que é perpetuado pelas Testemunhas de Jeová em nossos dias. Seus escritos permanecem ainda hoje como resposta definitiva a esta heresia.

Boa parte do legado escrito que esses gigantes espirituais deixaram ainda está disponível hoje. Todos podemos aprender desses homens de discernimento — e faríamos muito bem em imitar a clareza com que falavam a verdade contra o erro.

Aqueles que podem expor e responder os erros dos falsos mestres são colocados no corpo de Cristo para auxiliar a todos nós a pensarmos de maneira crítica e clara. Aprenda com eles.

Dependa do Espírito Santo

Por mais importantes que sejam os exemplos humanos, o Espírito de Deus é o verdadeiro Discernidor. O seu papel é guiar-nos em toda a verdade (Jo 16.13). 1 Coríntios 2.11 afirma: "As coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus". Paulo prossegue e diz:

> *Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se*

> *discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém* (vv. 12-15).

Portanto, o discernimento depende, em última análise, do Espírito Santo. À medida que somos cheios do Espírito de Deus e controlados por Ele, recebemos discernimento.

Estude as Escrituras

Finalmente, retornamos ao ponto que abordamos reiteradamente. Ele nunca será enfatizado em demasia. *O verdadeiro discernimento exige estudo diligente das Escrituras.* Nenhum dos outros passos é suficiente sem este. Ninguém pode ser verdadeiramente discernidor, se permanece distante da autoridade da Palavra de Deus. Nem todo o desejo do mundo pode lhe trazer discernimento, se você não estuda as Escrituras. A oração por discernimento não é suficiente. A obediência sozinha não basta. Bons exemplos também não ajudarão. Sem a Palavra, nem mesmo o Espírito Santo lhe dará discernimento. Se você quer ter realmente discernimento, precisa estudar diligentemente a Palavra de Deus.

Na Palavra de Deus, você aprenderá os princípios para o discernimento. Aprenderá a verdade. Somente na Palavra, você poderá seguir o caminho para a maturidade.

O discernimento floresce somente em um ambiente de estudo e ensino fiel da Bíblia. Observe que em Atos 20, quando Paulo estava deixando os presbíteros efésios, ele lhes advertiu que as influências mortais os ameaçariam em sua ausência (vv. 28-31). Ele os instou a vigiarem, a estarem alerta (vv. 28, 31). Como? Que defesa ele deixaria para ajudá-los a protegerem-se dos ataques de Satanás? Apenas a Palavra de Deus: "Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados" (v. 32).

Vamos considerar, mais uma vez e de maneira detalhada, 2 Timóteo 2.15: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da

verdade". Atente às implicações deste mandamento. Em primeiro lugar, ele propõe que a pessoa de discernimento precisa ser capaz de distinguir entre a Palavra da Verdade e os "falatórios inúteis", mencionados no versículo 16. Isto pode parecer óbvio, mas não precisa ser tomado como certo. A tarefa de separar a Palavra de Deus das tolices humanas apresenta um tremendo desafio para muitos em nossos dias. Um vislumbre em alguns dos absurdos que proliferam nas igrejas e na mídia cristã confirmará a veracidade disso. Atente também aos muitos livros "evangélicos" que surgiram em defesa de opiniões estranhas. Temos de evitar essa tolice e nos dedicarmos à Palavra de Deus. Precisamos estar aptos a distinguir entre a verdade e o erro.

Como? A tradução Brasileira (SBB) usa a palavra "esforça-te". Esta palavra ilustra um trabalhador realizando o esforço máximo em sua tarefa. Descreve alguém motivado por um compromisso com a excelência. "Esforça-te para te apresentar diante de Deus aprovado" (Trad. Brasileira — SBB). A frase no texto grego fala, literalmente, sobre o colocar-se ao lado de Deus como um cooperador digno de se identificar com Ele.

Além disso, Paulo diz que este obreiro aprovado "não tem de que se envergonhar". A palavra "envergonhar" é muito importante para toda a argumentação de Paulo. Um trabalhador relaxado *deveria* ficar envergonhado, por prestar um trabalho de baixa qualidade. E um servo do Senhor, ao lidar com a Palavra da Verdade sem qualquer cuidado, tem um motivo infinitamente maior para sentir-se envergonhado.

Paulo sugere nesta passagem que ficaremos envergonhados diante do próprio Deus, se falharmos em manejar a Palavra da Verdade com discernimento. Se não pudermos estabelecer distinção entre a verdade e o fútil palavreado mundano; se não pudermos identificar e refutar os falsos mestres ou se não pudermos manejar a verdade de Deus com habilidade e entendimento, *devemos* ficar envergonhados.

E, se temos de compartilhar corretamente a Palavra da Verdade, precisamos ser muito diligentes em estudá-la. Não há atalhos. Apenas quando compreendemos bem a Palavra de Deus, somos tornados "perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra" (3.17). Esta é a essência do discernimento.

Continue Crescendo

Apresentando-o de modo simples, a maturidade espiritual é o processo de aprender a discernir. De fato, o caminho para o verdadeiro discernimento é o caminho do crescimento espiritual — e vice-versa. Crescimento na graça é um processo contínuo durante nossa vida terrena. Nenhum crente atinge a maturidade completa deste lado do céu. "Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido" (1 Co 13.12). Precisamos crescer continuamente "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3.18). Precisamos desejar ardentemente "o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento" (1 Pe 2.2).

À medida que amadurecemos, nossos sentidos são exercitados para discernir tanto o bem como o mal (Hb 5.14). Quando deixamos de ser crianças, ganhamos estabilidade (Ef 4.14-15). Pessoas maduras *são* pessoas de discernimento.

Aprendemos isto do mundo natural. A parte principal da responsabilidade dos pais consiste em treinar os filhos a discernir. Fazemos isto continuamente, até quando nossos filhos se tornam adolescentes. Nós os ajudamos a pensar sobre assuntos diferentes, a compreender o que é sábio ou insensato e os induzimos a tomar as decisões corretas. Nós os ajudamos a discernir. Na verdade, o objetivo da tarefa dos pais é criar filhos capazes de discernir. Isto não acontece automaticamente e não acontece sem instrução diligente, por toda a vida.

Isto também é verdade no que diz respeito às coisas espirituais. Você não ora por discernimento e, de repente, acorda com sabedoria em abundância. É um processo de crescimento.

Permaneça no caminho da maturidade. Às vezes, isto envolve sofrimento e provações (Tg 1.2-4; 1 Pe 5.10). Freqüentemente, necessita do castigo divino (Hb 12.11). E sempre requer disciplina pessoal (1 Tm 4.7-8). Mas a recompensa é rica:

Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm... Filho meu, não se apartem estas coisas dos teus olhos; guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso; porque serão vida para a tua alma e adorno ao teu pescoço. Então, andarás seguro no teu caminho, e não tropeçará o teu pé. (Pv 3.13-18, 21-23)

Estas riquezas, diferentemente dos diamantes, manterão seu valor e brilho por toda a eternidade. A alternativa é uma vida de confusão teológica, na qual os tesouros espirituais são confundidos com falsificações espirituais.

> *Quem é sábio, que entenda estas coisas; quem é prudente, que as saiba, porque os caminhos do* SENHOR *são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão.*
>
> Oséias 14.9

OURO DE TOLO?

Numa época de grande indulgência, evangélicos de toda parte têm abandonado a prática do discernimento, aceitando todo tipo de conceitos antibíblicos que causam confusão e condescendência com o erro. Todavia, a Palavra de Deus deixa claro que nem tudo que reluz é ouro. Falsos ensinos estão em cada esquina, e a tentação de aceitá-los é grande. Como povo de Deus, somos chamados a analisar o imenso número de tradições e tendências, usando a Escritura para determinar quais são verdadeiros tesouros e quais são ouro de tolo.

John MacArthur e seus contribuidores apresentam de forma clara os princípios do discernimento bíblico, usando-os para abordar diversos assuntos que têm inquietado os evangélicos contemporâneos. Eles fornecem uma crítica direta e bíblica de algumas tendências populares, mas desastrosas, como a pregação diluída e os best-sellers de doutrina questionável. O Dr. MacArthur termina com um plano prático para cultivar o discernimento na vida cristã.

Todo crente – e não apenas os pastores e presbíteros – tem o dever de seguir o mandamento bíblico de reter o que é bom e rejeitar o mal. Este livro fornecerá ao leitor um alicerce para o discernimento bíblico, capacitando-o a fazer distinções cuidadosas em sua maneira de pensar sobre a Verdade.

FIEL